



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação Física

JÚLIA BARREIRA AUGUSTO

DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL PRATICADO POR MENINAS E
MULHERES: CONCEITOS, AÇÕES E IMPLICAÇÕES

CAMPINAS
2021

JÚLIA BARREIRA AUGUSTO

DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL PRATICADO POR MENINAS E
MULHERES: CONCEITOS, AÇÕES E IMPLICAÇÕES

*Tese apresentada à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas como parte
dos requisitos exigidos para a
obtenção do título de Doutora em
Educação Física, na Área de
Biodinâmica do Movimento e
Esporte*

Orientadora: LARISSA RAFAELA GALATTI

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA
PELA ALUNA JÚLIA BARREIRA
AUGUSTO E ORIENTADA PELA PROFA.
DRA. LARISSA RAFAELA GALATTI

CAMPINAS
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

Au45d Augusto, Júlia Barreira, 1991-
Desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres : conceitos, ações e implicações / Júlia Barreira Augusto. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Larissa Rafaela Galatti.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Participação. 2. Desempenho esportivo. 3. Agentes esportivos. 4. Estratégia. 5. Gestão esportiva. I. Galatti, Larissa Rafaela. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Women's football development : concepts, actions and implications

Palavras-chave em inglês:

Participation

Sport performance

Sport stakeholders

Strategies

Sport management

Área de concentração: Biodinâmica do Movimento e Esporte

Titulação: Doutora em Educação Física

Banca examinadora:

Larissa Rafaela Galatti [Orientador]

Sérgio Settani Giglio

Cacilda Mendes dos Santos Amaral

Jacqueline Martins Patatas

Mariana Zuaneti Martins

Data de defesa: 27-05-2021

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e Informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <http://orcid.org/0000-0002-8065-4359>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/2462983373432879>

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Larissa Rafaela Galatti
Presidenta da banca
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio
Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Cacilda Mendes dos Santos Amaral
Universidade Estadual de Minas Gerais

Profa. Dra. Jacqueline Martins Patatas
Vrije Universiteit Brussel

Profa. Dra. Mariana Zuaneti Martins
Universidade Federal do Espírito Santo

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho contou com o financiamento (bolsa de doutorado) fornecido pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) sob protocolo 165221/2018-6.

RESUMO

O desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres tem atraído a atenção de praticantes, governos e cientistas do mundo todo. Apesar da crescente popularidade, poucos estudos investigaram os agentes, as estratégias e os recursos que desafiaram a hegemonia dos homens na modalidade pela perspectiva da gestão do esporte. O objetivo geral desse estudo é analisar o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres, buscando identificar os elementos que potencializaram ou limitaram esse processo. Para analisar esse complexo fenômeno, realizamos três estudos correspondentes aos capítulos da tese. A partir da revisão integrativa realizada no Capítulo 1, definimos o desenvolvimento do esporte como um processo longitudinal de melhoria imerso em fatores sociais, políticos e econômicos. Esses aspectos influenciam a ação de agentes esportivos que podem implementar estratégias e fornecer recursos para promover a maior participação e desempenho no esporte. No Capítulo 2 analisamos o processo de desenvolvimento do futebol de mulheres em onze países do mundo que apresentam elevados níveis de participação e desempenho nos seus continentes. A partir de entrevistas semiestruturadas com agentes esportivos das diferentes nacionalidades, encontramos um futebol de mulheres em desenvolvimento, tendo os Estados Unidos (EUA) como principal referência nesse processo. O país se destaca pela participação efetiva das organizações esportivas, oferecimento de competições esportivas, estabelecimento de uma liga profissional e processo de formação de profissionais de comissão técnica. Esses elementos são apontados como necessários nos demais países investigados. A baixa quantidade de público nos estádios e de mulheres em cargos de liderança aparecem como pontos a serem melhorados tanto no sistema norte-americano quanto nos outros países. Além dos aspectos da gestão do esporte, a apropriação cultural e superação das barreiras de gênero, também aparecem como elementos fundamentais para o desenvolvimento do esporte. Por fim, no Capítulo 3 analisamos as ações da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) para o desenvolvimento do futebol de mulheres no continente sul-americano a partir das notícias disponíveis no site oficial da organização. As ações da CONMEBOL são recentes e propostas, na maioria dos casos, para suprir as exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Ao mesmo tempo que as notícias mostram uma preocupação dos dirigentes da confederação com o futebol de mulheres, também revelam a ausência de um programa de desenvolvimento com metas claras e objetivas. Identificamos que as competições esportivas correspondem ao primeiro e principal recurso oferecido pela CONMEBOL para as praticantes no continente. Além das contribuições teóricas, o conhecimento produzido a partir desses três estudos pode auxiliar diferentes agentes do sistema esportivo em tomadas de decisão para ampliar as oportunidades de acesso, o engajamento e a manutenção de meninas e mulheres no futebol.

Palavras-chaves: participação; desempenho esportivo; agentes esportivos; estratégia; gestão esportiva

ABSTRACT

The development women's football has attracted the attention of practitioners, governments and researchers worldwide. Despite its growing popularity, few studies have investigated the stakeholders, strategies and resources that challenged the hegemony of men in the sport from a sport management perspective. The general aim of this study was to analyze the development of women's football identifying the elements that have fostered or limited this process. To analyze this complex phenomenon, we carried out three studies corresponding to the thesis chapters. Based on the integrative review carried out in Chapter 1, we defined the development of sport as a longitudinal process of increasing sport participation and improving performance immersed in cultural, social, political and economic factors. Stakeholders can catalyze this process by proposing strategies of development and providing resources for sports practice. In Chapter 2 we analyze the development of women's football in eleven countries in the world that have highest levels of participation and performance in their continents. Based on the semi-structured interviews with stakeholders from different nationalities, we found the women's football in development, being the United States (USA) the main reference in this process. The country stands out for the effective participation of sports organizations, for offering sports competitions, for establishing a professional league and for the development of coaches and coaching staff. These elements are pointed out as necessary in the other countries. The low attendance in the stadiums and participation of women in leadership positions appear as points to be improved both in the North American system and in the other countries. In addition to aspects of sport management, cultural appropriation and overcoming gender barriers also appear as fundamental elements for the sport development. Finally, in Chapter 3 we analyze the actions of the South American Football Confederation (CONMEBOL) for the development of women's football in the continent based on the news available on the official website of the confederation. CONMEBOL's actions are recent and proposed, in most cases, to meet the demands of the International Football Federation (FIFA). The news shows a concern of women's football, but reveals the absence of a development program. We identified that sports competitions correspond to the first and main resource offered by CONMEBOL for practitioners on the continent. In addition to theoretical contributions, the knowledge produced from the three studies are important to stakeholders in decision making to expand opportunities for access, engagement and maintenance of girls and women in football.

Key-words: participation; sport performance; sport stakeholders; strategies; sport management.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
A PESQUISADORA	11
JUSTIFICATIVA DO ESTUDO.....	13
ORGANIZAÇÃO DA TESE.....	16
TESE.....	18
REFERÊNCIAS.....	20
CAPÍTULO 1 - DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	22
INTRODUÇÃO	22
REVISÃO DE LITERATURA.....	24
MÉTODOS	26
Base de dados	26
Busca pelos estudos.....	27
Critérios de inclusão e exclusão	29
Coleta dos dados.....	29
Análise dos dados.....	31
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	32
Ano e revistas de publicação.....	32
Áreas e objetos de estudo	34
Conceito de desenvolvimento esportivo	37
Representação geográfica: autores e investigação	38
Modalidades e gênero.....	41
Coleta de dados	42
Nível geográfico.....	44
LIMITAÇÕES	45
CONCLUSÕES	45
REFERÊNCIAS.....	47
CAPÍTULO 2 - FUTEBOL DE MULHERES: UMA ANÁLISE INTERNACIONAL DOS FATORES DE DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE	55
INTRODUÇÃO	55
REVISÃO DE LITERATURA.....	56
Futebol praticado por meninas e mulheres.....	56
Desenvolvimento do esporte	58

Estudos comparativos na área de gestão do esporte.....	59
MÉTODOS	59
Participantes	61
Etapa 1.....	61
Etapa 2.....	63
Coleta de dados	65
Confiabilidade	66
Análise dos dados.....	67
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	69
Futebol de mulheres desenvolvido ou em desenvolvimento?.....	69
O recente processo de desenvolvimento do futebol de mulheres.....	73
“A questão de relevância no cenário do futebol feminino é dos Estados Unidos em primeiro, segundo e terceiro lugar”	75
Os recursos necessários para o desenvolvimentos: competições, organizações esportivas e formação de treinadores(as)	79
Os parâmetros do não desenvolvimento: a baixa presença de público nos estádios e de mulheres em cargos de liderança.....	84
LIMITAÇÕES E ESTUDOS FUTUROS.....	87
CONCLUSÕES	88
REFERÊNCIAS.....	89
CAPÍTULO 3 - CONMEBOL E FUTEBOL DE MULHERES: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO (IN)EXISTENTES NA AMÉRICA DO SUL.....	97
INTRODUÇÃO	97
REVISÃO DE LITERATURA.....	98
Organizações esportivas no futebol.....	98
Desenvolvimento do futebol praticado por homens e impedimento às mulheres .	101
Futebol de mulheres: da restrição à obrigação	103
MÉTODOS	106
Coleta de dados	106
Análise dos dados.....	107
Confiabilidade	110
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	110
Competições esportivas: o primeiro e principal recurso às praticantes	111
Desenvolvimento do futebol de mulheres com a FIFA ou para a FIFA?	114
Programas de desenvolvimento.....	117
LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	119

CONCLUSÕES	119
REFERÊNCIAS.....	122
PRINCIPAIS ACHADOS	129
CONCLUSÕES	132
TRABALHOS REALIZADOS DURANTE O DOUTORADO RELACIONADOS À TESE.....	136
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL	136
MATERIAL DIDÁTICO PRODUZIDO	136
PUBLICAÇÕES EM EVENTOS CIENTÍFICOS	137
ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS.....	137
CAPÍTULO DE LIVRO PUBLICADO	138
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO CO-ORIENTADOS.....	138
INICIAÇÕES CIENTÍFICAS CO-ORIENTADAS	139
PREMIAÇÕES	140
ANEXOS	141

INTRODUÇÃO

A PESQUISADORA

Os leitores que conhecem minha trajetória acadêmica provavelmente esperam um texto repleto de análises estatísticas ou modelos matemáticos utilizados para analisar o desempenho esportivo de meninas e mulheres no futebol. Mas, curiosamente, esse doutorado investiga o futebol de mulheres por outra perspectiva. Exploramos a complexa relação entre gestão, sociologia e história do esporte e como elementos dessas diferentes áreas do conhecimento possibilitam uma maior compreensão sobre o processo de desenvolvimento do esporte. Portanto, o trabalho é baseado majoritariamente em métodos qualitativos e as poucas ferramentas estatísticas presentes nos capítulos foram utilizadas apenas para sumarizar alguns achados. Dada a aparente contradição existente entre as metodologias utilizadas nos estudos por mim realizados, é importante explicar como as minhas crenças pessoais permitem essa mobilidade entre as diferentes áreas do conhecimento, assim como a utilização de diferentes métodos de pesquisa.

A ciência representa uma das formas de conhecimento para explicar os fenômenos presentes no dia-a-dia (MARCONI; LAKATOS, 2010). Já a pesquisa é definida pela sistematização da busca pelo conhecimento, ou seja, é o procedimento que permite responder os problemas e produzir achados originais (KOTHARI; GARG, 2008). A pesquisa pode ser caracterizada de diferentes formas de acordo com a sua finalidade, abordagem, objetivos e procedimentos. A abordagem tem particular importância porque se refere à característica qualitativa ou quantitativa do estudo, sendo a escolha metodológica influenciada pelo modo como o(a) pesquisador(a) entende e interpreta a realidade do mundo. Esse ponto de partida, ou olhar do(a) pesquisador(a) para o mundo, é também denominado de paradigma (KUHN, 2007). Compostos por diferentes pressupostos que permitem explicar a realidade, os paradigmas podem apresentar intersecções entre si ou serem mutualmente excludentes (CRESWELL, 2013; CRESWELL; PLANO CLARK, 2011; GRIX, 2002). Quando alocados em um *continuum*, o positivismo e interpretativismo/construtivismo representam os limites opostos dessas correntes (GRIX, 2002).

Os paradigmas são comumente definidos pela base ontológica e epistemológica do(a) cientista. A ontologia se refere à forma e natureza da realidade (GRIX, 2002). A epistemologia se relaciona com a produção do conhecimento, como a realidade pode ser

conhecida, e principalmente como se dá a relação entre o(a) pesquisador(a) e a realidade (GRIX, 2002). Para cientistas positivistas, a realidade é algo que existe e que está disponível para ser descoberta, mensurada e quantificada. As metodologias quantitativas são amplamente utilizadas por essa corrente dado que o mundo pode ser mensurado de forma que a presença do(a) pesquisador(a) não afeta o fenômeno observado. Já para a corrente denominada de interpretativista/construtivista, a realidade pode ser observada e explicada de diferentes formas e a interpretação do mundo é dependente da lente utilizada pelo(a) pesquisador(a). As diferentes metodologias qualitativas permitem explorar a realidade como uma construção humana, reconhecendo que cientista e objetivo de estudo estão em constante interação.

O olhar do(a) cientista para a realidade determina sua ontologia, epistemologia e, conseqüentemente, seu paradigma de pesquisa. A escolha por uma metodologia qualitativa ou quantitativa revela a (in)coerência do(a) pesquisador(a) com a sua visão de mundo. Os estudos apresentados anteriormente demonstram a clara dicotomia existente, o positivismo e interpretativismo e como essas correntes opostas também produziram tensões entre pesquisas qualitativas e quantitativas (DENZIN, 2010). Mesmo com uma formação majoritariamente positivista, reconheço a importância de ambas as correntes para a produção de conhecimento e transformação da realidade. Levando em consideração as especificidades de cada abordagem, penso que o diálogo e a aproximação entre as diferentes produções de conhecimento podem ser mais produtivos para o avanço da sociedade do que sustentar a disputa entre elas.

Muito antes de iniciar minha reflexão sobre o fazer ciência, diversos pesquisadores(as) também se incomodaram com a guerra entre metodologias qualitativas e quantitativas e propuseram novos paradigmas que permitissem transitar entre as correntes opostas. O pragmatismo surge como uma alternativa entre o positivismo e interpretativismo. Proposto na década de 1990, o pragmatismo é centrado no problema de pesquisa e reconhece a importância das abordagens pluralísticas para produzir conhecimento sobre o fenômeno investigado (CRESWELL, 2013). Para essa corrente, mais importante do que corrente filosófica seguida, é a capacidade do(a) pesquisador(a) em utilizar métodos que permitam responder a pergunta do estudo de forma confiável e que possibilitem o avanço do conhecimento (MORGAN, 2014). O objeto de pesquisa e o contexto social, político e histórico, se tornam os elementos centrais para o delineamento metodológico. Por esses motivos, o pragmatismo é o paradigma de pesquisa

comumente seguido por pesquisadores(as) que utilizam métodos mistos, ou que transitam entre métodos qualitativos e quantitativos.

As características listadas acima, unidas às minhas percepções de mundo, tornam o pragmatismo o paradigma de pesquisa a ser seguido e justificam a minha mobilidade entre metodologias qualitativas e quantitativas. Ao investigar o desenvolvimento do futebol de mulheres parto do princípio que os sistemas esportivos não são fenômenos naturais, mas sim produtos dos processos de tomada de decisão humana e da cooperação entre agentes (PATATAS, 2019). O uso de métodos qualitativos possibilita investigar o fenômeno com maior profundidade considerando os sistemas esportivos como construções da interação humana, enquanto os métodos quantitativos apresentariam limitações ao tentar controlar as variáveis do estudo e generalizar achados que são dependentes dos contextos culturais, políticos e econômicos.

É importante reforçar que esse estudo não utiliza métodos mistos de pesquisa e nem pressupõe uma superioridade do pragmatismo frente a outras correntes de pesquisa. Reconheço as limitações e críticas recebidas pelo pragmatismo (AHMED; SIL, 2012) e que, atualmente, minha identificação com essa abordagem é influenciada pela temática do estudo e imersão em um laboratório cuja área de pesquisa é voltada à pedagogia do esporte. Assim como no passado minhas experiências foram majoritariamente positivistas, é possível que essa visão do mundo seja influenciada por novas experiências e, conseqüentemente, seja passível de mudanças. Além disso, é importante reconhecer o avanço diário da ciência e a possibilidade do surgimento de novas correntes que sejam ainda mais coerentes com as diferentes visões de mundo. Por fim, o caráter pragmático permite não só compreender as diferentes metodologias utilizadas ao longo do trabalho, mas também entender a forma de organização e escrita do texto, assim como de apresentação e interpretação dos resultados.

JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

O desejo pela pesquisa pode partir da curiosidade pessoal em relação à determinado tema, ou por uma razão prática na produção de conhecimento que promova a transformação e/ou um processo mais eficiente (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). As duas razões contribuíram para o desenvolvimento desse projeto de doutorado. Pessoalmente, o estudo sobre o desenvolvimento do esporte é movido por um desejo de

democratização da prática esportiva e pela busca por fatores que podem favorecer a entrada, a permanência e a formação de praticantes no esporte. A escolha pelo o futebol praticado por meninas e mulheres reflete um incomodo pessoal em relação às questões de gênero no esporte e na sociedade. O futebol foi uma das modalidades mais vinculadas aos ideais de masculinidade e que, conseqüentemente, apresentou grande resistência social para a participação de meninas e mulheres. As proibições legais decretadas durante o século XX em países como o Brasil, a Inglaterra e a Nova Zelândia reforçaram as barreiras sociais já existentes e distanciaram ainda mais as praticantes da modalidade (COX, 2003; GOELLNER, 2005; WILLIAMS, 2003). Essa contextualização torna o futebol uma modalidade interessante de ser estudada em relação ao seu processo de desenvolvimento e democratização, pois é caracterizado com um caso extremo de exclusão de meninas e mulheres.

Além do interesse e motivação pessoal, a pesquisa é caracteriza pelo avanço do conhecimento e pela produção de achados originais (KOTHARI; GARG, 2008). Nesse sentido, é necessário identificar lacunas científicas e sistematizar métodos de pesquisa que permitam produzir novos conhecimentos. As recentes revisões realizadas sobre o tema mostraram que a maioria dos estudos nacionais e internacionais sobre o futebol de mulheres se debruçaram sobre as questões históricas e sociológicas relacionadas à prática esportiva (BARREIRA et al., 2018; VALENTI et al., 2018). Esses estudos trouxeram discussões importantes ao mostrar que o futebol é dominado por homens não porque as mulheres são desinteressadas ou incapazes, mas devido às barreiras institucionais e sociais que por décadas as impediram de jogar. As investigações mostraram como os ideais de masculinidade e feminilidade construídos durante o século XX também generificaram as práticas esportivas.

Dadas as associações estabelecidas entre futebol e ideais de gênero, recentemente a pesquisadora Cláudia Kessler (2015) propôs uma adequação da terminologia “futebol feminino” para “futebol de mulheres”. A proposta da autora se caracteriza como uma “alternativa de pensamento em relação às mulheres no futebol, as quais podem expressar masculinidades e feminilidades que se afastam ou se aproximam das noções hegemônicas/tradicionais que lhes são impostas socialmente”. Entendemos que esse termo busca romper com a ideia tradicional do “feminino” que, em muitos casos, ressalta a vaidade, a heterossexualidade e a sexualização das jogadoras. Reconhecemos que o “futebol de mulheres” representa um universo complexo e heterogêneo, marcado por diferentes classes sociais, etnias, gêneros e religiosidades (KESSLER, 2015). Ao longo

desse texto nos apropriamos do posicionamento político da autora e priorizamos a utilização da nova nomenclatura proposta. Em alguns momentos também utilizamos o termo “futebol praticado por meninas e mulheres” com o intuito de ampliar a prática e englobar praticantes de diferentes faixas etárias.

Se por um lado as construções sociais foram debatidas e estudadas, por outro, as investigações sobre as ações e os recursos que catalisaram a prática do futebol por meninas e mulheres ainda são escassas. Esses elementos organizacionais são comumente investigados pela área da gestão do esporte. Nacionalmente, ao investigarmos o estado da arte sobre futebol e futsal praticado por mulheres no Brasil, não encontramos nenhum estudo na área da gestão do esporte (BARREIRA et al., 2018). Internacionalmente, Valenti, Scelles e Morrow (2018) mostraram que apenas 4% dos estudos internacionais sobre a prática do futebol por mulheres nas áreas de ciências sociais, humanidades e administração são relacionados à gestão. Essa lacuna também foi identificada por cientistas da área que indicaram a necessidade de trabalhos que investiguem os agentes, as ações e os recursos que desafiaram as construções sociais e que promoveram transformações no esporte (PFISTER, 2015; VALENTI; SCELLES; MORROW, 2018). De acordo com Pfister (2015) e Valenti et al. (2018), estudos comparativos na área da gestão do esporte poderiam avançar com o conhecimento ao possibilitar uma maior compreensão sobre os fatores que fomentaram a democratização de uma modalidade esportiva com histórico de hegemonia masculina. O conhecimento produzido a partir desse estudo poderia auxiliar diferentes agentes do sistema esportivo em tomadas de decisão que possibilitem ampliar as oportunidades de acesso, o engajamento e a manutenção de meninas e mulheres no esporte (VALENTI; SCELLES; MORROW, 2018).

Apesar do referencial teórico desse trabalho ser baseado majoritariamente na gestão do esporte, o debate proposto necessariamente transita pelas áreas da história e sociologia do esporte. Dada a importância das construções sociais nos impedimentos enfrentados por meninas e mulheres na prática do futebol, pensar no desenvolvimento da modalidade necessariamente implica no estudo sobre aspectos relacionados às construções de gênero (PFISTER, 2015). Compreender o conceito de gênero possibilita entender a complexidade das ações, agentes e recursos (in)existentes no desenvolvimento futebol de mulheres. O gênero como uma categoria de análise permite compreender que as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres não são naturais nem biologicamente determinadas, mas sim construções culturais e sociais em específicos

locais e tempos (SCOTT, 1995). Essas diferenças são utilizadas para justificar e sustentar uma suposta superioridade dos homens, promovendo um processo exclusão e inferiorização da mulher na sociedade e no esporte (GOELLNER, 2007).

Estudiosas da área concordam que gênero não é algo que somos ou temos, mas algo que fazemos e pensamos, ambos em um conjunto de práticas sociais e de um sistema de significados culturais (WEST; ZIMMERMAN, 1987). Fazendo gênero reproduzimos e reforçamos as diferenças entre homens e mulheres diariamente, naturalizando algo socialmente construído (WEST; ZIMMERMAN, 1987). O esporte é uma prática sistemática de reafirmação e naturalização das diferenças entre homens e mulheres; portanto, participando do esporte estamos sempre fazendo gênero (PFISTER; POPE, 2018).

Entendendo que a linguagem também é construída e utilizada de forma a fazer gênero, principalmente quando naturalizamos e generalizamos o uso de adjetivos e substantivos no masculino, buscamos utilizar uma linguagem mais neutra ao longo do texto. Além disso, demarcamos a presença das mulheres, que normalmente são invisibilizadas no universo esportivo, utilizando termos como treinadores(as), gestores(as) e pesquisadores(as).

ORGANIZAÇÃO DA TESE

O primeiro desafio enfrentado ao estudar o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres é compreender as múltiplas facetas associadas ao termo “desenvolvimento”. Originalmente proposto por economistas, o conceito foi utilizado no esporte para julgar o processo de longitudinal e de melhoria das modalidades esportivas (MORRISON, 2014). O termo tem sido amplamente utilizado por praticantes, comissão técnica e cientistas de diferentes áreas do conhecimento, apresentando diversas possibilidades de interpretação. No Capítulo 1 desenvolvemos uma revisão integrativa sobre o assunto com o objetivo de investigar o conceito de “desenvolvimento esportivo”, identificar quais elementos compõe esse processo e as possíveis lacunas da literatura. A partir de um processo sistemático de busca e leitura dos artigos científicos, a revisão foi baseada em 65 estudos publicados em 23 periódicos internacionais na área da gestão, sociologia e história do esporte. A partir dos textos analisados, caracterizamos o desenvolvimento do esporte e identificamos a importância dos agentes, das estratégias e

dos recursos nesse processo. Esses conhecimentos foram utilizados como referencial teórico e auxiliaram no desenho metodológico dos próximos capítulos.

No Capítulo 2 desenvolvemos um estudo comparativo buscando identificar os fatores que fomentaram ou limitaram o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres em onze países de diferentes continentes. Esses países foram selecionados por apresentarem as características apontadas pela literatura como necessárias para serem considerados desenvolvidos na modalidade. Por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade com agentes que desenvolvem, influenciam e moldam o sistema do futebol de mulheres (por exemplo, treinadores(as), gestores(as) esportivos, acadêmicos(as) e formuladores(as) de políticas esportivas), identificamos os fatores-chave que influenciam o desenvolvimento do esporte (PATATAS, 2019). Os dados, derivados de interações com as partes interessadas nas entrevistas, permitiram explorar percepções e entendimentos (compartilhados) que, em conjunto, podem ser considerados fundamentais no desenvolvimento dos sistemas esportivos (PATATAS, 2019).

Os dois primeiros capítulos foram fundamentais na construção e sustentação da tese relacionada ao desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres. Esses estudos iniciais foram caracterizados por um caráter mais teórico na busca de definições e caracterizações do processo de desenvolvimento. Já o último estudo se caracteriza como aplicações práticas dessa base teórica. No Capítulo 3 utilizamos os conhecimentos apresentados anteriormente para analisar as ações da CONMEBOL para o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres no continente sul-americano. É importante justificar a inclusão desse capítulo na tese, assim como o agente escolhido para a investigação. Primeiramente, esse estudo possibilita testar se os conceitos teóricos apresentados nos capítulos anteriores de fato produzem conhecimentos práticos que podem ser utilizados por agentes esportivos na análise e proposta de estratégias para o desenvolvimento do esporte. Segundo, a escolha pela CONMEBOL é justificada pela recente regra de licenciamento de clubes que afeta diretamente a organização do futebol brasileiro. De acordo com a confederação, para que as equipes de homens possam disputar competições internacionais, é necessário que também tenham uma equipe de futebol de mulheres. Nesse estudo nos propusemos a investigar em qual contexto foi estabelecida a nova regra de licenciamento e se ela é acompanhada de outras ações que possibilitem o desenvolvimento do esporte. Recorreremos à análise documental baseada nas notícias publicadas no site oficial da confederação relacionadas ao futebol

praticado por meninas e mulheres para analisar as ações da organização. Uma versão resumida desse estudo foi publicada como capítulo no livro “Futebol de mulheres no Brasil - Desafio para as políticas públicas” organizado por Mariana Zuaneti Martins e Ileana Wenet (2020).

Portanto, a tese foi desenvolvida no modelo por artigos em que cada capítulo corresponde a um estudo independente (Figura 1). Esse texto de introdução tem como objetivo apresentar o fio condutor do trabalho, a relação entre os capítulos e a importância dos três estudos para a sustentação da tese. Ao final, apresentamos as conclusões e relacionamos os achados dos três capítulos apresentando os principais resultados do trabalho.

TESE

Ao final do trabalho mostramos que o desenvolvimento do esporte é um processo longitudinal e de melhoria que possibilita a maior participação e melhora do desempenho esportivo. Apesar dos avanços apresentados pelo futebol de mulheres nos últimos anos, não identificamos o futebol de mulheres como desenvolvido, mas sim em desenvolvimento. Elementos como a baixa presença de público nos estádios, a ausência de mulheres em cargos de liderança e a apropriação cultural do jogo são problemas ainda enfrentados em diferentes países do mundo. Nesse processo de desenvolvimento, os Estados Unidos se destacam e são considerados como a principal potência no futebol de mulheres. A elevada participação das organizações esportivas, o oferecimento de competições para praticantes de diferentes idades e níveis de desempenho, e o fornecimento de cursos de qualificação para treinadores(as) aparecerem como os principais elementos que possibilitam explicar o maior sucesso das norte-americanas. Esses achados reforçam a importância das organizações esportivas como os principais agentes de desenvolvimento no oferecimento de recursos necessários para atrair, manter e formar as praticantes no esporte.

Introdução

- Definição do paradigma da pesquisadora
- Justificativa pessoal para o estudo
- Identificação da lacuna científica
- Organização da tese

Capítulo 1 - Desenvolvimento esportivo: uma revisão integrativa da literatura

- Definição do conceito de desenvolvimento esportivo
- Identificação dos fatores necessários para o desenvolvimento do esporte
- Identificação de lacunas a serem exploradas por estudos futuros

Capítulo 2 - Futebol de mulheres: uma análise internacional dos fatores de desenvolvimento do esporte

- Identificação de países considerados desenvolvidos de acordo com os parâmetros da literatura científica
- Análise dos agentes, das estratégias e dos recursos que fomentaram ou limitaram o desenvolvimento do esporte

Capítulo 3 - CONMEBOL e futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in)existentes na América do Sul

- Aplicação prática dos conceitos apresentados nos capítulos anteriores
- Análise das ações da CONMEBOL para o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres na América do Sul

Conclusões

- Relação entre os achados dos três capítulos e apresentação dos principais resultados do estudo

Figura 1. Organização dos capítulos e caracterização dos estudos que compõe a tese.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Amel; SIL, Rudra. When multi-method research subverts methodological pluralism—or, why we still need single-method research. **Perspectives on Politics**, p. 935-953, 2012.
- BARREIRA, Júlia et al. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento**, v. 24, n. 2, p. 607, 2018.
- CRESWELL, John W. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013.
- CRESWELL, John W; PLANO CLARK, Vicki L. **Designing and conducting mixed methods research**. 2nd. ed. Los Angeles: SAGE Publications, 2011.
- DENZIN, Norman K. Moments, mixed methods, and paradigm dialogs. **Qualitative Inquiry**, v. 16, n. 6, p. 419–427, 2010.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 143, p. 143–51, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v. 13, n. 2, p. 171-196. 2007.
- GRIX, Jonathan. Introducing Students to the Generic Terminology of Social Research. **Politics**, v. 22, n. 3, p. 175–186, 2002.
- KESSLER, Claudia S. **Mais que barbies e ograds: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 2015.
- KOTHARI, Parasmal C.; GARG, Gaurav. **Research methodology: methods and techniques**. New Age International, 2008.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Perspectiva, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ªed. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MORGAN, David L. Pragmatism as a Paradigm for Social Research. **Qualitative Inquiry**, v. 20, n. 8, p. 1045–1053, 2014.

MORRISON, Alec. **Sport Development - Plan, Programme and Practice: A case study of the planned intervention by New Zealand Cricket into cricket in New Zealand**. Tese de doutorado. Massey University, 2014.

PATATAS, Jacqueline Martins. **Sports System and Policy Factors Influencing Athletic Career Pathways in Paralympic Sports**. Tese de doutorado. Vrije Universiteit Brussel, 2019.

PFISTER, Gertrud. Women in sport – gender relations and future perspectives1. **Sport in Society**, v. 13, n. 2, p. 234–248, 2010.

PFISTER, Gertrud; POPE, Stacey (Ed.). **Female Football Players and Fans: Intruding into a man's world**. Springer, 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

VALENTI, Maurizio; SCHELLES, Nicolas; MORROW, Stephen. Women's football studies: an integrative review. **Sport, Business and Management: An International Journal**, p. SBM-09-2017-0048, 2018.

WILLIAMS, Jean. The fastest growing sport? women's football in England. **Soccer and Society**, v. 4, n. 2–3, p. 112–127, 2003.

WEST, Candace; ZIMMERMAN, Don. Doing gender. **Gender and Society**, v. 1, p. 125–151, 1987.

CAPÍTULO 1

DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

INTRODUÇÃO

O termo "desenvolvimento esportivo" tem sido amplamente utilizado na prática esportiva, na gestão e em pesquisas do mundo todo para examinar o processo de aumento da participação esportiva e de oportunidades que maximizem o desenvolvimento pessoal e o desempenho de praticantes (SHILBURY et al., 2008). Com base nesse entendimento, cientistas têm investigado o desenvolvimento do esporte em contextos de iniciação, formação de base e alto desempenho (SHILBURY et al., 2008; SOTIRIADOU; BOSSCHER, 2013; SOTIRIADOU et al., 2008; VERDE, 2005). Em muitos casos, os estudos se concentram nos benefícios sociais e de saúde associados à prática esportiva, guiando sua análise pela quantidade de participantes em programas esportivos (BLACK, 2010; PEACHEY et al., 2019; SCHULENKORF et al., 2016; SKINNER et al., 2008). Por outro lado, investigações têm tentado entender como o desenvolvimento esportivo se traduz em melhores desempenhos (GRIX; CARMICHAEL, 2012), especificamente no que se refere ao sucesso esportivo internacional (DE BOSSCHER et al., 2006; DIGEL, 2002; GREEN; HOULIHAN, 2005; OAKLEY; GREEN, 2001). Desta forma, o desenvolvimento esportivo tem sido examinado tanto à luz da melhora do desempenho (GREEN, 2005) quanto do aumento da participação esportiva (SHILBURY et al., 2008; SOTIRIADOU; BOSSCHER, 2013), consolidando as duas grandes linhas de investigação da área.

Com o grande corpo da literatura produzido a partir dessas duas linhas de investigação, revisões literárias foram realizadas buscando entender como o desenvolvimento esportivo tem sido investigado. Por exemplo, Schlenkorf et al. (2016) teve como objetivo sintetizar as contribuições acadêmicas e fornecer um amplo panorama da literatura sobre esporte para desenvolvimento (*sport for development*). O estudo mostrou uma tendência crescente de publicações a partir do ano 2000, com grande foco em resultados educacionais e sociais relacionados à prática esportiva. O estudo apontou o desenvolvimento positivo, capital social, desenvolvimento comunitário e inclusão social como os principais benefícios associados à participação no esporte

(SCHULENKORF, 2012; SCHULENKORF et al., 2016). Da mesma forma, uma revisão conduzida por De Bosscher et al. (2006) teve como objetivo resumir as políticas esportivas que influenciam o sucesso esportivo internacional. Os achados mostraram que o apoio financeiro, a abordagem integrada do desenvolvimento de políticas esportivas, esporte de base, identificação de talentos, apoio à carreira e pós-carreira, instalações para o treinamento, desenvolvimento de profissionais de comissão técnica, competições esportivas e pesquisa científica correspondem às nove áreas políticas, ou "pilares", que têm importante influência no sucesso esportivo internacional (DE BOSSCHER et al., 2006). Logicamente, a visão do desenvolvimento esportivo é bastante ampla e potencialmente complexa, levando a revisões da literatura sobre temas específicos e deixando alguns temas importantes fora de seu escopo.

Sotiriadou et al. (2008) sugerem que o processo de desenvolvimento é dependente dos agentes, das estratégias e dos recursos fornecidos para atrair, manter e formar participantes no esporte, existindo uma interdependência entre esses elementos. Por exemplo, os agentes formulam diferentes estratégias para direcionar as ações de desenvolvimento. Os recursos, como competições e instalações esportivas, são fundamentais para atrair praticantes e aperfeiçoar seu desempenho esportivo. O uso dessas três estruturas possibilita ilustrar os processos de desenvolvimento do esporte e facilita a representação das relações entre as categorias (SOTIRIADOU et al., 2008). O conhecimento sobre os diferentes agentes, estratégias e recursos fornece concepções menos ingênuas sobre o desenvolvimento esportivo e apresenta diversas possibilidades de ações de acordo com as especificidades de cada esporte e contextos socioculturais. No entanto, esses elementos foram pouco abordados pelas revisões anteriores e podem fornecer conhecimentos valiosos na implementação políticas esportivas mais assertivas. O rico conhecimento que pode ser fornecido para profissionais que atuam no esporte, unido à lacuna da literatura científica, tornam o “desenvolvimento esportivo” o objeto de estudo desse trabalho.

Com o objetivo de mapear os estudos sobre o tema, e explorar os diferentes elementos que compõe esse complexo fenômeno, realizamos uma revisão integrativa da literatura sobre desenvolvimento esportivo. Esse tipo de revisão bibliográfica possibilita identificar as lacunas científicas, a necessidade de novos estudos, as principais teorias e conceitos em relação ao tema, além de estabelecer relação entre trabalhos de diferentes áreas do conhecimento e explorar os métodos de pesquisas utilizados com sucesso (RUSSELL, 2015). Além de todo o conhecimento gerado à comunidade científica, existe

uma justificativa pessoal para a realização dessa revisão. De acordo com Pickering e Byrne (2014) é importante que alunos(as) de doutorado realizem uma revisão de literatura sobre o seu campo de estudo com o objetivo de familiarizarem com o conhecimento atual, com as teorias e os métodos de pesquisa utilizados na área. O conhecimento obtido a partir dessa revisão integrativa foi fundamental na construção desse projeto de doutorado.

REVISÃO DE LITERATURA

A necessidade de sintetizar os achados científicos é reconhecida há mais de dois séculos (GRANT; BOOTH; CENTRE, 2009). Entretanto, apenas no século XX pesquisadores desenvolveram métodos sistemáticos de revisão com o objetivo de reduzir o viés e as falsas conclusões (GRANT et al., 2009). Atualmente existem diversos tipos de revisão de literatura que se diferenciam de acordo com a estrutura e metodologia. De forma simplificada, as revisões podem ser divididas em qualitativas, como meta-síntese, meta-etnografia e meta-estudos, ou quantitativas, como meta-análises e revisões sistemáticas (WHITTEMORE; KNAFL, 2005). Cada tipo de revisão apresenta potencialidades e limitações, e a decisão de utilizar uma ou outra dependerá dos objetivos da revisão, assim como dos recursos humanos e financeiros disponíveis para o estudo. Portanto, o julgamento à qualidade da revisão depende mais da adequação aos propósitos do estudo do que dos padrões ouro que deveriam ou não serem seguidos em uma revisão (GRANT et al., 2009).

Nesse trabalho conduzimos uma revisão integrativa por acreditarmos ser o método mais adequado em relação aos recursos necessários e à capacidade de gerar informações que respondam as perguntas do estudo. A revisão integrativa corresponde a um amplo método de revisão de literatura, que permite a inclusão de estudos experimentais e não experimentais, a fim de compreender melhor o fenômeno investigado. Esse tipo de revisão possibilita combinar dados quantitativos e qualitativos, assim como diferentes tipos de desenhos metodológicos (SOUZA; DIAS; CARVALHO, 2010; WHITTEMORE; KNAFL, 2005). Essa capacidade é importante dado que a temática “desenvolvimento esportivo” será investigada em diversas áreas do conhecimento que utilizam diferentes percursos e recursos metodológicos. Além disso, a revisão integrativa permite que diferentes perguntas ou hipóteses sejam investigadas em uma mesma revisão (SOARES et al., 2014), abordando novamente outra característica desse trabalho.

As revisões da literatura são consideradas pesquisas baseadas em estudos anteriores e que devem seguir o rigor metodológico (COOPER, 1998). Whitemore e Knafl (2005) propuseram cinco etapas para a realização da revisão integrativa, começando com a definição do problema. Assim como toda pesquisa científica, a etapa inicial da revisão de literatura é definir os problemas que serão respondidos com o estudo. Pickering e Byrne (2014) recomendam que no mínimo as seguintes questões sejam abordadas em uma revisão de literatura: i) onde, quando e por quem os estudos foram publicados; ii) a localização geográfica da investigação; iii) os tipos de métodos utilizados; iv) os tipos de sujeitos investigados; v) os tipos de variáveis mensuradas; vi) as diferentes áreas de conhecimento que investigam a temática; e vii) padrões nos resultados. Baseadas nas sugestões dos autores, na lacuna científica apresentada na introdução desse trabalho e nas necessidades pessoais das autoras, as perguntas que guiarão esse estudo são:

P1: Como se comportou o número de estudos sobre o desenvolvimento esportivo ao longo dos últimos anos?

P2: Quais os principais periódicos e áreas de estudo que publicam artigos sobre o desenvolvimento esportivo?

P3: Quais aspectos relacionados ao desenvolvimento esportivo são investigados pelas diferentes áreas de conhecimento?

P4: Qual o conceito de desenvolvimento esportivo utilizado pelas diferentes áreas de conhecimento?

P5: Onde são realizadas geograficamente as investigações sobre o desenvolvimento esportivo?

P6: Quais esportes foram investigados em relação ao seu desenvolvimento?

P7: Quais gêneros foram investigados no processo de desenvolvimento esportivo?

P8: Quais métodos de pesquisa são utilizados nas investigações sobre desenvolvimento esportivo?

P9: Em quais níveis geográficos o desenvolvimento esportivo foi investigado?

Depois de definidas as perguntas do estudo, as próximas etapas compreendem a busca pela literatura, avaliação dos dados, análise dos dados e apresentação (WHITTEMORE; KNAFL, 2005). No estágio da busca pela literatura é importante definir com rigor os métodos que serão utilizados para identificar a literatura relevante.

A avaliação dos dados compreende analisar a qualidade dos estudos selecionados para a revisão. A análise dos dados se refere ao processo de ordenar, codificar, categorizar, sumarizar e integrar os resultados obtidos. Por fim, a apresentação compreende as tabelas e diagramas utilizados para apresentar as conclusões das revisões integrativas. Todas essas etapas serão descritas com detalhes a seguir.

MÉTODOS

Base de dados

Um dos maiores desafios ao identificar e selecionar os estudos para uma revisão é o fato do universo da literatura ser amplo e muitas vezes impossível de ser totalmente explorado. Por exemplo, ao utilizar as palavras chaves “sport” AND “development” no campo de busca do Google Acadêmico, são fornecidos mais de 2 milhões de resultados. Nesse contexto, é importante delimitar o processo de busca com o objetivo de identificar a literatura relevante que responda os objetivos do trabalho (GENTLES et al., 2016). O desafio é realizar uma busca ampla que permita alcançar uma amostra representativa e, ao mesmo tempo, identificar e selecionar as publicações relevantes sobre o tema. Novamente a relação custo-benefício é fundamental na definição do processo de amostragem dos estudos.

A seleção das bases de dados auxilia a restringir o universo de busca. Com o objetivo de filtrar a literatura cinzenta e encontrar as publicações relevantes sobre a temática, restringimos as buscas às revisas científicas na área do esporte que publicam estudos relacionados às ciências humanas. Como o foco desse estudo é no desenvolvimento de modalidades esportivas, e não no desenvolvimento individual do atleta, estudos publicados em revistas nas áreas das ciências biológicas ou exatas não foram considerados. Ao delimitar a busca em periódicos científicos, garantimos que todo o universo analisado passou por um processo de revisão e foi avaliado por pares. Esse processo de busca assegura a qualidade dos artigos analisados.

Para a definição dos periódicos, utilizamos o Scientific Journal Ranking (SJR). Em janeiro de 2019 foi realizado um levantamento de todas as revistas vinculadas à área das Ciências do Esporte no site oficial do SJR (www.scimagojr.com). As autoras acessaram os sites oficiais de cada periódico com o objetivo de analisar seu escopo de publicação. As revistas que apresentaram a possibilidade de publicação de estudos

relacionados às ciências humanas foram selecionadas para a revisão. Ao final foram analisadas as publicações de 23 revistas científicas na área das Ciências do Esporte (Tabela 1).

Busca pelos estudos

As palavras chaves “sport” AND “development” foram utilizadas nos campos de busca das revistas científica para identificar os estudos sobre o desenvolvimento esportivo. Optamos por essas palavras chaves, e o respectivo conectivo, para garantir que os resultados abarcassem tanto artigos que utilizassem tanto “sport development” quanto “development OF sport”.

O processo de seleção dos estudos foi realizado em três etapas sequenciais: i) análise dos títulos; ii) análise do resumo e palavras chaves; iii) leitura do texto na íntegra. A partir das palavras chaves, 16597 artigos foram encontrados e tiveram seus títulos analisados. Com base no título foram selecionados 127 estudos que tiveram seu resumo e palavras chaves analisados. A partir da leitura dos resumos, 84 artigos foram selecionados para a leitura na íntegra. Após a leitura dos textos completos, a amostra final desse estudo foi composta por 65 artigos. A Tabela 1 apresenta todas as revistas científicas selecionadas que fizeram parte desse estudo, o respectivo SJR dos periódicos no momento de coleta dos dados e a quantidade de estudos encontrados em cada fase de busca.

Não estabelecemos uma data como limite inferior para a publicação dos artigos. O limite superior foi estabelecido em março de 2019, momento da última coleta dos dados.

Tabela 1. Revistas utilizadas na busca pelos artigos sobre desenvolvimento esportivo e quantidade de trabalhos encontrados em cada fase de busca.

Revista	SJR 2018	Palavras chaves	Título	Resumo	Texto completo
Cultura, Ciencia y Deporte	0.155	266	1	1	0
European Physical Education Review	0.754	615	2	2	2
European Sport Management Quarterly	0.797	485	7	3	3
International Journal of Sport Management and Marketing	0.377	360	2	1	1
International Journal of Sport Marketing and Sponsorship	0.269	506	4	2	0
International Journal of Sports Science and Coaching	0.435	957	0	0	0
International Review for the Sociology of Sport	0.632	1517	18	13	11
Journal of Physical Education and Sport	0.284	46	0	0	0
Journal of Sport History	0.391	1169	11	6	4
Journal of Sport Management	0.943	973	8	6	6
Journal of Teaching in Physical Education	0.757	844	0	0	0
Journal of the Philosophy of Sport	0.31	384	1	0	0
Physical Education and Sport Pedagogy	1.209	535	0	0	0
Qualitative Research in Sport, Exercise and Health	0.792	364	2	0	0
RICYDE. Revista Internacional de Ciencias del Deporte	0.241	125	1	0	0
Sociology of Sport Journal	0.832	907	3	1	1
South African Journal for Research in Sport, Physical Education and Recreation	0.164	474	1	0	0
Sport History Review	0.101	431	5	2	2
Sport in Society	0.427	1504	20	14	8

Sport Management Review	1.159	544	12	10	9
Sport, Education and Society	1.127	830	1	1	1
Sport, Ethics and Philosophy	0.299	395	1	1	0
The International Journal of the History of Sport	0.275	2366	27	21	17

Crêterios de inclusão e exclusão

Como cr terios de inclusão, os artigos deveriam se enquadrar em pelo menos um dos cr terios: investigar o desenvolvimento de um ou mais esportes em períodos de tempo ou locais definidos; abordar teoricamente o conceito de desenvolvimento esportivo. Em alguns casos, a temática do desenvolvimento pelo esporte também foi abordada pelo estudo, o que não acarretou na sua exclusão.

Como cr terios de exclusão, não foram considerados estudos que investigaram atividades físicas que não são classificadas como esportes, como por exemplo o escoteirismo (VESCOVI, 2012). Estudos que tinham como objetivo investigar o desenvolvimento individual do atleta também foram excluídos (i.e. “athlete development” e “youth development”) (STRACHAN; DAVIE, 2015). Os elementos necessários para o desenvolvimento de atletas de elite também já foram bastante explorados por estudos internacionais e são consolidados na literatura científica (DE BOSSCHER et al., 2006; DIGEL, 2002; HOULIHAN; GREEN, 2008), por isso não fizeram parte desse trabalho. Por fim, textos classificados como revisão de livro, editorial, opinião e debate também não foram analisados nesse trabalho.

Coleta dos dados

Para a organiza o da coleta dos dados utilizamos uma planilha Microsoft Excel na qual foram tabuladas as informa es de cada artigo. De acordo com Beyea e Nicoll (1998), o uso de planilhas auxilia a sumarizar as informa es principais de cada estudo. As nove perguntas desse estudo guiaram a coleta de dados. O Quadro 1 apresenta os dados e a forma de coleta utilizada.

Quadro 1. Descrição dos dados e forma de coleta utilizados nessa revisão.

Categoria	Descrição	Coleta de dados
Informações bibliográficas	Título do artigo, revista, ano, volume, número	Direta
Informações sobre os autores	Nome dos autores	Direta
Instituições de pesquisa	Universidades as quais os autores estão vinculados e suas respectivas localizações geográficas	Direta
Área de estudo	Os artigos foram classificados em áreas da sociologia, história e gestão de acordo com o objeto de estudo e título da revista	Interpretação
Objeto de estudo	Estudos foram classificados em relação ao seu foco de análise (agentes, estratégias, recursos, abordagem histórica ou sociológica)	Interpretação
País investigado	País no qual o desenvolvimento esportivo foi investigado	Direta
Conceito de desenvolvimento do esporte	Foram extraídos trechos que apresentavam explicitamente o conceito de desenvolvimento esportivo, ou identificadas as variáveis utilizadas para caracterizar o termo	Direta e interpretação

Métodos	Método utilizado para a coleta dos dados. Estudos que não apresentaram explicitamente o método, não tiveram essa informação coletada	Direta
Esporte investigado	Esporte em que o processo de desenvolvimento foi investigado	Direta
Gênero	População investigada pelo estudo (homem e/ou mulher)	Direta
Nível geográfico	Classificados em local, regional, nacional ou internacional	Interpretação

Análise dos dados

Os dados que foram extraídos de forma direta foram analisados a partir ferramentas da estatística descritiva com frequências absolutas, relativas e gráficos de barra. De acordo com Whittemore e Knafl (2005), dados apresentados na forma de tabelas, gráficos ou redes permitem a comparação entre as fontes primárias. O uso dos gráficos e tabelas permitiu responder as perguntas de 1, 2, 5, 6, 7, 8 e 9 desse estudo.

Entretanto, a revisão bibliográfica não deve ser apenas uma série de resumos, mas sim um relatório integrado capaz de identificar os conceitos principais entre diferentes estudos (BEYEA; NICOLL, 1998). Torraco (2005) propõe que a revisão integrativa deve produzir novos entendimentos sobre o assunto revisado através de uma ou mais formas de síntese. Para avançar com o conhecimento, propusemos uma figura na qual são resumidos os principais objetos investigados no processo de desenvolvimento do esporte, assim como as relações entre eles. As figuras e esquemas facilitam a visualização das relações entre os dados e servem como ponto de partida para a interpretação (KNAFL; WESBER, 1998).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ano e revistas de publicação

A Figura 1 apresenta a frequência de publicação dos artigos científicos sobre desenvolvimento esportivo ao longo dos anos. As primeiras publicações datam da década de 1960, sendo que todos os estudos realizados até a década de 1990 foram publicados em revistas da sociologia e história do esporte. O início das publicações coincide com o surgimento do movimento de esporte para todos e com a fundação de associações e revistas sobre sociologia e história do esporte. De acordo com Houlihan e White (2002), o conceito de desenvolvimento esportivo emergiu no início dos anos 60 com o debate de políticas públicas para o esporte. No início dessa década, as políticas de “esporte para todos” surgiram na Europa com o intuito de promover a saúde e bem estar da população (STRAUME; STEEN-JOHNSEN, 2010). Nesse cenário de valorização política e social do esporte foram formadas a *International Sociology of Sport Association* e *The North American Society for Sport History* que passam a organizar eventos sobre sociologia e história do esporte. As duas associações também fundaram o *International Review for the Sociology of Sport* e *Journal of Sport History*, revistas que se encontram entre os principais veículos de publicação sobre desenvolvimento do esporte até os dias de hoje (Tabela 2).

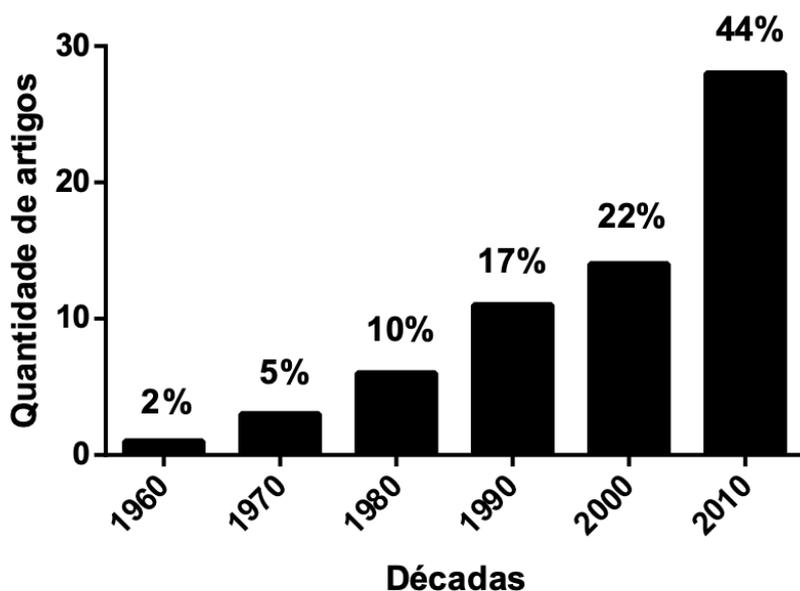


Figura 1. Frequência de artigos científicos publicados sobre desenvolvimento do esporte ao longo dos anos.

Já a década de 1990 é marcada pela criação das revistas de gestão do esporte e pelo início das publicações sobre desenvolvimento esportivo nessa área, principalmente no periódico *Journal of Sport Management* vinculado à sociedade norte-americana de gestão esportiva. A partir dos anos 2000, os periódicos *Sport Management Review* e *The International Journal of the History of Sport* passam a liderar as publicações sobre o tema. O mesmo movimento foi encontrado na revisão integrativa sobre desenvolvimento esportivo, mas como foco no uso utilitário do esporte (*sport for development*) (SCHULENKORF et al., 2016). Os autores mostraram um predomínio de publicações em revistas da sociologia do esporte e um aumento crescente da publicação na área da gestão. De acordo com os pesquisadores, esse cenário reflete não só o interesse pelos aspectos sociais e culturais relacionados ao desenvolvimento esportivo, mas um interesse crescente por estratégias gerenciais que impulsionem o acesso à prática esportiva.

Tabela 2. Periódicos em que foram publicados artigos relacionados ao desenvolvimento esportivo.

Revista científica	Quantidade	Quantidade (%)
The International Journal of the History of Sport	17	26%
Int. Review for the Sociology of Sport	11	17%
Sport Management Review	9	14%
Sport in Society	8	12%
Journal of Sport Management	6	9%
Journal of Sport History	4	6%
European Sport Management Quarterly	3	5%
European Physical Education Review	2	3%
Sport History Review	2	3%
Outras	3	5%
Total	65	100%

Legenda: a categoria “Outras” é composta por periódicos que publicaram apenas um artigo sobre o tema.

Áreas e objetos de estudo

As revistas citadas acima também refletem as principais áreas de estudo sobre desenvolvimento esportivo: história, sociologia e gestão, indicando que o desenvolvimento esportivo é um fenômeno complexo, imerso em contextos sociais, políticos e econômicos específicos. Esses aspectos influenciam a ação dos agentes na proposta de estratégias de desenvolvimento e no oferecimento de recursos para atrair, reter e formar praticantes.

Se o processo de desenvolvimento é necessariamente longitudinal e progressivo, historiadores fornecem ricas informações sobre o comportamento do esporte ao longo do tempo. De acordo com Dunning (1994), há um equilíbrio entre continuidade e mudança no desenvolvimento do esporte moderno com o passar dos anos. Portanto, diversos estudos se debruçaram em investigar o comportamento de modalidades esportivas em períodos de tempo e locais específicos (GALILY, 2003; GERBER, 1975; HILL, 1987; KAY, 2012; LIM; HORTON, 2012; LIM; AMAN, 2014; SUMNER, 1988; TURRINI, 2001).

Da mesma forma, se o esporte é considerado uma construção social e que está sujeito às mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas (MORRISON, 2014), estudos na área da sociologia geram conhecimento sobre essa íntima e complexa relação entre esporte e sociedade. Mansfield (2014) sugere que o desenvolvimento de qualquer esporte é localizado numa rede complexa de processos políticos, econômicos e socioculturais. Portanto, ao investigar o desenvolvimento de uma modalidade esportiva é necessário compreender o contexto histórico, social, político e econômico na qual ela está inserida. Entre os artigos revisados, temáticas como processo civilizador (DUNNING, 1994; GARCÍA; MALCOLM, 2010), comercialização (NIXON, 1974) e profissionalização (GARCÍA; MALCOLM, 2010; STONE, 2008) apareceram como foco dos estudos na área da sociologia do esporte.

Além das temáticas apresentadas acima, estudos na área da sociologia do esporte reforçam a importância dos aspectos culturais de uma nação para que uma modalidade se

desenvolva. Por exemplo, o desenvolvimento do netball de mulheres na Nova Zelândia foi possível por ser uma modalidade praticada e gerenciada por mulheres, sem influências de homens (NAURIGHT, 1995; NAURIGHT; BROOMHALL, 1994). A cultura estabelecida e controlada pelas praticantes, permitiu que a modalidade se expandisse e fosse praticada por meninas e mulheres de diferentes faixas etárias. Da mesma forma, o wushu se desenvolveu na China pois a modalidade apresentava conexões próximas e duradouras com aspectos da cultura chinesa, como filosofia, literatura, arte, religião, ética e folclore (THEEBOOM; KNOP, 1997).

Os estudos da gestão mostram como uma variedade de agentes, estratégias e recursos podem participar do processo de desenvolvimento esportivo em diferentes contextos. Essas categorias (agente, estratégias e processos) foram inicialmente propostas por Sotiriadou, Shilbury e Quick (2008) e permitiram organizar os achados desse estudo. Para efeito didático, na Figura 2 as categorias foram apresentadas de forma separada, mas os textos revelam uma interdependência entre elas (SOTIRIADOU et al., 2008).

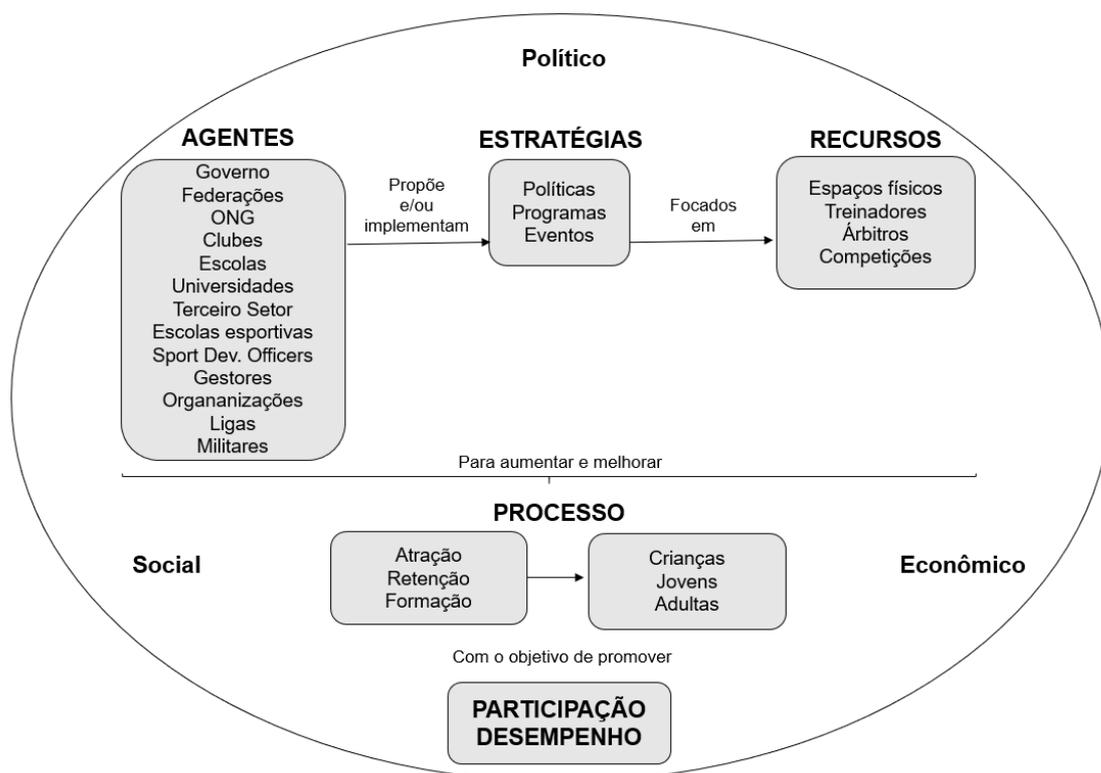


Figura 2. Temáticas abordadas pelos estudos sobre desenvolvimento esportivo.

Os agentes são responsáveis pela proposta e/ou implementação de estratégias de desenvolvimento e correspondem à principal categoria (48%) investigada pelos estudos

na área da gestão do esporte. Todos os agentes que foram citados pelo menos uma vez nos estudos incluídos nessa revisão são apresentados na Figura 2 revelando uma diversidade de atores que podem participar do processo de desenvolvimento. Por exemplo, Lindsay (1970) investigou a influência das bases militares no desenvolvimento do esporte no Canadá durante o século XIX. De acordo com o autor, as modalidades praticadas pelos militares recebiam grande atenção do público local e influenciavam a prática esportiva dos cidadãos devido à importância social da instituição militar para a época. Os clubes e as escolas também foram agentes importantes no início do desenvolvimento do esporte moderno e compõe a base de diversos sistemas esportivos até hoje (BRUGGER, 2013; DUNNING, 1994; KAY, 2012; KNOP et al., 1998; LIM; HORTON, 2012; SOTIRIADOU, 2013). Atualmente, as federações e associações também tem um papel importante na organização e promoção do esporte (CERVIN, 2016; GALILY, 2003; STORM; SOLBERG, 2018; TIMM, 2015). Essa variedade de atores reforça que não existe uma única maneira de desenvolver o esporte, mas que cada agente pode ter maior ou menor protagonismo de acordo com as características de cada contexto.

Os agentes apresentados acima compõem uma complexa teia de relações dentro dos sistemas esportivos. O desenvolvimento do esporte pode ser potencializado pela sua ação conjunta, mas pesquisadores alertam para as relações de poder e os tensionamentos existentes nessas parcerias (BLOYCE et al., 2008; TAKS et al., 2014). Os sistemas são compostos por relações verticais e horizontais de poder que, dependendo como são estabelecidas, podem catalisar ou atrasar o processo de desenvolvimento esportivo. Sotiriadou, Shilbury e Quick (2008) apontam à importância da comunicação como um elemento fundamental no sucesso dessas parcerias. Além disso, para que essa teia de relacionamentos impulse o desenvolvimento, é importante que as funções, direitos e deveres de cada organização sejam bem estabelecidos para que as parcerias sejam sustentáveis em longo prazo.

As estratégias são caracterizadas pelas ações que possibilitam um desenvolvimento sustentável do esporte (SOTIRIADOU; SHILBURY; QUICK, 2008). Entre elas, encontramos as políticas, os programas e eventos esportivos (BURNETT, 1999, 2001; FAIRLEY et al., 2013; STRAUME; STEEN-JOHNSEN, 2010). Normalmente, organizações com posições mais altas no sistema esportivo são responsáveis pelas propostas e aquelas com posições mais baixas pela implementação das estratégias (SOTIRIADOU, 2009). Essas ações são propostas com o objetivo de fornecer

espaços físicos, comissão técnica e de arbitragem qualificadas e competições esportivas, recursos considerados fundamentais para o desenvolvimento do esporte.

Estudos que investigaram o legado dos eventos esportivos argumentam que a melhoria das instalações esportivas pode servir com um atrativo para a maior participação no esporte (HODGETTS; DUNCAN, 2015; TAKS et al., 2014). Da mesma forma, Galily (2003) mostrou que uma das razões do basquete ter se popularizado em Israel foi a necessidade de quadras e materiais de baixo custo, e de fácil construção. Além das instalações esportivas, no processo de desenvolvimento esportivo são necessários profissionais qualificados(as), sendo os treinadores(as) e árbitros(as) mais abordados(as) pela literatura (BOSHOF, 1997; HODGETTS; DUNCAN, 2015; OJEME, 1985; WARNER; TINGLE, 2013). Por fim, as competições também são apresentadas como um elemento fundamental no processo de desenvolvimento esportivo (AKINDUTIRE, 1991; LINDSAY, 1970; PITTER, 1996; STONE, 2008). Dado que a competição é uma das características básicas do esporte moderno, ela é fundamental no processo de desenvolvimento de praticantes (BOOTH, 1995).

Todos esses elementos que compõe os estudos sobre desenvolvimento esportivo, e a complexa relação entre eles, foram sumarizados na Figura 2. Nosso objetivo com essa figura não foi de propor um modelo rígido e universal. Pelo contrário, tivemos como objetivo resumir os achados dessa revisão de uma forma clara para que futuros estudos possam avançar com o conhecimento e adequar o modelo às necessidades e particularidades de cada contexto. Para efeitos didáticos, os elementos foram apresentados de forma separada e estática. Já a realidade do desenvolvimento esportivo é caracterizada pela constante interação entre eles e por uma estrutura dinâmica (SOTIRIADOU; BOSSCHER, 2013) Por fim, os procedimentos metodológicos utilizados nesse estudo também embutem uma perspectiva ocidental ao desenvolvimento, aspecto que será apresentado a seguir.

Conceito de desenvolvimento esportivo

De maneira geral os estudos se referem ao processo de desenvolvimento esportivo como o aumento no número de praticantes e nas oportunidades da prática esportiva da iniciação ao alto rendimento (BELL, 2012; BLOYCE et al., 2008; HODGETTS; DUNCAN, 2015; HOULIHAN, 2000; NAURIGHT, 1995; SOTIRIADOU, 2013; TAKS et al., 2014). Na introdução à edição especial da revista *Sport Management Review* sobre

desenvolvimento esportivo, Shilbury et al. (2008) sugerem que “o desenvolvimento do esporte trata da participação e da promoção das oportunidades e benefícios da participação”. A definição apresentada pelos autores é citada por diferentes estudos na área da gestão esportiva (BERG et al., 2016; PHILLIPS; NEWLAND, 2014; ROWE et al., 2013, 2016; THOMSON; DARCY; PEARCE, 2010). Os estudos nas áreas da sociologia e história do esporte que não apresentam a definição de desenvolvimento, de forma implícita, também utilizam indicadores de participação esportiva para avaliar o processo.

Para Shilbury et al. (2008), as oportunidades de participação deveriam contemplar crianças, jovens e adultos, além de possibilitar a prática esportiva por lazer e a participação no esporte de alto rendimento. Apesar da tentativa de diversificação, muitos estudos utilizam o aumento de meninos e homens no esporte para avaliar o desenvolvimento esportivo. Autores argumentam que, para que o desenvolvimento seja efetivo, é necessário diversificar e gerar oportunidades de participação a mulheres (BURNETT, 2001; MANI, 2009), pessoas com deficiência (STRAUME; STEEN-JOHNSEN, 2010) e população indígena (SOTIRIADOU; SHILBURY; QUICK, 2008). Portanto, ao planejar estratégias de desenvolvimento do esporte, é importante que essas ações também alcancem indivíduos que normalmente enfrentam barreiras sociais para a prática esportiva.

A pesquisadora Christine Green (2005) avançou com a definição ao sugerir que o desempenho esportivo também é um elemento importante para o desenvolvimento do esporte. De acordo com a autora, o processo é caracterizado por um “aumento no número de participantes e melhora do desempenho”. Apesar de ser menos frequente na literatura científica, estudos citam a pesquisadora para definir o processo de desenvolvimento esportivo como o aumento na participação e no desempenho de praticantes (FAIRLEY et al., 2013; HODGETTS; DUNCAN, 2015; TAKS et al., 2014; WARNER; TINGLE, 2013).

Representação geográfica: autores e investigação

A Tabela 3 apresenta os países em que se localizam as instituições dos autores e coautores, e os países em que o processo de desenvolvimento esportivo foi investigado. Os resultados desse estudo mostram que mais de 70% das publicações sobre desenvolvimento esportivo foram produzidas em países de língua inglesa, considerados

países de alta renda e localizados na América do Norte, Europa e Oceania. Em contrapartida, poucos estudos foram conduzidos em instituições africanas e asiáticas. Chama a atenção o fato de nenhum estudo ter sido conduzido em território latino-americano. O método de coleta de dados utilizado nessa revisão permite explicar, em partes, essa disparidade geográfica. A busca pelos artigos foi realizada em revistas científicas vinculadas ao JCR que, em sua maioria, publicam textos apenas em inglês. Portanto, o idioma exigido para a publicação nessas revistas pode ter sido uma limitação na divulgação dos estudos realizados em países africanos, asiáticos e latino-americanos.

A revisão integrativa realizada sobre “*sport for development*” encontrou o mesmo padrão geográfico de publicação, sendo que 92% dos pesquisadores sobre o tema estavam vinculados a instituições da América do Norte, Europa e Austrália (SCHULENKORF et al., 2016). De acordo com os autores, possivelmente cientistas de países de baixa renda podem enfrentar oportunidades inadequadas para desenvolverem projetos de pesquisa, refletindo uma menor frequência de publicação. Essa predominância de publicação por parte de países classificados como de alta renda é certamente preocupante e merece mais atenção e investigação acadêmica no futuro (SCHULENKORF et al., 2016).

Tabela 3. Países em que se localizam as instituições de todos os autores de estudos e em que foram investigados o processo de desenvolvimento esportivo.

País	Instituição de pesquisa		País investigado	
	f	%	f	%
Australia	28	24%	11	24%
UK	23	20%	8	18%
USA	18	15%	7	16%
Belgium	7	6%	0	0%
South Korea	6	5%	0	0%
New Zealand	5	4%	2	4%
South Africa	5	4%	5	11%
China	4	3%	2	4%
Malaysia	4	3%	0	0%

Canada	3	3%	3	7%
Norway	3	3%	0	0%
Israel	2	2%	3	7%
Nigeria	2	2%	2	4%
Poland	2	2%	0	0%
Austria	1	1%	0	0%
Denmark	1	1%	0	0%
Germany	1	1%	0	0%
Scotland	1	1%	0	0%
Spain	1	1%	0	0%
Singapore	0	0%	2	4%
Other	0	0%	12	27%
Total	117	100%	57	100%

Legenda: a categoria “Outros” engloba países que foram investigados por apenas um estudo.

O fato de os estudos serem majoritariamente conduzidos por instituições de pesquisa norte-americanas, inglesas e australianas tem uma importância especial quando analisamos o conceito e os componentes do desenvolvimento esportivo. Estudiosos concordam que o termo “desenvolvimento” é sinônimo de melhoria (LEHMANN, 2010), sendo utilizado para caracterizar um processo longitudinal, progressivo e de julgamento. Ao analisar o desenvolvimento esportivo, cientistas utilizam uma lente carregada de traços da cultura ocidental e com critérios estabelecidos por países de alta renda. Para os teóricos do pós-desenvolvimento, o desenvolvimento representa um discurso hegemônico, monolítico e homogeneizador, sendo uma construção com o objetivo de disseminar os valores e mentalidade ocidental (STRAUME; STEEN-JOHNSEN, 2010).

Esse olhar crítico para o conceito do desenvolvimento foi trazido por alguns estudos dessa revisão. Por exemplo, Straume e Steen-Johnsen (2010) analisaram as tensões e as relações de poder no processo de implementação de um programa de desenvolvimento esportivo por noruegueses na Tanzânia. As autoras mostraram que a

Confederação Norueguesa de Esportes coordenou e controlou todo o processo de implementação do projeto, aplicando um novo sistema esportivo baseado no modelo europeu. Em um outro estudo, Connor e McEwen (2011) analisaram os projetos de desenvolvimento da Federação Internacional de Atletismo (IAAF), mostrando que seus processos reproduziram a retórica ocidental de desenvolvimento. Ao analisar os projetos da federação, os autores questionaram se para democratizar o acesso ao esporte é mesmo necessário seguir uma abordagem baseada em modelos ocidentais. Portanto, ao analisar o esquema apresentado na Figura 2 é importante reconhecer a estrutura ocidental de desenvolvimento que ela carrega. A figura proposta pode e deve ser alterada na análise do desenvolvimento de modalidades esportivas em países orientais, do hemisfério sul ou em locais que não possuam a mesma estrutura, recursos e cultura de países de alta renda como Estados Unidos, Inglaterra e Austrália.

Modalidades e gênero

A maioria dos estudos investigou o desenvolvimento do esporte em geral sem focar em modalidades específicas (Tabela 4). Além disso, a maioria dos trabalhos aborda o desenvolvimento como o aumento do desempenho e da participação de homens e mulheres no esporte (Tabela 4).

Tabela 4. Modalidades e gêneros investigados no processo de desenvolvimento do esporte.

Variável	Características	f	%
	Esportes em geral	27	42%
	Futebol	7	11%
	Atletismo	5	8%
	Netball	3	5%
Modalidades	Criquete	3	5%
	Basquete	2	3%
	Tênis	2	3%

	Surf	2	3%
	Outros	14	22%
<hr/>			
	Ambos	34	57%
Gênero	Homens	13	22%
	Não informado	10	17%
	Mulheres	8	13%

Legenda: a categoria “Outros” engloba modalidades que foram investigadas por apenas um estudo.

Os estudos sobre a participação das mulheres no esporte apresentam essa informação de forma explícita no título do trabalho (BELL, 2012; CERVIN, 2016; GERBER, 1975; MANSFIELD, 2014; MCCRONE, 1990; NAURIGHT; BROOMHALL, 1994). As investigações apresentam estratégias bem-sucedidas e desafios enfrentados ao oportunizar a prática de modalidades esportivas para meninas e mulheres. Os(as) pesquisadores(as) investigaram a participação de meninas e mulheres no netball na Austrália, Nova Zelândia e Malawi (MANSFIELD, 2014), no futebol na Inglaterra (BELL, 2012) e no ciclismo na Austrália (ROWE et al., 2016). Esse enfoque indica necessidades especiais no desenvolvimento de esportes praticados por essa população. De acordo com Sotiriadou, Shilbury e Quick (2008), os programas de desenvolvimento esportivo podem ser destinados a populações específicas, como jovens, população indígena, mulheres, pessoas com deficiência. Pensar em estratégias para o desenvolvimento de uma modalidade esportiva não é somente se limitar ao aumento quantitativo do número de praticantes, mas também propor meios que viabilizem a participação de grupos que ainda enfrentam barreiras sociais para a prática esportiva.

Coleta de dados

Diversos métodos de pesquisa podem ser utilizados para responder perguntas relacionadas ao desenvolvimento esportivo. No livro “*Researching and Evaluation Sport Development*”, Long (2008) sugere que questionários, entrevistas e observações podem ser utilizados no processo de coleta de dados. Os resultados dessa revisão mostram que a

entrevista foi o método mais utilizado para coleta de dados (Tabela 5). Além dos métodos sugeridos por Long (2008), avançamos com o conhecimento ao apontar que análise documental também foi bastante utilizada pelos estudos e que constitui uma rica fonte de dados nas investigações sobre o desenvolvimento esportivo. A predominância dos métodos qualitativos frente aos quantitativos encontrada nessa revisão não é surpreendente dado que a maioria das publicações foram realizadas na área da sociologia e história do esporte.

Tabela 5. Métodos utilizados pelos estudos sobre desenvolvimento esportivo.

Método	f	%
Entrevista	20	48%
Análise documental	16	38%
Questionário	3	7%
Outros	3	7%

Chama a atenção o fato de diversos estudos utilizarem mais de um método para coleta de dados, sendo a maioria baseada em entrevistas e na análise documental (BRITAIN; HUTZLER, 2009; BURNETT, 1999; GREEN; COLLINS, 2008; HOULIHAN, 2000; PHILLIPS; NEWLAND, 2014; PITTER, 1996; STRAUME; STEEN-JOHNSEN, 2010). Esse achado reflete a preocupação dos pesquisadores em analisar o fenômeno de forma mais profunda e/ou garantir a validade dos resultados.

O conhecimento sobre métodos utilizados pelos estudos anteriores pode auxiliar pesquisadores na proposta de projetos de pesquisa relacionados ao desenvolvimento esportivo. O desenvolvimento esportivo é um processo multifatorial, complexo e com diferentes objetos de estudo, que pode ser investigado com diversos métodos de coleta de dados. Os resultados da nossa revisão apontam alguns percursos metodológicos que podem ser utilizados entre as diversas possibilidades existentes na literatura. A escolha por um método ou outro será dependente da pergunta do estudo, da epistemologia do pesquisador e dos recursos (físicos, temporais e financeiros) disponíveis para a pesquisa.

Nível geográfico

A maioria dos estudos investigou o desenvolvimento dos esportes em nível nacional (Tabela 6). Esse achado pode ser explicado por dois fatores. Primeiro, esse resultado pode refletir um interesse dos(as) pesquisadores(as) em entender quais elementos possibilitaram que nações se tornaram referências em determinadas modalidades esportivas, como por exemplo o tênis na Inglaterra (KAY, 2012), rugby na Austrália (FAIRLEY et al., 2013) e surfe no Estados Unidos (BOOTH, 1995). Uma segunda possibilidade diz respeito às oportunidades de publicação. Sabemos que um estudo conduzido nacionalmente tem mais peso para comunidade científica quando comparado a investigações realizadas em nível regional e local. Nesse sentido, o processo de avaliação das revistas científicas pode ter produzido um viés no nível de investigação do desenvolvimento esportivo.

Tabela 8. Nível em que o desenvolvimento esportivo foi investigado.

Nível	f	%
Internacional	4	8%
Nacional	32	60%
Regional	11	21%
Local	6	11%

A baixa quantidade de estudos conduzidos em nível internacional pode ser explicada pela dificuldade de execução dessas pesquisas. Investigar o desenvolvimento do esporte em países com culturas diferentes é um desafio para os(as) pesquisadores(as) em relação ao acesso aos participantes do estudo, aos documentos analisados e à comunicação em diferentes línguas. O processo de avaliação dos artigos científicos para publicação pode explicar a baixa quantidade de estudos em nível regional e local, como discutido acima. Entretanto, treinadores(as) e gestores(as) de clubes, escolas e prefeituras municipais poderiam se beneficiar com os resultados desses estudos na implementação de políticas, programas e eventos que gerem oportunidades de prática esportiva para a comunidade local.

LIMITAÇÕES

Embora essa revisão integrativa tenha avançado com o conhecimento e fornecido novas discussões sobre o desenvolvimento esportivo, é importante reconhecer as limitações do nosso trabalho. Os estudos analisados foram publicados necessariamente em revistas vinculadas à área da Ciências do Esporte do Journal Citation Report (JCR). É possível que existam mais publicações em revistas de outras áreas de estudo, assim como em periódicos não vinculados a essa plataforma. Além disso, as limitações linguísticas das presentes pesquisadoras também restringiram a busca somente a artigos em inglês. Estudos relevantes em outros idiomas foram excluídos, gerando um viés linguístico.

Além disso, é necessário reconhecer que alguns dos textos mais influentes sobre desenvolvimento esportivo estão publicados no formato de livros, como Hylton (2013), Houlihan e Green (2011), Houlihan e White (2002) e Hallmann e Petry (2013), e não foram incluídos nessa revisão. Encorajamos pesquisadores(as) de desenvolvimento esportivo a recorrerem a esses textos clássicos para estender os achados desse trabalho.

CONCLUSÕES

As revisões integrativas são capazes de analisar criticamente e sumarizar a literatura relacionada a um tópico particular. Acreditamos que nosso trabalho foi extenso e rigoroso o suficiente para fornecer uma síntese robusta sobre o panorama atual dos artigos científicos sobre desenvolvimento esportivo. Verificamos que as publicações sobre o tema tiveram início na década de 1960, apresentando um crescimento exponencial até os dias de hoje. A maioria das pesquisas foram conduzidas na área da história e sociologia do esporte, mas a temática tem ganhado espaço na área da gestão esportiva nas últimas décadas.

Os estudos mostraram que o desenvolvimento do esporte está imerso em fatores sociais, culturais, políticos e econômicos específicos que influenciam a ação de agentes esportivos nas propostas e implementações de estratégias de desenvolvimento. As estratégias são propostas com o objetivo de fornecer recursos necessários para a entrada, manutenção e formação de praticantes no esporte. Os recursos correspondem aos espaços físicos, qualificação de profissionais de comissão técnica e competições esportivas.

Encontramos uma diversidade de agentes que podem atuar no desenvolvimento esportivo, com um maior protagonismo de organizações militares no passado e maior importância das federações e associações esportivas no presente. Esses achados reforçam que não existe um único responsável pelo desenvolvimento o esporte, mas que cada agente pode ter maior ou menor poder de ação de acordo com as características de cada ambiente. Da mesma forma, diferentes estratégias de desenvolvimento podem ser propostas indicando a necessidade de uma avaliação para conhecer as necessidades de cada contexto e gerar informações que possibilitem a proposta de ações mais assertivas. O modelo apresentado na Figura 2 desse estudo pode auxiliar gestores(as) no processo de avaliação e definição de estratégias.

Encontramos um consenso em relação ao conceito de desenvolvimento esportivo. A maioria dos estudos define o desenvolvimento como um processo de aumento no número de praticantes e de oportunidades para a prática esportiva. Além do aspecto quantitativo, pesquisadores(as) alertam para a necessidade de estratégias específicas que também viabilizem a participação de mulheres e pessoas com deficiência no esporte. A melhoria do desempenho esportivo também aparece como um elemento importante para o desenvolvimento do esporte.

Mais do que apresentar o estado da arte dos estudos sobre desenvolvimento esportivo, essa revisão tem como objetivo analisar criticamente a produção científica da área, identificar lacunas no conhecimento e apresentar novas possibilidades a serem exploradas por estudos futuros. Nesse sentido, reforçamos a importância de investigar o processo de desenvolvimento de modalidades esportivas em países africanos, asiáticos e sul-americanos que não contam com a mesma estrutura e cultura de países ocidentais e/ou de alta renda. Também reforçamos que analisar o desenvolvimento esportivo baseado somente no aumento do número de meninos e homens é limitar as diferentes possibilidades de acesso à prática esportiva. Estudos que investiguem o aumento da participação e do desempenho de populações que enfrentam barreiras sociais e econômicas para a prática esportiva tem muito a ensinar sobre estratégias de desenvolvimento esportivo. Por fim, apesar dos métodos qualitativos serem os mais utilizados nos estudos sobre desenvolvimento esportivo, a ciência apresenta uma ampla possibilidade de percursos metodológicos que podem ser explorados por estudos futuros.

REFERÊNCIAS

AKINDUTIRE, Issac Olu. The historical development of soccer in nigeria: an appraisal of its emerging prospects. **Sport History Review**, v. 22, n. 1, p. 20–31, 1991.

BALYI, Istvan. **Sport System Building and Long-Term Athlete Development in British Columbia**. Sports Medicene British Columbia, 2001.

BELL, Barbara. Levelling the playing field? Post-Euro 2005 development of women's football in the north- west of England. **Sport in Society**, v. 15, n. 3, p. 329–368, 2012.

BERG, Brennan K. et al. An unacceptable status quo: A sport development case study of swimming and drownings. **Sport Management Review**, v. 19, n. 4, p. 454–465, 2016.

BEYEA, Suzanne; NICHLL, Leslie H. Writing an integrative review. **AORN journal**, v. 67, n. 4, p. 877–880, 1998.

BLACK, David R. The ambiguities of development: implications for 'development through sport'. **Sport in Society**, v. 13, n. 1, p. 121–129, 2010.

BLOYCE, Daniel et al. 'Playing the Game (Plan)': A Figurational Analysis of Organizational Change in Sports Development in England. **European Sport Management Quarterly**, v. 8, n. 4, p. 359-378, 2008.

BOOTH, Douglas. Ambiguities in Pleasure and Discipline: The Development of Competitive Surfing. **Journal of Sport History**, v. 22, n. 3, p. 189–206, 1995.

BOSHOFF, Gary. "Barefoot" Sports Administrators: Laying the Foundation for Sports Development in South Africa. **Journal of Sport Management**, v. 11, n. 1, p. 69-79, 1997.

BRITTAIN, Ian e HUTZLER, Yeshayahu. Sport in Society A social-historical perspective on the development of sports for persons with physical disability in Israel. **Sport in Society**, v. 12, n. 8, p. 1075-1088, 2009.

BRUGGER, Andreas. The Influence of Politics on the Development of Turnen, Mountaineering and Skiing in Western Austria. **The International Journal of the History of Sport**, v. 30, n. 6, p. 674–691, 2013.

BURNETT, Cora. Social impact assessment and sport development. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 36, n. 1, p. 41–57, 2001.

BURNETT, Cora. Sport Development and the United Kingdom-South Africa Sports Initiative: A Preevaluation Report. **Journal of Sport Management**, v. 13, p. 237–251, 1999.

CERVIN, Georgia. Gymnasts are Not Merely Circus Phenomena: Influences on the Development of Women's Artistic Gymnastics During the 1970s. **The International Journal of the History of Sport**, v. 32, n. 16, p. 1929–1946, 2016.

CONNOR, James; MCEWEN, Melissa. International development or white man's burden? The IAAF's Regional Development Centres and regional sporting assistance. **Sport in Society**, v. 14, n. 6, p. 805–817, 2011.

COOPER, Harris M. **Synthesizing research: a guide for literature reviews**. Sage Publications, 1998.

CÔTÉ, Jean; BAKER, Joseph; ABERNETH, Bruce. **Practice and play in the development of sport expertise**. TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (Org.). Handbook of sport psychology. 3.ed. Hoboken: John Wiley & Sons, 2007. p. 184–202.

DE BOSSCHER, Veerle et al. A Conceptual Framework for Analysing Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success. **European Sport Management Quarterly**, v. 6, n. 2, p. 185–215, 2006.

DIGEL, Helmut. A comparison of competitive sport systems. **New Studies in Athletics**, v. 17, n. 1, p. 37–50, 2002.

DUNNING, Eric. Sport in Space and Time: "Civilizing Processes", Trajectories of State-Formation and the Development of Modern Sport. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 29, n. 4, p. 331-345, 1994

EADY, John. **Practical sports development**. Longman, 1993.

FAIRLEY, Sheranne et al. When professional athletes change sports: Sport development, sanctity of contract, and restraint of trade in the NRL. **Sport Management Review**, v. 16, n. 1, p. 111–119, 2013.

GALILY, Yair. Playing Hoops in Palestine: The Early Development of Basketball in the Land of Israel, 1935-56. **The International Journal of the History of Sport**, v. 20, n. 1, p. 143–151, 2003.

GALILY, Yair. Sport in Society The contribution of the Maccabiah Games to the

development of sport in the State of Israel. **Sport in Society**, v. 12, n. 8, p. 1028-1037, 2009.

GARCÍA, Raúl Sánchez; MALCOLM, Dominic. Decivilizing or informalizing? The international development of Mixed Martial Arts. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 45, n. 1, p. 39–58, 2010.

GENTLES, Stephen J et al. Reviewing the research methods literature: principles and strategies illustrated by a systematic overview of sampling in qualitative research. **Systematic Reviews**, p. 1–11, 2016.

GERBER, Ellen. The Controlled Development of Collegiate Sport For Women, 1923-1936. **Journal of Sport History**, v. 2, n. 1, p. 1-28, 1975.

GRANT, Maria J; BOOTH, Andrew; CENTRE, Salford. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. **Health Information & Libraries Journal**, v. 26, n. 2, p. 91-108, 2009.

GREEN, B. Christine. Building Sport Programs to Optimize Athlete Recruitment, Retention, and Transition: Toward a Normative Theory of Sport Development. **Journal of Sport Management**, v. 19, n. 3, p. 233–253, 2005.

GREEN, Mick; COLLINS, Shane. Policy, Politics and Path Dependency: Sport Development in Australia and Finland. **Sport Management Review**, v. 11, n. 3, p. 225–251, 2008.

HALLMANN, Kirstin, e PETRY, Karen. **Comparative sport development: systems, participation and public policy**. Springer, 2013.

HILL, Jeffrey. ‘First-class’ cricket and the leagues: some notes on the development of english cricket, 1900 – 40. **The International Journal of the History of Sport**, v. 4, n. 1, p. 68–81, 1987.

HODGETTS, Danya; DUNCAN, Mitch J. Quantitative analysis of sport development event legacy: an examination of the Australian Surf Life Saving Championships. **European Sport Management Quarterly**, v. 15, n. 3, p. 364–380, 2015.

HOULIHAN, Barrie; GREEN, Mick. **Routledge handbook of sports development**. Routledge, 2011.

HOULIHAN, Barrie; WHITE, Anita. **The politics of sports development: development**

of sport or development through sport? Routledge, 2002.

HOULIHAN, Barrie. Sporting excellence, schools and sports development: The politics of crowded policy spaces. **European Physical Education Review**, v. 6, n. 1, p. 171–193, 2000.

HOULIHAN, Barrie; GREEN, Mick. **Comparative Elite Sport Development. Systems, Structures and public policy**. London: Elsevier, 2008.

HYLTON, Kevin. **Sport Development: policy, process and practice**. 3. ed. Oxon; New York: Routledge, 2013.

KAY, Joyce. Grass Roots: The Development of Tennis in Britain, 1918 – 1978 Grass Roots: The Development of Tennis in Britain, 1918 – 1978. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 18, p. 2532–2550, 2012.

KNOP, Paul De et al. Youth and organized sport in flanders. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 33, n. 3, p. 299–304, 1998.

LEHMANN, David. **Development theory**. Routledge, 2010.

LIM, Lai Kuan; HORTON, Peter. Sport in the British Colony of Singapore (1819 – 1900s): Formation, Diffusion and Development. **The International Journal of Aging and Human Development**, v. 29, n. 9, p. 1235–1343, 2012.

LIM, Peng Han; AMAN, Mohd Salleh. Origins and Development of Athletics Among the Military, European and Migrant Communities. **The International Journal of the History of Sport**, v. 31, n. 6, p. 652-673, 2014.

LINDSAY, Peter. The impact of the military garrisons on the development of sport in British North America. **Sport History Review**, v. 1, n. 1, p. 33–44, 1970.

LONG, Jonathan. **Researching and Evaluation Sport Development**. HYLTON, K. (Org.). **Sports development: policy, process and practice**. 2nd. ed. London; New York: Routledge, 2008. p. 365.

MACKINTOSH, Chris et al. A qualitative study of the impact of the London 2012 Olympics on families in the East Midlands of England: lessons for sports development policy and practice. **Sport, Education and Society**, v. 20, n. 8, p. 1065–1087, 2015.

MANI, Ehsan. A strong sport growing stronger: a perspective on the growth, development and future of international cricket. **Sport in Society**, v. 12, n. 4–5, p. 681–

693, 2009.

MANSFIELD, Louise. Towards an understanding of netball in Malawi, international sport development and identification: theoretical and methodological sensitizing issues. **Sport in Society**, v. 17, n. 4, p. 492-506, 2014.

MCCRONE, Kathleen E. Emancipation or recreation? The development of women's sport at the university of London. **The International Journal of the History of Sport**, v. 7, n. 2, p. 204–229, 1990.

MORRISON, Alec. **Sport Development-Plan, Programme and Practice: A case study of the planned intervention by New Zealand Cricket into cricket in New Zealand**. Massey University, 2014.

NAURIGHT, John. From Private to Public: Historical and Social Factors in the Development of Women's Sport in Australia and New Zealand. **European Physical Education Review**, v. 1, n. 2, p. 137–147, 1995.

NAURIGHT, John; BROOMHALL, Jayne. The International Journal of the History of Sport A woman's game: the development of netball and a female sporting culture in New Zealand, 1906 – 70. **The International Journal of the History of Sport**, v. 11, n. 3, p. 37–41, 1994.

NICHOLSON, Matthew; HOYE, Russell; HOULIHAN, Barrie. **Participation in sport: international policy perspectives**. Routledge, 2011.

NIXON, Howard L. The Commercial and Organizational of Modern Sport. **International Review of Sport Sociology**, v. 9, n. 2, p. 107–135, 1974.

OJEME, E O. Problems in the Development of Sports in Nigerian Universities. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 20, n. 3, p. 189–202, 1985.

PHILLIPS, Pamm; NEWLAND, Brianna. Emergent models of sport development and delivery: The case of triathlon in Australia and the US. **Sport Management Review**, v. 17, n. 2, p. 107–120, 2014.

PICKERING, Catherine; BYRNE, Jason. The benefits of publishing systematic quantitative literature reviews for PhD candidates and other early-career researchers. **Higher Education Research & Development**, v. 33, n. 3, p. 534-548, 2014.

PITTER, Robert. The State and Sport Development in Alberta: A Struggle for Public

Status. **Sociology of Sport Journal**, v. 13, n. 1, p. 31-50, 1996.

ROWE, Katie et al. Challenges for sport development: Women's entry level cycling participation. **Sport Management Review**, v. 19, n. 4, p. 417–430, 2016.

ROWE, Katie et al. Sport development and physical activity promotion: An integrated model to enhance collaboration and understanding. **Sport Management Review**, v. 16, n. 3, p. 364–377, 2013.

RUSSELL, Cynthia L. An overview of the integrative research review. **Progress in Transplantation**, v. 15, n. 1, p. 8-13, 2005.

SCHULENKORF, Nico; SHERRY, Emma; ROWE, Katie. Sport for Development: An Integrated Literature Review. **Journal of Sport Management**, v. 30, n. 1, p. 22-39, 2016.

SHILBURY, David; POPI SOTIRIADOU, Kalliopi; GREEN, Christine B. Sport Development. Systems, Policies and Pathways: An Introduction to the Special Issue. **Sport Management Review**, v. 11, n. 3, p. 217–223, 2008.

SKINNER, James; ZAKUS, Dwight H.; COWELL, Jacqui. Development through Sport: Building Social Capital in Disadvantaged Communities. **Sport Management Review**, v. 11, n. 3, p. 253–275, 2008.

SOARES, Cassia Baldini et al. Integrative review: concepts and methods used in nursing descriptors Integrative review: concepts and methods used in nursing Critical review. **Revista Escola Enfermagem USP**, v. 48, n. 2, p. 329–39, 2014.

SOTIRIADOU, Kalliopi (Popi). The Australian sport system and its stakeholders: development of cooperative relationships. **Sport in Society**, v. 12, n. 7, p. 842–860, 2009.

SOTIRIADOU, Kalliopi; SHILBURY, David; QUICK, Shayne. The Attraction, Retention/Transition, and Nurturing Process of Sport Development: Some Australian Evidence. **Journal of Sport Management**, v. 22, n. 3, p. 247–272, 2008.

SOTIRIADOU, Popi; BOSSCHER, Veerle de. **Managing high performance sport**. Routledge, 2013.

SOTIRIADOU, Popi. Sport development planning: The Sunny Golf Club. **Sport Management Review**, v. 16, n. 4, p. 514–523, 2013.

SOUZA, Marcela Tavares; DIAS, Michelly; CARVALHO, Rachel De. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

STONE, Duncan. Cricket's regional identities: the development of cricket and identity in Yorkshire and Surrey. **Sport in Society**, v. 11, n. 5, p. 501-516, 2008.

STORM, Rasmus K; SOLBERG, Harry Arne. European club capitalism and FIFA redistribution models: an analysis of development patterns in globalized football. **Sport in Society**, v. 0437, p. 1–16, 2018.

STRAUME, Solveig; STEEN-JOHNSEN, Kari. On the terms of the recipient? Norwegian sports development aid to Tanzania in the 1980s. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 47, n. 1, p. 95-112, 2012.

SUMNER, Jim L. The State Fair and the Development of Modern Sports in Late Nineteenth Century North Carolina. **Journal of Sport History**, v. 15, n. 2, p. 138–150, 1988.

TAKS, Marijke et al. Evaluating sport development outcomes: the case of a medium-sized international sport event. **European Sport Management Quarterly**, v. 14, n. 3, p. 213–237, 2014.

THEEBOOM, Marc; KNOP, Paul De. An analysis of the development of wushu. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 32, n. 3, p. 267–282, 1997.

THOMSON, Alana; DARCY, Simon; PEARCE, Sonya. Ganma theory and third-sector sport-development programmes for Aboriginal and Torres Strait Islander youth: Implications for sports management. **Sport Management Review**, v. 13, n. 4, p. 313–330, 2010.

TIMM, Waldemar. The Social Structure and Development of Tennis in the Federal Republic of Germany. **International Review of Sport Sociology**, v. 16, n. 3, p. 23-43, 1981.

TORRACO, Richard J. Writing Integrative Literature Reviews: Guidelines and Examples. **Human Resource Development Review**, v. 4, n. 3, p. 356–367, 2005.

TURRINI, Joseph M. “It Was Communism Versus the Free World”: The USA- USSR Dual Trade Meet Series and the Development of Track and Field in the United States, 1958-1985. **Journal of Sport History**, v. 28, n. 3, p. 427–471, 2001.

WARNER, Stacy; TINGLE, Jacob K. Officiating Attrition: The Experiences of Former Referees Via a Sport Development Lens. **Journal of Sport Management**, v. 27, n. 4, p. 316-328, 2013.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

CAPÍTULO 2

FUTEBOL DE MULHERES: UMA ANÁLISE INTERNACIONAL DOS FATORES DE DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres tem recebido crescente atenção de cientistas e praticantes do mundo todo (VALENTI et al., 2018). As praticantes já somam mais de 30 milhões, revelando um aumento de 38% em relação ao início dos anos 2000 (FIFA, 2014). Estudos recentes também mostraram um aumento na participação das equipes e na competitividade dos jogos ao longo das edições da Copa do Mundo de Futebol de Mulheres (BARREIRA; SILVA, 2016; ARAÚJO; MIESSSEN, 2017). Apesar dos avanços quantitativos, as jogadoras ainda relatam dificuldades no processo de entrada, manutenção e formação no esporte em diversos países do mundo (FAN; MANGAN, 2004; HARTMANN-TEWSM; PFISTER, 2003). Os desafios incluem a discriminação, o baixo investimento, a falta de recursos e de suporte, além dos estereótipos de gênero que dificultam o acesso de mulheres aos cargos de liderança (PFISTER, 2015; MCGOWAN; DOWNES, 2018). Esse cenário revela a complexa relação entre gênero e esporte e alerta que os números podem representar uma análise simplista do desenvolvimento da modalidade.

Revisões recentes mostraram que a maioria dos estudos sobre o futebol de mulheres foi conduzido nas áreas da sociologia e história do esporte (BARREIRA et al., 2018; VALENTI et al., 2018). Essas investigações mostraram a importância das construções históricas e sociais na prática esportiva e indicaram que a popularização da modalidade se deu principalmente pela luta e resistência das próprias jogadoras. As organizações esportivas historicamente se mantiveram distantes das praticantes e deixaram de oferecer elementos fundamentais para o desenvolvimento do esporte, como competições esportivas, formação de profissionais de comissão técnica e oferecimento de espaços físicos para a prática esportiva. Esse cenário permite compreender a escassez de estudos na área da gestão do esporte e revela a necessidade de conhecer agentes e ações que contribuíram ou impediram o desenvolvimento do futebol de mulheres. Cientistas da área sugerem que estudos que explorem os aspectos administrativos do esporte são importantes para compreender os recursos que podem ser alocados e de que forma mais

equitativa eles podem fomentar e encorajar a participação de meninas e mulheres no futebol (PFISTER, 2015; VALENTI et al., 2018).

Pretendemos com esse trabalho explorar essa lacuna científica ao investigar o desenvolvimento do futebol de mulheres em uma perspectiva comparativa de gestão do esporte. O conhecimento sobre esses elementos-chave permitirá que pesquisadores(as) e gestores(as) proponham ações mais assertivas para o desenvolvimento do esporte e que possam estabelecer critérios para medir seus resultados (PFISTER, 2015; VALENTI et al., 2018). Portanto, o objetivo desse estudo é investigar o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres em diferentes países buscando identificar os(as) agentes, as estratégias e os recursos que fomentaram ou limitaram esse processo.

REVISÃO DE LITERATURA

Futebol praticado por meninas e mulheres

Desde a criação do esporte moderno, as mulheres enfrentam desafios na prática esportiva. O esporte, de modo geral, foi criado por homens e para homens, cabendo às mulheres apenas a participação em algumas práticas consideradas “adequadas” aos seus corpos (PFISTER, 2010). A maioria das modalidades esportivas era vinculada ao ideal de “masculinidade” e reforçava a competência e superioridade dos homens principalmente pelos atributos de agressividade e força. O futebol especificamente era defendido como incompatível à natureza feminina, ameaçando a feminilidade e maternidade das praticantes (GOELLNER, 2005). Esses argumentos biológicos foram utilizados para sustentar ideais socialmente construídos e manter as relações desiguais de gênero no esporte e na sociedade (PFISTER, 2015).

Em países como o Brasil, Inglaterra e Nova Zelândia, as barreiras sociais foram reforçadas por decretos legais que proibiram por décadas a prática do futebol por meninas e mulheres (COX; THOMPSON, 2003; GOELLNER, 2005; WILLIAMS, 2003). No caso brasileiro, sabemos que as proibições legais não impediram que as praticantes se organizassem em campos de várzea e nas periferias, mas anularam elementos importantes do desenvolvimento do esporte (SILVA, 2017). Nesse período, os clubes não poderiam organizar a prática esportiva para meninas e mulheres, assim como as federações não poderiam promover competições esportivas às praticantes (SILVA, 2017). No caso

inglês, os clubes continuaram realizando partidas amistosas entre equipes de mulheres, mas não contaram com nenhum apoio da Federação Inglesa de Futebol (WILLIAMS, 2003). Além da falta de recursos, as mulheres que desafiavam as construções sociais e as barreiras legais também enfrentavam diversas formas de preconceito e segregação social. Estudiosos mostram como a erotização, vigilância sobre a identidade de gênero e sobre a orientação sexual estiveram presentes na prática do futebol ao longo do século passado (CAUDWELL, 1999; TEIXEIRA; CAMINHA, 2013).

Dadas as similaridades entre diferentes países do mundo, Williams (2007) propôs três períodos históricos para o futebol de mulheres. O primeiro corresponde à luta pela aceitação social tendo início na origem do esporte moderno e fim no começo da década de 1990. Essa primeira fase é evidenciada pelos estudos citados acima e caracterizada pela proibição por parte das autoridades do futebol, pela falta de estrutura à prática esportiva e pela luta por aceitação social. A segunda fase é marcada pela legislação e popularização do futebol de mulheres, com início na década de 1990 e fim em meados dos anos 2000 (WILLIAMS, 2007). Esse período tem início quando a *Federación Internacional de Fútbol Asociación* (FIFA) passa a organizar competições internacionais para mulheres, como a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino promovida na China em 1991. Essa ação da FIFA exigiu que confederações continentais organizassem campeonatos qualificatórios para os mundiais e que associações nacionais estruturassem seleções nacionais (BARREIRA et al., 2020). O aumento de praticantes nas categorias de base também se tornou uma preocupação a partir da criação da Copa do Mundo para as categorias de base, Sub 20 e Sub 17, no início dos anos 2000.

Durante este segundo período, houve uma onda de popularidade do futebol de mulheres na Europa, sendo que os países começaram a construir uma estrutura com clubes e sistemas de ligas bem organizados (PFISTER; POPE, 2018). Esses avanços foram possíveis a partir de uma maior participação das organizações esportivas e das mudanças no estilo de vida das mulheres devido às conquistas dos movimentos feministas (PFISTER; POPE, 2018). Entretanto, nesse momento, as ações eram pautadas principalmente na promoção de competições esportivas, sem programas e projetos de desenvolvimento em longo prazo (BARREIRA et al., 2020).

Esse cenário apresentou mudanças significativas quando a FIFA incorporou o futebol de mulheres com um dos pilares do seu desenvolvimento em 2004 (FIFA, 2004). Essa mudança de posicionamento, motivada por interesses políticos e econômicos, repercutiu na organização do futebol mundial que passou a mobilizar agentes esportivos

na proposta de ações para fomentar a participação de meninas e mulheres no esporte. É justamente nesse momento que se deu início a terceira fase de desenvolvimento com duração até os dias atuais. Caracterizada pela incorporação do futebol de mulheres no processo de globalização do esporte, o momento atual é de consolidação de uma teia de novos fluxos migratórios ligando países de diferentes continentes (WILLIAMS, 2007).

Desenvolvimento do esporte

O desenvolvimento esportivo é um fenômeno complexo, imerso em contextos sociais, políticos e econômicos específicos. A relevância mundial da temática popularizou o termo entre praticantes, governos e cientistas do mundo todo, e gerou diversas possibilidades de interpretação. Inicialmente proposto para qualificar a economia de governos nacionais, o conceito de desenvolvimento é atualmente utilizado no esporte para analisar os níveis de participação e desempenho (GREEN, 2005; SOTIRIADOU et al., 2008). De acordo com Shilbury et al. (2008), desenvolver é promover oportunidades de participação para crianças, jovens e adultos, e possibilitar a prática esportiva da iniciação ao alto rendimento. A melhoria do desempenho também aparece como um aspecto importante no desenvolvimento esportivo dado que a competição é uma característica central do esporte moderno (GREEN, 2005).

O desenvolvimento, ainda mais de modalidades com uma trajetória carregada de impedimentos sociais e legais, não acontece espontaneamente. O processo é iniciado por agentes que propõe estratégias com o objetivo de fornecer recursos às praticantes (SOTIRIADOU, SHILBURY, & QUICK, 2008). É comum que agentes tenham diferentes responsabilidades nesse processo. Normalmente, organizações com posições mais altas no sistema esportivo são responsáveis pelas propostas e aquelas com posições mais baixas, pela implementação das estratégias (SOTIRIADOU, 2009). As estratégias são caracterizadas por propostas em longo prazo, como políticas, programas e eventos, que tem como objetivo fornecer recursos para a prática esportiva sustentável.

A literatura aponta os espaços físicos, uma comissão técnica qualificada e as competições esportivas como os principais recursos do processo (MADELLA et al., 2005). Ao investigar os fatores que influenciam a prática esportiva, Bauman et al. (2012) reconheceram a importância da infraestrutura e da disponibilidade de espaços físicos para que indivíduos praticassem atividade física ao longo da vida. Côté et al. (2010) apontam

que treinadores(as) são um dos principais fatores de desenvolvimento dos(as) atletas e de sucesso no esporte. Por fim, Sotiriadou et al. (2008) reforça a importância das competições tanto para o desempenho como para a participação. De acordo com os autores(as), as competições agem como um critério de elegibilidade no avanço do(a) atleta para níveis competitivos maiores, e também são fundamentais para promover e impulsionar a popularidade do esporte.

Os elementos apresentados acima foram utilizados anteriormente para analisar o desenvolvimento do futebol ao redor do mundo. Na prática de homens, Eisenberg (2006) mostrou como as políticas e os programas propostos pela FIFA no final do século XX possibilitaram disseminar e comercializar a modalidade, e tornaram a federação a organização internacional não-governamental mais eficaz do mundo. Weinberg (2012) revelou a importância dos programas esportivos propostos pela Confederação Asiática de Futebol para o desenvolvimento do futebol no continente asiático e, recentemente, Sugiyama, Khoo e Hess (2017) mostraram como o sistema de desenvolvimento do futebol no Japão organizado pela Federação Japonesa de Futebol contribuiu com a formação de treinadores, qualificação de árbitros e estabelecimento de uma liga profissional. Entretanto, todos esses esforços foram destinados à prática dos homens, indicando a necessidade de investigar se esses elementos também se fazem presentes e possibilitam o desenvolvimento do futebol de mulheres.

MÉTODOS

Estudos comparativos na área de gestão do esporte

Os estudos comparativos se consolidaram como uma linha de investigação na área da gestão do esporte com o objetivo de investigar políticas esportivas que impulsionam o desempenho esportivo internacional (DOWLING et al., 2018). Nessas investigações, os países corresponderam às unidades de análise e diferentes percursos metodológicos foram utilizados na comparação ou na busca por similaridades entre eles. Apesar das suas grandes contribuições, a condução de estudos comparativos no esporte é desafiadora. A maioria dos(as) pesquisadores(as) de política esportiva comparativa enfrenta problemas relacionados ao recrutamento de participantes, ao acesso aos dados, à execução de protocolos padronizados e às restrições de financiamento (DOWLING et al., 2018). Não

é surpreendente, portanto, que poucos(as) estudiosos(as) tentaram realizar este tipo de análise dentro da gestão do esporte (DOWLING et al., 2018).

Entre os desafios metodológicos se encontra a coerência do estudo com os pressupostos filosóficos da pesquisa (DOWLING et al., 2018). As perspectivas filosóficas nos permitem entender o que podemos e não podemos saber sobre as políticas esportivas e quais percepções podemos obter delas (HENRY et al., 2005). Compreender as diferentes abordagens filosóficas nos permite entender como as posições ontológicas e epistemológicas dos pesquisadores podem levar a diferentes visões de como comparar as nações. Após uma extensa revisão sobre o tema, Dowling et al. (2018) mostrou que, na literatura de política esportiva comparada, parece haver uma divisão relativamente clara entre aqueles(as) que reconheceram que as nações estão intrinsecamente ligadas aos aspectos de nível macro (econômicas, políticas, populacionais, etc) e aqueles(as) que deliberadamente escolheram ignorar ou negligenciar essas questões mais amplas, focando apenas em elementos que compõe o meso nível.

No nosso estudo reconhecemos que os sistemas esportivos são produtos da interação humana e influenciados de diferentes maneiras por aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos (PATATAS, 2019). Nesse sentido, não é possível separar ou ignorar os fatores de nível macro, pois eles têm um impacto significativo na proposta de ações de desenvolvimento, mesmo que estejam além do controle dos(as) gestores(as) esportivos(as) (DOWLING et al., 2018). No estudo Andersen e Ronglan (2012) encontramos um olhar parecido para o fenômeno. Os autores examinaram as semelhanças e diferenças no desenvolvimento do esporte de elite nos países nórdicos e tentaram descobrir as complexidades e a natureza mutável dessas nações esportivas.

Os pressupostos apresentados acima tem impacto direto nas unidades de análise. Para Landman (2017), a inclusão de muitos países leva a comparações orientadas para variáveis em grande escala, muitas vezes por meio de inferências estatísticas. É por esta razão que estudos comparativos em grande escala (n) são considerados os mais próximos do método experimental. Comparar menos países, por outro lado, envolve uma análise focada em casos selecionados de uma maneira mais intensiva, tentando entender a nuance de cada caso levando em consideração os fatores macro, meso e micro nível. De acordo com os autores, comparações com menos de 20 países são consideradas de pequena escala e possibilitam conhecer os contextos com maior profundidade.

É necessário que os instrumentos utilizados para a coleta de dados também estejam alinhados com a base filosófica do estudo. Nesse sentido, investigações em larga

escala, que buscam controlar variáveis e generalizar achados, optam por instrumentos quantitativos (i.e. questionários fechados) enquanto que estudos em menor escala utilizam procedimentos qualitativos. As entrevistas são frequentemente utilizadas nesse último caso, pois possibilitam uma análise mais profunda das unidades de análise e adequações de acordo com os diferentes contextos e participantes. Todos esses elementos apresentados possibilitaram delinear o método do nosso estudo e serão apresentados com detalhes a seguir.

Participantes

O processo de seleção dos participantes se deu em duas etapas. A primeira foi de definição dos países para o estudo comparativo e a segunda de identificação de agentes que pudessem fornecer um rico panorama desses sistemas esportivos.

Etapa 1

Baseadas nos níveis de participação e desempenho utilizados para avaliar o processo de desenvolvimento do esporte, procuramos identificar os países que se destacam em ambas as variáveis dentro do seu continente. Primeiramente, foi necessário estabelecer uma lista com todos os países elegíveis. Para isso, recorremos à lista oficial de todos os países cujas associações nacionais de futebol são filiadas à FIFA, disponível no site oficial da organização (www.fifa.com). A quantidade de meninas e mulheres praticantes de futebol em cada país foi extraída do relatório *Women's Football Today* (FIFA, 2006). A variável de desempenho também foi coletada no site oficial da federação a partir da posição de cada país no FIFA/Coca-Cola World Ranking em dezembro de 2006.

Exploramos o banco de dados coletado a partir de gráficos de dispersão com o objetivo de analisar simultaneamente as variáveis de participação e desempenho. Plotamos o número de praticantes de todos os países no eixo X e a respectiva posição no ranking FIFA no eixo Y, como apresentado na Figura 1. O quadrante inferior direito representaria, de acordo com a literatura, os países mais desenvolvidos na modalidade, pois, nele se encontram os maiores valores de participação e as melhores colocações no

ranking. Entretanto, o elevado número de praticantes nos EUA, Alemanha e Canadá distorceu o gráfico e dificultou a análise dos demais países. Refizemos o gráfico sem os dados desses três países, como mostrado na Figura 2.

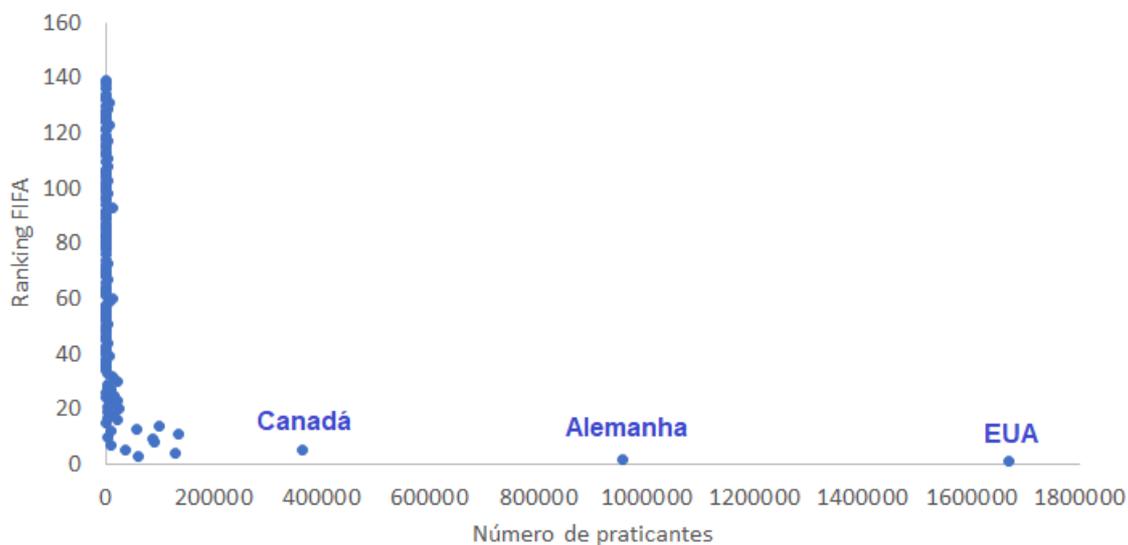


Figura 1. Posicionamento dos países em relação ao número de praticantes e desempenho no ranking FIFA no futebol de mulheres.

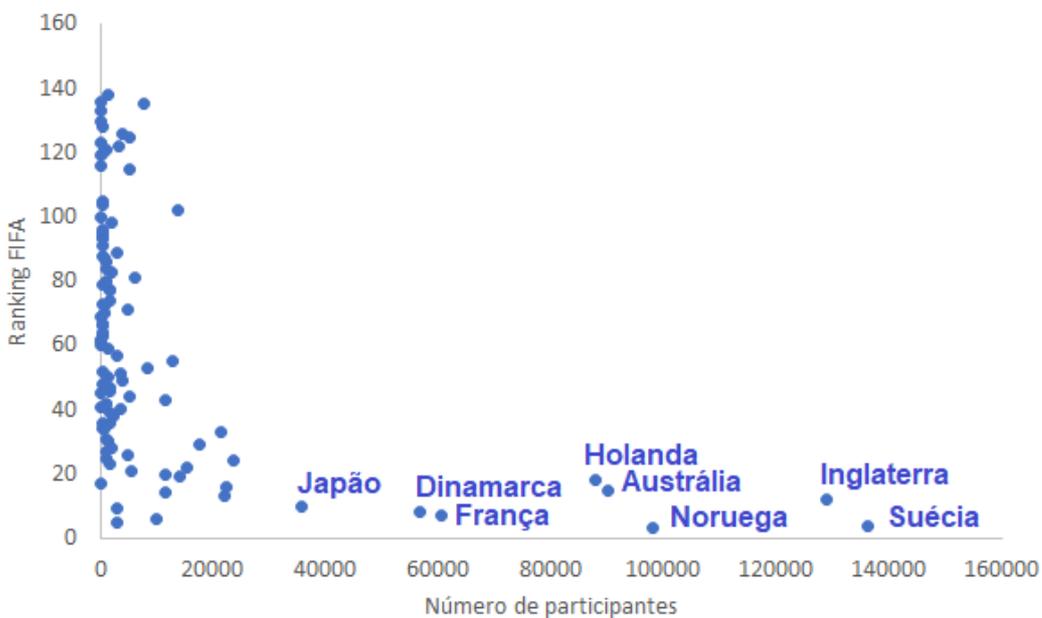


Figura 2. Posicionamento dos países (excluindo EUA, Alemanha e Canadá) em relação ao número de praticantes e desempenho no ranking FIFA no futebol de mulheres.

A análise das Figuras 1 e 2 revela uma hegemonia da América do Norte e Europa no futebol de mulheres. A análise do processo de desenvolvimento baseado somente nesses países seria limitada dada à homogeneidade da amostra. De acordo com Yin (2010), apesar do processo de amostragem intencional ser o mais utilizado nas ciências humanas, ele não deve pressupor a homogeneidade das unidades de análise. Pelo contrário, o autor reforça que a confiabilidade da pesquisa é dependente da inclusão de unidades de análise com características heterogêneas. Diante desse cenário, passamos a explorar os dados de acordo com as confederações continentais de futebol. Partindo do pressuposto de que os continentes apresentam características culturais, sociais, econômicas e políticas distintas, buscamos identificar os países melhores colocados em ambas as variáveis em cada confederação continental. Dentro de um mesmo continente, encontramos países com desempenho e quantidade de praticantes semelhantes, como é o caso da Inglaterra, Suécia e Noruega. Nesse caso, coletamos a população de cada país no site oficial do Banco Mundial (www.data.worldbank.org) e utilizamos a proporção de praticantes pela população total como critério de seleção do país.

A partir dessa análise, a amostra final do estudo foi composta por: Austrália (AFC), Japão (AFC), Nigéria (CAF), Zimbábue (CAF), Canadá (CONCACAF), Estados Unidos (CONCACAF), Brasil (CONMEBOL), Chile (CONMEBOL), Alemanha (UEFA), Noruega (UEFA) e Nova Zelândia (OFC). Não encontramos dados da prática do futebol por meninas e mulheres em outros países da Confederação da Oceania, por isso somente a Nova Zelândia foi incluída no estudo.

Etapa 2

Nessa etapa buscamos identificar agentes esportivos que trabalham com o futebol de mulheres nos países selecionados e que poderiam fornecer um rico panorama do seu sistema esportivo. Como critérios de inclusão definimos que os(as) participantes deveriam estar envolvidos(as) com o futebol de mulheres no momento da coleta de dados e ter no mínimo dez anos de experiência na modalidade. O Quadro 1 apresenta os(as) agentes elegíveis para participar desse estudo e a exigência mínima de acordo com cada categoria.

Quadro 1. Agentes e exigências para participar do estudo.

Agentes	Exigência
Atletas	Disputar o campeonato nacional da categoria adulta
Gestores(as)	Trabalhar em clubes, federações esportivas, ONG, governo
Treinadores(as)	Disputar campeonatos estaduais e/ou nacional
Pesquisadores(as)	Realizar estudos sobre futebol de mulheres

Devido às características específicas dos(as) participantes do estudo, utilizamos o procedimento de amostragem por conveniência para obter o contato desses indivíduos. Iniciamos o processo com os contatos pessoais das pesquisadoras que, a partir de um círculo de indicações, conectaram a doutoranda com agentes ativos(as) nos países selecionados. Entramos em contato com os(as) possíveis participantes por e-mail ou telefone para explicar os objetivos do estudo e fazer o convite para a entrevista. A Tabela 1 apresenta os(as) participantes do estudo e suas funções atuais.

Tabela 1. Caracterização dos(as) participantes do estudo.

Continente	País	Participantes	Função atual
América do Norte	Canadá	2	Treinadoras
	Estados Unidos	2	Treinadoras
América do Sul	Brasil	2	Treinador e pesquisadora
	Chile	1	Gestor
Europa	Alemanha	2	Treinadores
	Noruega	3	Gestores e pesquisador

África	Zimbábue	1	Treinadora
Ásia	Japão	2	Treinadora e pesquisadora
	Austrália	1	Pesquisador
Oceania	Nova Zelândia	1	Pesquisador

Coleta de dados

Para a coleta de dados utilizamos as entrevistas semiestruturadas devido à possibilidade de conhecer as experiências dos(as) participantes com o futebol de mulheres e suas percepções sobre os sistemas esportivos investigados (SMITH; SPARKES, 2016). Esta abordagem permitiu investigar as informações por diferentes perspectivas (SKINNER; EDWARDS, 2009) e possibilitou que emergissem questões adicionais de acordo com o andamento da entrevista (SMITH; SPARKES, 2016).

O roteiro de entrevista foi dividido em quatro sessões. Na primeira sessão apresentamos o objetivo do trabalho e o tempo esperado de entrevista, além de pedirmos a autorização para gravar a conversa e possivelmente utilizar as falas do(a) participante ao final do trabalho. A segunda sessão foi destinada à caracterização do(a) participante. Nesse momento fizemos perguntas em relação ao cargo atual, funções anteriores e há quanto tempo o(a) entrevistado(a) atua no futebol de mulheres. A terceira sessão foi destinada ao processo de desenvolvimento do esporte. Pedimos para que os(as) participantes apontassem países que consideram desenvolvidos no futebol de mulheres e quais as características desses países os levaram a essa classificação. A quarta e mais extensa sessão foi destinada ao desenvolvimento do futebol de mulheres no país investigado. Nesse momento buscamos conhecer o sistema esportivo e os elementos que fomentam ou dificultam a participação de meninas e mulheres no futebol. Perguntas como “você poderia, por favor, explicar com mais detalhes como esse elemento se faz presente no futebol de mulheres”, “como isso difere do esporte em geral para o futebol de mulheres?” e “quais efeitos desse elemento no desenvolvimento do futebol de mulheres?” foram utilizadas para compreender o fenômeno investigado, para buscar detalhes mais

aprofundados e esclarecimentos (PATATAS, 2019). Além disso, a doutoranda realizou leituras prévias sobre o futebol de mulheres nos países analisados possibilitando uma maior compreensão sobre a realidade do(a) participante e dos exemplos utilizados durante a entrevista (LEECH, 2002). Por fim, deixamos um espaço para os(as) participantes fazerem sugestões de aspectos a serem melhorados em seu país para promover o desenvolvimento da modalidade. A ordem das questões foi cuidadosamente pensada com o intuito de garantir a confiabilidade na coleta dos dados (LEECH, 2002).

As entrevistas foram realizadas pessoalmente ou de forma remota de acordo com a disponibilidade da doutoranda e do(a) entrevistado(a). Os horários, dias e locais de entrevistas foram definidos pelos(as) participantes. As entrevistas foram realizadas em português ou inglês e, em alguns casos, o(a) participante contou com a colaboração de tradutores(as) caso não se sentisse confortável ou tivesse dificuldades para se expressar na língua estrangeira. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP sob protocolo 07065819.4.0000.5404.

Confiabilidade

O *bracketing interview* foi realizado para assegurar a confiabilidade do estudo. O procedimento de *bracketing* é utilizado em estudos qualitativos quando o(a) pesquisador(a) e o objeto de estudo são tão próximos que questões emocionais podem influenciar a coleta e interpretação dos dados (TUFFORD; NEWMAN, 2012). É caracterizado por um processo auto reflexivo que busca identificar as crenças, os conhecimentos e pressupostos do(a) pesquisador(a) que podem enviesar o método do estudo (FISCHER, 2009). Portanto, o *bracketing* é um dos procedimentos que garantem a confiabilidade da coleta de dados e, conseqüentemente, dos resultados em pesquisas qualitativas. Diferentes métodos podem ser utilizados no processo auto reflexivo. Nesse estudo utilizamos o procedimento de entrevista. O roteiro apresentado anteriormente foi utilizado pela orientadora do trabalho para entrevistar a doutoranda responsável pelo processo de coleta dos dados. A entrevista foi gravada, transcrita e os necessários ajustes foram realizados no roteiro de acordo com as impressões das pesquisadoras ao decorrer da entrevista. Além disso, para garantir que as perguntas estavam claras e coerentes com a realidade da modalidade, realizamos um estudo piloto com a gestora de uma equipe de elite do futebol de mulheres no Brasil. Além do cargo então ocupado pela entrevistada, a

participante também tem uma rica trajetória acadêmica que possibilitou o diálogo sobre os procedimentos utilizados no estudo.

Análise dos dados

Em estudos qualitativos, é recomendado que o processo de coleta e análise dos dados, ocorram simultaneamente (BAXTER; JACK, 2008). Durante as entrevistas foram realizadas diversas anotações que poderiam auxiliar na posterior análise dos dados. Da mesma forma, o extenso processo de transcrição também foi realizado pela doutoranda reconhecendo sua importância para a análise dos dados (BRAUN; CLARKE, 2006).

Para o processo sistemático de análise das entrevistas, utilizamos a Análise Temática que possibilita encontrar padrões (temas) no conjunto de dados analisado, auxiliando também a descrição e interpretação do seu significado e da sua importância no contexto analisado (BRAUN; CLARKE, 2006). Dada a sua flexibilidade, a Análise Temática pode ser realizada de diferentes maneiras, sendo necessário definir os percursos utilizados nesse estudo. Utilizamos a análise dedutiva tendo como base o referencial teórico apresentado sobre o desenvolvimento esportivo (BRAUN e CLARKE, 2006). Adicionamos a análise indutiva à medida que temáticas não abordadas previamente também emergiram a partir da análise dos dados (BRAUN; CLARKE, 2006).

Esses processos se fizeram presentes nas seis etapas de análise propostas por Braun e Clarke (2006), como mostrado abaixo.

1) Familiarização – A leitura inicial e a releitura das transcrições compuseram essa etapa de familiarização com a profundidade e amplitude do conteúdo. Durante esse processo, foram realizadas diversas anotações e realces de transcrições que chamavam a atenção tanto por seu aspecto qualitativo quanto quantitativo.

2) Codificação – Essa fase envolveu a produção de códigos iniciais que possibilitassem identificar as características dos dados que parecessem interessantes para a pesquisa, sendo que os dados poderiam ter mais de um código. Nesse momento utilizamos diferentes recursos do pacote Office para assinalar e organizar os códigos. Esse processo possibilitou a organização das transcrições e releitura dos textos de acordo com os códigos criados.

3) Definição dos temas – essa etapa foi caracterizada pela exploração das diferentes combinações entre os códigos para formar um tema abrangente. A definição

de um tema pode ser dada pela sua presença quantitativa e/ou qualitativa nos dados analisados. No nosso estudo, cinco temas foram identificados tanto pela sua frequência de citação e quanto pela sua importância no processo de desenvolvimento.

4) Revisão dos temas – depois de definir os possíveis temas, é necessário refinar as escolhas e garantir que os candidatos sejam realmente temas. Nesse momento de análise, os temas propostos podem ser unidos ou divididos em temas separados com o intuito de estabelecer seus limites e garantir que sejam coerentes com a pergunta do estudo. Em um primeiro momento foram gerados 12 temas que após uma análise cuidadosa foram reduzidos em 5.

5) Nomeação dos temas – todos os aspectos dos temas devem ser coerentes com a sua ideia central ou conceito. Portanto, nesse momento definimos e redefinimos a nomenclatura dos temas com intuito de identificar a essência do tema e todos os aspectos dos dados capturados por ele. Os cinco temas finais desse estudo são apresentados abaixo:

- Futebol de mulheres desenvolvido ou em desenvolvimento?
- O recente processo de desenvolvimento do futebol de mulheres
- “A questão de relevância no cenário do futebol feminino é dos Estados Unidos em primeiro, segundo e terceiro lugar”
- Os recursos necessários para o desenvolvimento: competições, organizações esportivas e formação de treinadores(as)
- Os parâmetros do não desenvolvimento: a baixa presença de público nos estádios e de mulheres em cargos de liderança

6) Produção do relatório – essa fase foi caracterizada pela produção de um relato conciso, coerente, lógico, não repetitivo e interessante da história que os dados contam (BRAUN; CLARKE, 2006). Nesse momento foi necessário selecionar falas que expressassem os conteúdos de cada tema e que se complementassem na apresentação dos resultados. Na apresentação das falas, preservamos a identidade dos(as) participantes e utilizamos os nomes dos seus países como identificação do(a) entrevistado(a). Para cada atividade profissional estabelecemos uma sigla que possibilita identificar a atuação do(a) participante com o futebol de mulheres (Quadro 2). Também optamos por apresentar os resultados e a discussão do estudo de forma conjunta possibilitando um aprofundamento nas temáticas analisadas. Por fim, as entrevistas realizadas em inglês foram traduzidas de maneira independente pela própria doutoranda.

Quadro 2. Funções exercidas pelos(as) participantes do estudo e sigla utilizada para sua identificação na apresentação dos resultados.

Função	Sigla
Gestor(a)	G
Pesquisador(a)	P
Treinador(a)	T

Por mais que as seis etapas sejam apresentadas de maneira linear e sequencial, é importante lembrar que a análise temática é caracterizada por movimentos constantes de idas e vindas entre todo o conjunto de dados. Como sugerem as próprias autoras, a escrita dos resultados não é algo que ocorre no final, ela se inicia na fase um, com a anotação de ideias e esquemas de codificação em potencial, e continua por todo o processo de codificação e análise (BRAUN; CLARKE, 2006). Da mesma forma, o processo de codificação e definição dos temas também é constantemente revisitado à medida que as autoras se familiarizam com seus dados e realizam novas leituras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo desse estudo foi investigar o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres em diferentes países do mundo buscando identificar os(as) agentes, as estratégias e os recursos que fomentaram ou limitaram esse processo. O aumento da participação e do desempenho de meninas e mulheres no futebol indica um esporte em desenvolvimento, mas as entrevistas com agentes atuantes na modalidade apontam elementos da gestão do esporte que precisam ser melhorados e de desafios culturais a serem superados.

A aproximação das organizações esportivas, agentes responsáveis por iniciar as estratégias de desenvolvimento, é recente e decorrente das pressões políticas e econômicas por parte da FIFA. Essa aproximação possibilitou a organização e promoção de competições esportivas que aparecem como um recurso fundamental para o desenvolvimento do esporte, mas que, na maioria dos casos, ainda não oferecem a

possibilidade de profissionalização das atletas. A qualificação de profissionais de comissão técnica também aparece como um recurso a ser oferecido pelas organizações esportivas e necessário para promover o desenvolvimento do esporte.

Os EUA parecem estar à frente nesse processo de desenvolvimento ao estabelecer um sistema capaz de encorajar e apoiar um grande número de participantes e também de produzir resultados esportivos. As características culturais, políticas e econômicas, unidas a aspectos fundamentais da gestão do esporte, como participação das organizações esportivas, a quantidade e qualidade das competições esportivas, e qualificação de profissionais de comissão técnica, aparecem como fatores chaves para o sucesso do país no futebol de mulheres. Mas, mesmo com esse protagonismo, o sistema esportivo norte-americano também enfrenta desafios, como a baixa presença de público nos estádios e de mulheres em cargos de liderança. Esses achados serão apresentados com detalhes a seguir.

Futebol de mulheres desenvolvido ou em desenvolvimento?

Nesse estudo investigamos os países que se destacavam no seu continente em relação aos níveis de participação e ao desempenho esportivo no futebol de mulheres. Apesar de apresentarem as características apontadas pela literatura científica como necessárias para o desenvolvimento, participantes do estudo não reconhecem seus países como desenvolvidos e, em alguns casos, se surpreendem com essa classificação. Por exemplo, ao explicar para a participante da Noruega que seu país estava sendo investigado por esse motivo, a gestora se surpreendeu e respondeu “Ahn, é? Então tá, obrigada (risos)” (G-NORUEGA 1). Ao longo da entrevista a gestora menciona que a profissionalização, participação de mulheres em cargos de comissão técnica e apropriação cultural do jogo ainda são aspectos que precisam melhorar para que o futebol de mulheres se desenvolva no seu país, justificando a sua surpresa com a classificação. Essa percepção é corroborada por estudos recentes mostrando que, mesmo com o aumento do número de praticantes, o futebol de mulheres norueguês ainda enfrenta dificuldades em relação aos recursos financeiros, à atenção da mídia e à comercialização do esporte (SKOGVANG, 2019)

De forma similar, ao perguntar para o participante da Alemanha se considerava o futebol de mulheres desenvolvido no seu país, o treinador respondeu que “Não. Não é profissional. O futebol feminino vem crescendo, tá sempre melhorando, mas não dá pra

comparar com o masculino. A área médica, o salário, essas coisas não dá pra comparar com os homens” (T-ALEMANHA 1). A fala do entrevistado indica o progresso e a melhoria no futebol de mulheres e corrobora estudos anteriores mostrando o aumento da popularidade do esporte no país (HALLMANN, 2012) e do público nas partidas da Frauen-Bundesliga nos últimos anos (MEIER; KONJER; LEINWATHER, 2016). Entretanto, o treinador não reconhece o esporte como desenvolvido devido à necessidade de profissionalização e de maior suporte para as atletas.

O conceito de desenvolvimento também não é reconhecido no Zimbábue, onde o

País precisa apoiar as meninas. É necessário ter uma liga de futebol em cada província. Há falta de patrocínio, pois as equipes precisam viajar para cumprir os jogos. É necessário ter jogadoras profissionais para produzir jogadoras de qualidade. Muito ainda precisa ser feito. (T-ZIMBÁBUE 1)

A fala da treinadora revela a necessidade de competições esportivas, patrocínios e profissionalização para que a modalidade se desenvolva no país. No Brasil, participantes também não reconhecem o país como desenvolvido e, ao ser questionada sobre o desenvolvimento do futebol de mulheres, a pesquisadora diz que

Não, não. Acho que a gente tá muito atrasado. Pelo potencial. Pelo que o futebol representa no Brasil [...] nesse sentido eu acho que a gente não é desenvolvido, acho que a gente tá na infância. Nos primeiros passos. (P-BRASIL 1)

A partir das falas apresentadas acima, notamos que participantes do estudo não reconhecem seus países como desenvolvidos e dão indicativos de elementos da gestão do esporte que precisam ser melhorados. A apropriação cultural do jogo também é citada como um aspecto problemático que precisa ser transformado para que o esporte se desenvolva. Por exemplo, ao comparar a prática do futebol por mulheres e homens na Noruega, o participante cita que “as estruturas podem ser muito iguais, mas ainda assim existe muitas diferenças quando se trata especialmente da taxa de participação das mulheres e isso é uma coisa cultural” (P-NORUEGA 3). É importante lembrar que a Noruega é um país mundialmente reconhecido pela igualdade de gênero e pelos altos níveis de participação em atividades físicas (FASTING, 2003; MATHISEN et al., 2018) e que, possivelmente, essas barreiras de gênero se façam presente em maior magnitude em outros países.

No Brasil também identificamos as dificuldades no acesso aos espaços físicos. De acordo com a participante, “a gente tem o espaço, mas esse espaço não é delas. [...] é só

ir num parque, numa praça, você vê o espaço esportivo é dos meninos ou é dos homens. Para elas entrarem ali, elas têm que negociar porque geralmente elas são na margem” (P-BRASIL 1). A existência do espaço físico não garante o acesso ao mesmo, revelando a barreira cultural ainda existente para a prática esportiva. Exemplos parecidos foram apresentados por Pisani (2018) ao investigar a prática do futebol de mulheres em São Paulo (Brasil). A autora mostrou que equipes de mulheres frequentemente realizam a prática do futebol em locais privados, onde podem reservar a data e o horário da prática sem a necessidade de negociar com os homens. Nesse sentido, a importância dos espaços físicos para o desenvolvimento do esporte é minimizada se seu oferecimento for descontextualizado e não possibilitar um ambiente seguro e confortável para a presença de meninas e mulheres.

Um cenário parecido é encontrado na Austrália, onde a participação de meninas e mulheres no futebol tem crescido nas últimas décadas, mas as praticantes ainda enfrentam banalização, discriminação e assédio no esporte. Pesquisadores australianos mostraram que jogadoras, treinadoras e administradoras compartilharam experiências de terem sido submetidas a preconceito de gênero e discriminação que vão desde a alocação de campos de jogo, uso de equipamentos de segunda mão, falta de recursos financeiros e apoio da mídia (MCGOWAN; DOWNES, 2018). De acordo com os autores, as equipes adultas de mulheres são consideradas menos importantes do que as equipes juvenis de homens e que as praticantes raramente tem acesso aos campos principais, mesmo apresentando um desempenho no campeonato superior ao dos homens.

Esses achados corroboram as impressões de Pfister (2010) ao alertar que, embora as diferenças de gênero no esporte estejam sendo suavizadas nas últimas décadas, o esporte ainda tem gênero e, no caso do futebol, é masculino. De acordo com a autora, superar as barreiras legais e autorizar a participação de meninas e mulheres na modalidade não significa que essas diferenças sejam superadas. Portanto, as dificuldades culturais enfrentadas pelas praticantes unidas à carência de elementos da gestão do esporte mostram que, mesmo com o aumento quantitativo no número de praticantes (FIFA, 2014) e a melhora no desempenho esportivo (BARREIRA; DA SILVA, 2016; ARAÚJO; MIESSEN, 2017), não podemos falar de um futebol de mulheres desenvolvido, mas sim em desenvolvimento.

O recente processo de desenvolvimento do futebol de mulheres

O desenvolvimento do esporte é longitudinal e de melhoria (LEHMANN, 2010) e nossas entrevistas revelam um processo recente. Participantes do estudo apontam as competições e organizações esportivas como elementos importantes para o desenvolvimento e que se fizeram presentes em seus países a partir dos anos 2000. Por exemplo,

A estrutura do jogo na Nova Zelândia mudou em 2002, com as numerosas associações dentro do país, incluindo a Associação de Futebol Feminino da Nova Zelândia, sendo substituídas por um órgão regulador geral (hoje conhecido como NZ Futebol) e sete federações [...]. Desde 2010, a *National Women's League* se tornou uma liga de desenvolvimento. (P-NOVA ZELÂNDIA 1)

A mudança na estrutura das organizações esportivas também é citada por pesquisadoras neozelandesas como um elemento importante no desenvolvimento do futebol de mulheres no início do século XXI (COX; THOMPSON, 2003). De acordo com as autoras, essas mudanças impulsionaram o futebol de mulheres no país e tornaram o esporte de maior crescimento entre meninas no início dos últimos anos.

No Canadá, a criação das ligas também aconteceu somente nos últimos anos, como mostrado na fala abaixo.

Clube mesmo aqui em Toronto só tem um, quer dizer, agora tem dois, dois profissionais, é o Toronto FC que faz parte da liga dos EUA e tem um outro que chama York Nine que é o time que faz parte do Canadian Premier League que é o Primeiro Campeonato Profissional Canadense que foi criado no ano passado [2019]. (T-CANADÁ 2)

Notamos que a principal liga canadense de futebol de mulheres foi criada apenas em 2019 e que poucos clubes oferecem a possibilidade de profissionalização para as atletas. Esses achados corroboram estudos anteriores mostrando que, por mais que o Canadá tenha apresentado um grande aumento na participação de meninas e mulheres no futebol desde a década de 1980, muitas atletas ainda acabam migrando para os Estados Unidos em busca de melhores condições de treinamento e desenvolvimento (HAAL, 2003; REID; DALLAIRE, 2019).

Em entrevista com a participante japonesa, também descobrimos que ainda não existe uma liga profissional no país e que sua primeira edição está prevista para o ano de

2021. Apesar da popularidade do futebol de mulheres no Japão, a WE-League, atual liga de futebol de mulheres no país, ainda é considerada semi-profissional levando a imigração de diversas atletas japonesas para ligas estrangeiras (EDWARDS, 2018).

Um cenário parecido é encontrado no EUA, onde “só recentemente a seleção [de futebol de mulheres] recebeu mais atenção [...] E parece que a NWSL só é consistente há tipo quatro, talvez cinco anos” (T-EUA 2). A *National Women's Soccer League*, citada pela participante, é liga profissional dos Estados Unidos que teve sua primeira edição em 2013 (HENDERSON; ZHANG; LEOPKEY, 2015). A liga foi formada a partir de dois antecessores, a *Women's United Soccer Association* (WUSA) e o *Women's Professional Soccer* (WPS), ligas de clubes de futebol profissional que encerraram as operações após três temporadas (HENDERSON; ZHANG; LEOPKEY, 2015). A participante norte-americana reforça a importância da consistência da liga atual justamente pela interrupção das duas tentativas anteriores devido ao baixo público, à baixa venda de ingressos e à má gestão das equipes (VEGA, 2013).

As falas apresentadas mostram um recente processo criação de competições esportivas e de consolidação das ligas profissionais em diferentes países do mundo. É importante contextualizar essas transformações em um cenário de maior interesse político e econômico pelo esporte e de pressão por parte de entidades internacionais reguladoras do futebol. Por exemplo,

Teve muitas mudanças no futebol [de mulheres] australiano aí nos últimos anos por pressões endógenas e exógenas. A FIFA veio aqui algumas vezes pra pressionar, pra abrir o congresso porque a FIFA exige um congresso que cada associação seja democrática e aqui não era, era controlado por uma família. (P-AUSTRÁLIA 1)

Notamos a importância da FIFA nos últimos anos ao pressionar as organizações esportivas para proporem ações para o desenvolvimento do futebol de mulheres no país e exigir mudanças na estrutura das organizações esportivas, permitindo uma gestão mais democrática. Da mesma forma, as ações da FIFA foram citadas por outros participantes como importantes para o recente desenvolvimento do esporte. No caso brasileiro, o futebol de mulheres “tá dando os primeiros passos por pressão de agentes externos que vão gerenciando o futebol. [...] Eu acho que assim, acho que o que tá sendo feito agora por pressão da própria FIFA né, depois da CONMEBOL” (P-BRASIL 1). A partir da fala da participante, notamos o uso da estrutura verticalizada do futebol e do poder político e econômico da FIFA para cobrar ações de agentes em níveis menores.

De forma similar, o gestor chileno reconhece que “o que a CONMEBOL fez muito bem foi justamente obrigar, a partir de agora, a ter uma equipe feminina. Eu acho que faltam algumas coisas pra serem punidas durante o torneio, onde vai jogar, o estádio principal e muitos pontos” (G-CHILE 1). Novamente, a obrigatoriedade por equipes de mulheres para que os times sul-americanos possam disputar competições internacionais de futebol de homens é uma ação da CONMEBOL em resposta às cobranças da FIFA. Mesmo reconhecendo as limitações da estrutura fornecida pela confederação sul-americana, o participante revela a importância dessa ação para o desenvolvimento do esporte no seu país.

Todas essas ações marcam a terceira e atual fase de desenvolvimento do futebol de mulheres que teve início no meio dos anos 2000 e corroboram a importância da participação das organizações esportivas na proposta de estratégias e fornecimento de recursos para o desenvolvimento do esporte (WILLIAMS, 2007). Nesse cenário é importante reconhecer o papel da FIFA que, como entidade máxima na organização do futebol mundial, tem utilizado seu poder para cobrar a maior participação das organizações esportivas no oferecimento de oportunidades para meninas e mulheres no esporte.

“A questão de relevância no cenário do futebol feminino é dos Estados Unidos em primeiro, segundo e terceiro lugar”

Durante as entrevistas, perguntamos quais países os(as) participantes consideravam desenvolvidos no futebol de mulheres e todos citaram os Estados Unidos como uma referência na modalidade. Notamos essa importância na fala da participante “a questão de relevância no cenário do futebol feminino é dos Estados Unidos em primeiro, segundo e terceiro lugar” (T-CANADÁ 1). Para a treinadora japonesa “os Estados Unidos é o mais desenvolvido, bastante desenvolvido” e de acordo com a pesquisadora brasileira “Estados Unidos não dá nem pra tomar como [referência]” porque estão muito à frente dos demais países.

As entrevistadas dos EUA também reconhecem o potencial do país. Uma das participantes é nascida nas Filipinas e se mudou para os EUA com 12 anos de idade onde jogou futebol durante a sua juventude e conseguiu bolsa para fazer a faculdade pelo

esporte. Atualmente ela trabalha como treinadora de futebol de mulheres. O trecho abaixo apresenta suas percepções sobre o futebol de mulheres ao chegar no país.

Eu vim pra cá quando tinha 12 anos e era chocante porque era muito sério, era muito organizado, você tinha que pagar para o clube, você viajava para todos os lugares com o seu time (...) Então, quando estava no colégio, jogava futebol no meu clube, jogava *indoor* no inverno e depois jogava no time de viagens, que era outono e primavera, e também joga o programa de desenvolvimento. Dirigia quatro horas num sábado para ir jogar, e eu também tinha um time de verão (...) acho que o que estou tentando dizer é que é preciso muito empenho, o que é bom, e tem caminho para isso nos EUA. (T-EUA 2)

A outra participante atua como treinadora de futebol de mulheres nos EUA há mais de 15 anos e compartilha opiniões similares sobre o sistema esportivo norte-americano. Para a participante “o que eu vejo aqui nos Estados Unidos que é um país desenvolvido e que oferece o futebol em todos os níveis para as crianças” (T-EUA 1). De acordo com Shilbury et al. (2008), desenvolver é promover oportunidades de participação para crianças, jovens e adultos, e possibilitar a prática esportiva da iniciação ao alto rendimento. Pensando em um futebol de mulheres em desenvolvimento, os EUA parecem estar à frente nesse processo ao estabelecer um sistema capaz de encorajar e apoiar um grande número de participantes e também de produzir resultados esportivos (ROWE et al., 2018).

Participantes do estudo também reconhecem a importância dos aspectos culturais do país para o sucesso na modalidade. O treinador brasileiro explica “Acho que os Estados Unidos é tradicional né. Tem a tradição deles, faz parte da cultura deles. Todo país que leva em consideração o futebol, o esporte para mulher, faz parte da cultura do país, esse é um país legal” (T-BRASIL 2). De forma similar, o gestor chileno aponta que os “Estados Unidos é muito diferente. A mentalidade, a cultura deles, é esporte para entrar na faculdade” (G-CHILE 1). A importância do sistema educacional também é citada pela treinadora dos EUA, como mostrado abaixo.

Pra mim o desenvolvimento do futebol feminino teria que tá associado a educação, como é feito aqui nos Estados Unidos [...] A realidade americana é que os pais investem para as crianças, ou seja, os pais pagam para as crianças jogarem futebol aqui. (T-EUA 1)

Nesse sentido, o sistema esportivo norte-americano apresenta singularidades, importantes de serem reconhecidas, e que o diferencia dos demais países investigados.

Entre elas estão a grande interferência comercial no esporte e a aliança entre escolas, universidades e sistema esportivo (SMOLIANOV et al., 2015). Em relação ao primeiro aspecto, o esporte é visto como um produto que pode gerar lucro aos diversos agentes envolvidos na cadeia esportiva. Considerando o sistema capitalista e neoliberal, homens e mulheres de diferentes faixas etárias são potenciais consumidores e, quanto mais ativos e envolvidos com o esporte, maior o retorno financeiro das organizações esportivas (HOULIHAN; GREEN, 2007).

Nesse contexto, é importante lembrar que toda prática esportiva no sistema norte-americano é paga. De acordo com a treinadora norte-americana, “não sei se é global, mas é definitivamente uma frase que se ouve muito aqui, é ‘pagar para jogar’” (T-EUA 2). Ao oportunizar a prática para meninas e mulheres e incentivar a sua participação no esporte, agentes esportivos buscam obter um maior lucro com o esporte. De acordo com Pfister e Pope (2018), o interesse comercial, unido aos movimentos feministas, pode estar entre os principais fatores catalisadores da participação de meninas e mulheres no esporte norte-americano.

Ainda em relação à cultura norte-americana, é necessário reconhecer a importância de uma lei estabelecida em 1972. Denominada de Title IX, a lei exigiu que todo investimento realizado no esporte pelo sistema educacional fosse igual para homens e mulheres e se tornou um marco no desenvolvimento do esporte no país. Diversos estudos foram realizados desde então com o intuito de acompanhar as transformações promovidas pela lei (ACOSTA; CARPENTER, 2000; 2002; 2004; 2006; 2008; 2014). As autoras mostram que as principais beneficiadas com a Title IX foram as próprias praticantes que, após 45 anos da implementação da lei, somam mais de 2 milhões no Ensino Médio e 200 mil no Ensino Superior no esporte em geral.

Apesar de todo protagonismo norte-americano no esporte de mulheres, é importante lembrar que as questões de gênero no esporte não foram totalmente superadas. Fink (2015) mostrou que pouco mudou no que diz respeito à cobertura da mídia e marketing para equipes de mulheres após 40 anos da Title IX. Especificamente em relação ao futebol, estudiosos(as) mostram que as atletas ainda lutam por igualdade salarial, visibilidade e rompimento com a heterossexualidade normativa (KNOPPERS; ANTHONISSEN, 2003; NARCOTTA-WELP, 2016). Em relação aos cargos de comissão técnica, o número de treinadoras reduziu de 90% para 43% nas últimas décadas em decorrência de um maior interesse dos homens em desenvolver carreiras nessas modalidades à medida que os esportes praticados por mulheres ganharam visibilidade no

país (ACOSTA; CARPENTER, 2012). Portanto, além de reconhecer os aspectos culturais que favorecem a entrada e formação das praticantes esportivas, também é importante analisar criticamente as dificuldades ainda enfrentadas por atletas, gestoras e profissionais de comissão técnica em relação à visibilidade, remuneração e inserção em cargos de liderança.

Outro aspecto reconhecido por participantes do estudo e apontado pela literatura como importante para o desenvolvimento do esporte norte-americano é interdependência entre esporte e sistema educacional (SMOLIANOV et al., 2015). Se os clubes se estruturam como a base do sistema esportivo em diferentes países do mundo (SKILLE, 2008), as escolas e faculdades são as principais responsáveis pela promoção do esporte nos EUA (HOULIHAN; GREEN, 2007). Esse é um aspecto fundamental que diferencia os EUA dos demais países do mundo e que dificulta a transferência de estratégias de desenvolvimento do esporte utilizadas nesse país para outras nações (HOULIHAN; GREEN, 2007). A própria Title IX, política tida como referência na inclusão de mulheres no esporte, se aproveitou dessa relação para promover mudanças significativas no sistema esportivo do país ao propor uma lei direcionada ao sistema educacional.

No caso do futebol de mulheres, o sistema esportivo-educacional tem tanto prestígio internacional que atrai praticantes de diferentes modalidades e nacionalidades para cursarem a graduação com bolsa esportiva no país (BOTELHO e AGERGAARD, 2011; McCORMACK; WALSETH; 2013). A educação de base também tem um papel importante no esporte dado que a primeira experiência de meninas com o futebol se dá nas aulas escolares de Educação Física (KNOPPERS; ANTHONISSEN, 2003). Dessa forma, as percepções dos(as) participantes desse estudo corroboram achados anteriores ao mostrar a importância das escolas e universidades como agentes no desenvolvimento do esporte e do futebol de mulheres nos EUA.

A discussão apresentada acima reforça a importância dos aspectos políticos, econômicos e culturais para o desenvolvimento do esporte. De acordo com De Bosscher et al. (2006) esses fatores compõem um macro-nível, no qual o sistema esportivo está imerso, e são pouco influenciados por políticas esportivas. É importante que essas características sejam conhecidas e consideradas no momento do planejamento e implementação das estratégias de desenvolvimento, como no caso da Title IX, para maximizar seu alcance e potencial de transformação. Entretanto, esses fatores dificilmente são manipulados ou influenciados pela gestão do esporte. A ação direta de gestores(as) do esporte se encontra no meso-nível, no qual fatores como competições

esportivas, capacitação da comissão técnica e espaços físicos, podem ser fornecidos e promover a formação de praticantes e atletas a longo prazo (DE BOSSCHER et al., 2006). Portanto, o próximo tema irá abordar aspectos administrativos do meso-nível que diferenciam os EUA dos demais países investigados e que podem ser utilizados por formuladores(as) de políticas esportivas.

Os recursos necessários para o desenvolvimento: competições, organizações esportivas e formação de treinadores(as)

Um aspecto indicado pela literatura científica e encontrado no nosso estudo como diferencial para o sucesso norte-americano no futebol de mulheres é a quantidade e qualidade do sistema competitivo (SMOLIANOV et al., 2015). De acordo com a treinadora,

A menina joga futebol, mas também faz outros esportes, gosta do futebol mas não tem aquela paixão, não tem aquela pretensão de jogar em universidades da divisão 1, por exemplo, mas ela é talentosa pra jogar no nível 3, numa universidade que joga divisão 3 ou divisão 2, ela vai jogar na divisão que ela se encaixa ali. É... se não é tão talentosa mas ainda gosta do futebol, aí elas vão jogar pelos *junior colleges* que são as universidades de 2 anos que não é o alto nível, mas ainda tem uma competição legal. Então é... as crianças aqui elas se desenvolvem e dentro do nível de desenvolvimento de cada atleta, elas vão jogar no nível mais adequado ao nível que a pessoa chegou. (T-EUA 1)

Uma percepção similar é apresentada por outra participante ao citar que “quando estava crescendo aqui, no colégio aqui, havia muitos torneios, torneios regionais, estaduais... muitos deles chamam de *show cases*” (T-EUA 2). Smolianov et al. (2015) analisou o sistema esportivo do futebol norte-americano a partir de um questionário respondido por profissionais que atuam na gestão e comissão técnica da modalidade. Entre os principais pontos reconhecidos pelos(as) participantes para o sucesso do país no futebol de mulheres, estão as competições esportivas. Para Eisenberg (2005), as competições esportivas correspondem a um aspecto central das organizações esportivas internacionais e constituem um elemento fundamental para o desenvolvimento do esporte. Um sistema competitivo que abarque praticantes de diferentes faixas etárias e que aconteça de forma regular possibilita a manutenção e a formação longitudinal de praticantes na modalidade. Desta forma, o sistema competitivo possibilita tanto a

participação quanto a melhora do desempenho esportivo, elementos centrais para o desenvolvimento do esporte (SOTIRIADOU et al., 2008).

Além da quantidade de competições organizadas nos EUA, o país se destaca em relação à qualidade da sua liga profissional, a *National Women's Soccer League*. A liga profissional norte-americana atrai jogadoras do mundo todo pela competitividade de suas partidas e pela profissionalização das jogadoras. Essas características tornam o país um centro de imigração de atletas de futebol que estão dispostas a se mudar para desenvolver uma carreira profissional no esporte (BOTELHO; AGERGAARD, 2011). Estudos mostram que os salários ainda são baixos comparados com outras modalidades e com esportes praticados por homens, mas a liga garante que todas as atletas sejam remuneradas (VEGAS, 2013).

Um cenário oposto é encontrado nos demais países investigados, onde os participantes apontam a falta de competições esportivas. No caso brasileiro, a pesquisadora aponta a fragilidade do sistema competitivo,

Porque a gente tem competições não sistemáticas e elas são por temporada. Por exemplo, agora acaba o campeonato brasileiro A1 e A2 e só vai ter ano que vem. (...) Tem algumas federações que estão com os campeonatos estaduais, mas termina o campeonato estadual e faz o quê? (P-BRASIL 1)

As competições assistemáticas não possibilitam um trabalho a longo prazo e dificultam a manutenção das praticantes na modalidade. Os campeonatos estaduais são de curta duração e, na maioria das vezes, voltados apenas para as categorias adultas. A ausência de competições estaduais também é encontrada no Zimbábue, onde “é necessário ter uma liga de futebol em cada província, pois existem apenas 3 de 10 províncias com times femininos” (T-ZIMBABUE 1).

Além da baixa quantidade de competições, a ausência das ligas profissionais também é apontada como elemento problemático no sistema esportivo do futebol de mulheres. De acordo com a participante japonesa, “[a gente] sente falta na parte da liga. No entanto, parece que ano que vem [2021] vai começar a WE-League, e que vai ser uma liga profissional, que no Japão vai ser pela primeira vez” (T-JAPÃO 1). Da mesma forma, o sistema esportivo norueguês apresenta um elevado nível de participação de meninas e mulheres no esporte, mas ainda não oferece a possibilidade de viver como jogadora. Por exemplo, “se você é uma menina que joga futebol, digamos ... você não vai viver de futebol ... É por isso que elas se concentram tanto na escola para ter um emprego depois do futebol ou enquanto jogam” (G-NORUEGA 1). Um recente estudo sobre o

desenvolvimento do futebol de mulheres na Noruega também apontou a profissionalização como um elemento a ser melhorado no país (SKOGVANG, 2019).

Cenários parecidos são encontrados na Austrália, onde a maioria das jogadoras trabalha em tempo integral e treina quando pode (MCGOWAN; DOWNES, 2018), e no Chile, onde “existem dois clubes que estão pagando jogadoras, Santiago Mordo e Colo-Colo. Mas pelo que eu saiba também não são todas as jogadoras” (G-CHILE 1).

As diferentes possibilidades de interpretação do profissionalismo e a falta de direcionamentos das organizações esportivas são fatores limitantes na análise da profissionalização no esporte (BOTELHO; AGERGAARD, 2011). No caso do futebol, a FIFA determina que se um praticante ganhar mais pela sua atividade de jogar futebol do que as despesas necessárias no desempenho dessas funções, ele deve ter um contrato escrito e, portanto, é considerado profissional (WILLIAMS, 2011). As falas apresentadas acima unidas às investigações anteriores mostram que poucas jogadoras são remuneradas pela prática do futebol e revelam um processo de transição do esporte amador para o profissional (BOTELHO; AGERGAARD, 2011; WILLIAMS, 2011). As ligas semi-profissionais comprometem a dedicação, formação e desenvolvimento das jogadoras que, por sua vez, tem o desempenho prejudicado e utilizado como justificativa para os baixos investimentos na modalidade. Com atletas profissionais e melhor estrutura de treinamento e competição, a qualidade do jogo poderia melhorar e beneficiar diferentes agentes do sistema esportivo (BOTELHO; AGERGAARD, 2011).

A participação mais efetivas das organizações esportivas no oferecimento de um calendário competitivo e na criação de ligas profissionais aparece como um elemento fundamental para o desenvolvimento do esporte. E nesse sentido os EUA se destacam novamente ao apresentar um sistema esportivo composto por diferentes organizações que realmente promovem o futebol para meninas e mulheres.

Não é só a US Soccer que cuida do futebol aqui, por exemplo, aqui no norte da Califórnia é a North Cal, o sul da Califórnia é South Cal. São as organizações que cuidam de competições de futebol aqui na Califórnia, daí você tem diferentes regiões, diferentes organizações (T-EUA 1)

Estudos anteriores também mostraram a importância da diversidade de organizações esportivas e da interação entre elas para o desenvolvimento do esporte norte-americano (GREEN, 2005). Essa integração do sistema esportivo possibilita a prática do esporte em diferentes níveis e localizações geográficas e garante a manutenção

e progressão do praticante em função do seu desenvolvimento esportivo. Em contrapartida, encontramos um distanciamento das organizações nos demais países investigados e um desenvolvimento do esporte ainda dependente de pessoas físicas. Por exemplo, na Austrália foi criada uma organização para promover o futebol de mulheres no país.

A gente partiu da sociedade civil, de algumas pessoas, eu inclusive tenho interesse em em promover igualdade de gênero dentro do futebol. (...) o legal é o interesse pessoal, [porque] o político ou financeiro praticamente não existe. É praticamente um bando de louco de meia idade que acha que o futebol é um terreno importante para a igualdade de gênero aqui. (P-AUSTRÁLIA 1)

A fala do participante corrobora estudos anteriores mostrando o descaso por parte das organizações esportivas que tem tratado o futebol de mulheres com atitudes injustas (MCGOWAN; DOWNES, 2018). Os pesquisadores criticam a falta de financiamento, de estrutura e de organização da Federação Australiana de Futebol, principal órgão regulador do esporte no que tange a W-League e a promoção de competições para as mulheres (MCGOWAN; DOWNES, 2018).

No Brasil, um cenário parecido também é encontrado revelando um processo de desenvolvimento dependente de agentes que se encontram na base do sistema esportivo nacional.

Então, hoje em dia não tem quase mais nada e não tem ninguém que olhe por elas e eu era a única que olhava por elas. Se tivesse que pagar campeonato do meu bolso, eu pagava, se tivesse que levar no meu carro, eu levava, sabe, então era assim, e pra mim era um negócio que nossa, eu me realizo né (T-BRASIL 2)

A falta de financiamento e de estrutura para participar de campeonatos aparece com frequência no contexto brasileiro e torna o processo de desenvolvimento dependente de pessoas físicas, colocando em risco a sustentabilidade do processo.

O distanciamento das organizações esportivas também implica na falta de cursos de qualificação para profissionais de comissão técnica que desejam trabalhar com meninas e mulheres. Por exemplo, na Noruega “a exigência para se envolver [como treinador(a)] no esporte é baixo. Há um risco nisso, porque o treinador pode não saber exatamente nada sobre ensino do esporte” (P-NORUEGA 3). O participante reconhece que a falta de qualificação pode refletir em processos pedagógicos limitados e que não potencializam a formação da praticante. Estudos anteriores mostraram que as carreiras dos(as) treinadores(as) não fazem parte do discurso de organizações esportivas, apesar de

seu papel importante na formação e desempenho do(a) atleta (DAWSON; PHILLIPS, 2013). Segundo os autores, treinadores(as) são os(as) principais gerentes de desempenho no esporte e, ainda assim, são ignorados pelos formuladores(as) de políticas e gestores(as) do esporte.

No Brasil, gestores(as) de equipes adultas e de base também apontam à necessidade de qualificação dos(as) profissionais que atuam com meninas e mulheres. De acordo com o participante, a treinadora deve se sentir

Tranquila, sossegada pra desenvolver o trabalho, pra ela se sentir à vontade dentro do campo, pra fazer as atividades, melhorar o ambiente dela. Não é só chegar e fazer como se fosse escolinha de futebol não. É um bate papo, é conversa, é fazer o ambiente diferente e eu acho que não tem. Então uma coisa que tem que investir muito é na capacitação. (T-BRASIL 2)

No caso brasileiro, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), órgão responsável por organizar e promover o esporte no país, tem uma participação na qualificação dos(as) profissionais da modalidade ao realizar cursos de formação para profissionais dos diferentes cargos de comissão técnica. Entretanto, o acesso aos cursos ainda é restrito devido aos altos investimentos necessários para a participação, à má distribuição geográfica e às elevadas cargas horárias das formações (VENÂNCIO et al., 2018). As mesmas dificuldades são encontradas no sistema australiano, onde treinadoras enfrentam dificuldades em acessar os cursos de certificação por não apresentarem um nível relevante de experiência para os requisitos de entrada (MCGOWAN; DOWNES, 2018). Esse sistema é agravado pelas poucas oportunidades de trabalho em equipes de mulheres e pela baixa quantidade de equipes na competição (MCGOWAN; DOWNES, 2018).

Esse cenário de dificuldades para formação como profissionais de comissão técnica parece estar mudando em países como a Alemanha e os EUA. Por exemplo, na Alemanha “hoje em dia tá mais difícil de ser treinador de mulher porque tem que ser qualificado também igual no masculino. E tem que fazer cursos, certificados” (T-ALEMANHA 1), indicando que no passado o país apresentava um outro cenário, sem exigência de qualificação para atuar no futebol de mulheres. Essa mudança também é encontrada nos EUA.

E com relação a capacitação dos profissionais, todos os profissionais que trabalham com o futebol aqui, antes era meio oba-oba, mas agora a partir de... uns 10 anos pra cá, antes você tinha muitos pais treinando equipes né, hoje não, a qualificação é um pouquinho mais exigida, você tem que ter no mínimo

a licença F pra trabalhar com crianças pequenas. Você tem que ter no mínimo a licença C pra trabalhar com um pouquinho mais alto rendimento. (T-EUA 1)

Estudos anteriores mostraram uma relação direta entre os conhecimentos e competências do(a) treinador(a) com os níveis de participação esportiva (HYLTON, 2013). Além disso, profissionais habilitados(as), capacitados(as) e comprometidos(as), também desempenham um papel importante na manutenção e formação do(a) atleta no esporte (SOTIRIADOU et al., 2008). Portanto, é necessário que as ações em prol do desenvolvimento do esporte estejam alinhadas com um sistema de qualificação de treinadores(as) reconhecendo a importância desses(as) profissionais no processo de entrada, manutenção e formação de praticantes.

Os resultados aqui apresentados corroboram estudos anteriores ao alertarem que os desafios de meninas e mulheres no futebol ainda estão enraizados nos estereótipos de gênero e na escassez de recursos para a prática esportiva (PFISTER, 2015). Da mesma forma, Manzenreiter (2004) reforça que a falta de programas de desenvolvimento e de recursos para as jovens praticantes são os principais problemas que dificultam o desenvolvimento do futebol de mulheres. Nosso estudo avança com a literatura ao fazer uma análise comparativa com diferentes países do mundo e indicar que, entre os principais recursos necessários, se encontram as competições esportivas e a qualificação de profissionais de comissão técnica.

Os parâmetros do não desenvolvimento: a baixa presença de público nos estádios e de mulheres em cargos de liderança

Apresentamos acima os fatores que possibilitam discriminar os EUA dos demais países investigados e explicar seu maior sucesso na modalidade. A participação das organizações esportiva, o oferecimento de competições para as praticantes de diferentes faixas etárias e níveis de desempenho e o processo de formação de treinadores(as) aparecem como elementos importantes para impulsionar o desenvolvimento do esporte. Entretanto, existem aspectos em comum entre todos os países analisados que corroboram a tese de um futebol de mulheres em desenvolvimento.

Um dos aspectos citado por diversos entrevistados(as) e utilizado para justificar o porquê seus países não podem ser considerados desenvolvidos, é o baixo público nos estádios. Por exemplo, na Noruega “a média de público em partidas de [futebol de]

mulheres é de 300. Não, é muito alta ... É de 240, 250” (G-NORUEGA 2). O participante faz referência às partidas da Toppserien que é o principal campeonato de futebol de mulheres do país. A Alemanha, país citado por diversos participantes como uma referência no processo de desenvolvimento do futebol de mulheres, também apresenta um baixo público nas partidas da Bundesliga.

Pra comparar o futebol feminino, um jogo normal da Bundesliga tem mil torcedores. Se for um jogo muito importante tem quatro mil mais ou menos. E dos homens, um jogo normal da Bundesliga, qualquer jogo, o público mínimo é 30 mil, 40 mil. E um jogo importante do feminino seria uns 4 mil de público. (T-ALEMANHA 1)

Dados similares foram apresentados por Meier et al. (2016) ao investigarem o público em partidas da principal liga alemã de futebol de mulheres de 1998 a 2012. Os autores mostraram um pequeno aumento no público nos estádios ao longo dos anos, com uma média de 1000 torcedores por partida na edição mais recente (2012) analisada pelo estudo.

Um cenário parecido também encontrado na Austrália, onde a partida final da W-League de 2018, a liga profissional de futebol de mulheres do país, contou com um público de 4.600 pessoas, sendo o maior na história de 10 anos da competição (MCGOWAN; DOWNES, 2018). E mesmo nos Estados Unidos, país tido como referência no desenvolvimento do esporte, a média de público em partidas da liga profissional de mulheres é de 3.535 pessoas (LEFEUVRE et al., 2013). Esses números são ainda mais alarmantes no contexto universitário, no qual “[não vemos] muitos torcedores ... talvez cem, não muitos” (T-EUA 2).

A preocupação de cientistas com o público em partidas de futebol de mulheres consolidou uma linha de estudo investigando fatores que podem potencializar a ida aos estádios (VALENTI et al., 2019). Os(as) estudiosos(as) mostram que público é um fator importante para o desenvolvimento pela questão da sustentabilidade financeira (MEIER et al., 2016; VALENTI et al., 2019). Na prática, as principais fontes de receita dos clubes de futebol de mulheres vêm de doações e assinaturas privadas, com uma contribuição muito menos substancial de prêmios em dinheiro e receitas de bilheteria (VALENTI et al., 2019). Portanto, o público nos estádios e a visibilidade da mídia podem atrair mais receitas que implicam em melhores condições de treinamento e de retorno financeiro para as atletas.

Outro aspecto citado por participantes do estudo e que corroboram nossa tese é a baixa participação de mulheres em cargos de liderança. Esse cenário foi reportado no Japão, onde “treinadoras mulheres tem muito pouco e mais recentemente o país, a associação, tá falando igual a FIFA que pra tentar deixar o número mais igual, tão tentando desenvolver mais as treinadoras mulheres” (T-JAPÃO 1). Segundo a participante da Noruega, “no total para o nível mais alto e o segundo nível, deve ser cerca de 10 [mulheres] no total para o cargo treinador principal e o assistente técnico” (G-NORUGEGA 1).

O cenário relatado pelas participantes também foi mostrado por estudos anteriores. Gomez-Gonzalez et al. (2019) mostraram que as mulheres representam apenas 30% das treinadoras de futebol de mulheres na Noruega e 20% na Alemanha e França. Recentemente, Passero et al. (2020) mostraram que no Brasil as mulheres correspondem a 17% das treinadoras no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. Portanto, a função de treinador(a) ainda é predominantemente ocupada por homens, mesmo quando as participantes são meninas e mulheres. Somado à dificuldade de inserção no cargo, as treinadoras relatam diferenças no nível de aceitação, sendo tratadas com condescendência e discriminação (MCGOWAN; DOWNES, 2018). As dificuldades também são encontradas no processo de qualificação, nos quais as mulheres enfrentam desconfiança, condutas inadequadas e comentários depreciativos e recorrentes sobre sua competência em cursos na Alemanha (SCHLESINGER; WEIGELT-SCHLESINGER, 2012) e no Reino Unido (LEWIS; ROBERTS; ANDREWS; 2018)

Considerando as elevadas taxas de participação de meninas e mulheres como praticantes de futebol nos Estados Unidos, poderíamos supor que um cenário mais otimista fosse encontrado em relação à participação de mulheres no cargo de treinadora. Entretanto, um cenário alarmante também foi encontrado no país, onde “todos os treinadores na liga que eu participo são homens” (T-EUA 2). Estudos recentes mostram a sub-representação das mulheres treinadoras de futebol no EUA desde a década de 1980 até os dias atuais (NESSELER et al., 2020). O aumento no número de participantes e a redução na quantidade de treinadoras pode ser explicada pela Title IX. Após 35 anos da implementação da lei, o número de treinadoras reduziu de 90% para 43% no esporte universitário (ACOSTA; CARPENTER, 2010). Para as estudiosas da área, à medida que os esportes praticados por mulheres ganharam visibilidade nos Estados Unidos, homens passaram a demonstrar um maior interesse em desenvolver carreiras nessas modalidades (ACOSTA; CARPENTER, 2010).

Os desafios enfrentados como treinadoras podem ser expandidos para outros cargos de liderança, como podemos notar na fala “Queria ver com esse celular aqui, se vai aparecer alguma mulher técnica na W League... em geral os homens, as ocupações principais né de diretoria, de presidência, e de *head coaches* são todas de homens... é isso” (P-AUSTRALIA 1). A sub-representação de mulheres em cargos de gestão no esporte é bem documentada pela literatura científica (BURTON, 2015; SARTORE; CUNNINGHAM, 2007; WALKER; BOPP, 2010) e revela que a inserção de mulheres em cargos de liderança não acompanhou os avanços em relação ao aumento de praticantes. As profissionais enfrentam desafios tanto no processo de inserção quanto na manutenção e progressão da carreira. Os atributos tradicionalmente masculinos são esperados e supervalorizados nesses cargos e as características de feminilidade, tradicionalmente vinculadas à mulher, são indesejadas nesse contexto.

A equidade de gênero em cargos de gestão tem particular importância ao investigar o desenvolvimento de esportes praticados por mulheres dado que a participação de gestoras pode catalisar esse processo. Por exemplo, estudos anteriores mostram que o desenvolvimento do netball praticado por mulheres na Nova Zelândia foi possível por ser uma modalidade praticada e gerenciada por mulheres, sem influências de homens (NAURIGHT, 1995; NAURIGHT; BROOMHALL, 1994). Os autores mostraram que a cultura estabelecida e controlada por mulheres, permitiu que a modalidade se expandisse e alcançasse praticantes de diferentes faixas etárias. Aproximando esses achados do futebol, percebemos que a gestão historicamente realizada por homens garantiu o distanciamento das organizações esportivas e a ausência de recursos para as praticantes. É importante que as mulheres também ocupem os cargos de liderança, possibilitando propostas de desenvolvimento mais eficazes.

LIMITAÇÕES E ESTUDOS FUTUROS

Nosso estudo é inovador ao apresentar uma análise comparativa entre diferentes países do mundo utilizando referenciais teóricos da gestão do esporte para investigar o desenvolvimento do futebol de mulheres. Apresentamos informações importantes para agentes que atuam na modalidade e desejam propor ações para fomentar o esporte. Apesar da sua relevância teórica e prática, é importante reconhecer as limitações do trabalho.

A primeira limitação diz respeito ao processo de seleção dos(as) participantes. Ao utilizar um processo de amostragem por conveniência, limitamos a participação de agentes que fossem próximos ao círculo de contatos das pesquisadoras. Fizemos esforços para entrevistar participantes que tivessem uma ampla experiência com o futebol de mulheres no sistema esportivo dos seus países, mas é possível que outros(as) agentes pudessem contribuir e apresentar o panorama com ainda mais profundidade. Ainda nesse ponto, as entrevistas foram realizadas em inglês ou português, limitando o acesso a agentes que não se sentissem confortáveis em se comunicar nessas línguas. O idioma adotado para as entrevistas também pode ter limitado o processo de coleta de dados dado que tanto a entrevistadora quanto entrevistados(as) poderiam sentir limitações em se expressar e compreender a língua não nativa.

Por fim, as questões de gênero que permeiam a prática o futebol foram apontadas nas entrevistas e ao longo do texto. Entretanto, o processo de coleta de dados e o referencial teórico utilizado no trabalho não abordaram as questões interseccionais dentro do esporte. Reconhecemos que classe, gênero, sexualidade e raça apresentam intersecções entre si e tem um papel importante na prática do futebol por mulheres (KNOPPERS; ANTHONISSEN, 2003; MARTINS et al., 2021). Sugerimos que estudos futuros avancem com as discussões aqui propostas e que também investiguem a influência da interseccionalidade no desenvolvimento do esporte.

CONCLUSÕES

O objetivo desse estudo foi investigar o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres em diferentes países buscando identificar os(as) agentes, as estratégias e os recursos que fomentaram ou limitaram esse processo. A partir das entrevistas realizadas, notamos que, mesmo com o aumento da participação e do desempenho de meninas e mulheres no futebol, os(as) participantes do estudo não reconhecem seus países como desenvolvidos, mas sim em desenvolvimento. Esse processo é citado como recente e promovido principalmente pela aproximação das organizações esportivas do futebol praticado por meninas e mulheres.

As organizações esportivas, que por muito tempo se mantiveram distantes do futebol de mulheres, aparecem como agentes fundamentais na proposta e implementação de estratégias de desenvolvimento. Desde que se aproximaram dessa prática esportiva,

recursos fundamentais passaram a ser oferecido, como competições esportivas e cursos de formação para profissionais de comissão técnica. Esses elementos se fazem presentes no sistema esportivo dos EUA que se destacam pela capacidade de capaz de encorajar e apoiar um grande número de participantes e também de produzir resultados esportivos. Em contrapartida, as organizações esportivas, as competições e os cursos de qualificação são menos presentes nos demais países investigados e dão indicativos de aspectos a serem priorizados nas ações de desenvolvimento.

Também notamos que fatores como a apropriação cultural do jogo, a baixa quantidade de público nos estádios e a baixa participação de mulheres em cargos de liderança aparecem como pontos em comum a serem melhorados para que o esporte se desenvolva. Nesse sentido, é importante que estratégias de desenvolvimento também incorporem ações de conscientização e transformação das relações de gênero no esporte. Todos esses aspectos são importantes para a gestão do esporte ao estabelecer estratégias de desenvolvimento direcionadas às atuais necessidades da modalidade e ao avaliar a eficácia das ações propostas. Reforçamos que cada país apresenta características culturais, políticas e econômicas específicas que, quando levadas em consideração, podem potencializar ainda mais as ações da gestão do esporte.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Vivian; CARPENTER, Jean Linda. **Women in intercollegiate sport: A longitudinal, thirty-one year update 1977–2000**. New York, 2000.
- ACOSTA, Vivian; CARPENTER, Jean Linda. **Women in intercollegiate sport: A longitudinal, thirty-one year update 1977–2002**. New York, 2002.
- ACOSTA, Vivian; CARPENTER, Jean Linda. **Women in intercollegiate sport: A longitudinal, thirty-one year update 1977–2004**. New York, 2004.
- ACOSTA, Vivian; CARPENTER, Jean Linda. **Women in intercollegiate sport: A longitudinal, thirty-one year update 1977–2006**. New York, 2006.
- ACOSTA, Vivian; CARPENTER, Jean Linda. **Women in intercollegiate sport: A longitudinal, thirty-one year update 1977–2008**. New York, 2008.
- ACOSTA, Vivian; CARPENTER, Jean Linda. **Women in intercollegiate sport: A longitudinal, thirty-one year update 1977–2010**. New York, 2010.

ACOSTA, Vivian; CARPENTER, Jean Linda J. **Women in intercollegiate sport: A longitudinal, thirty-one year update 1977–2014**. New York, 2014.

ANN HALL, M. The game of choice: Girls' and women's soccer in Canada. **Soccer & Society**, v. 4, n. 2-3, p. 30-46, 2003.

AITCHISON, Cara Carmichael. Feminist and gender research in sport and leisure management: Understanding the social-cultural nexus of gender-power relations. **Journal of Sport Management**, v. 19, n. 4, p. 422-441, 2005

BARREIRA, Júlia et al. **CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in)existentes na América do Sul**. In: Mariana Zuaneti Martins; Ileana Wenet. (Org.). Futebol de mulheres no Brasil - Desafio para as políticas públicas. 1ed. Curitiba: Editora CRV, 2020, v. 1, p. 29-44.

BARREIRA, Júlia et al. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 2, p. 607, 24, 2018.

BARREIRA, Júlia; DA SILVA, Carlos Eduardo. National teams in women's soccer World Cup from 1991 to 2015: Participation, performance and competitiveness. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 16, n. 3, p. 795–799, 2016.

BAUMAN, Adrian et al. Correlates of physical activity: Why are some people physically active and others not? **The Lancet**, v. 380, n. 9838, p. 258-271, 2012.

BAXTER, Pamela; JACK, Susan. The Qualitative Report Qualitative Case Study Methodology: Study Design and Implementation for Novice Researchers. **The Qualitative Report**, v. 13, n. 4, p. 544–559, 2008.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRYSON, Lois. Sport and the Oppression of Women. **Journal of Sociology**, v. 19, n. 3, p. 413–426, 1983.

CAUDWELL, Jayne. Women's Football in the United Kingdom. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 23, n. 4, p. 390–402, 1999.

BOTELHO, Vera; AGERGAARD, Sine. Moving for the love of the game? International

migration of female footballers into Scandinavian countries. **Soccer and Society**, v. 12, n. 6, p. 806–819, 2011.

BURTON, Laura J. Underrepresentation of women in sport leadership: A review of research. **Sport Management Review**, v. 18, n. 2, p. 155–165, 2015.

CAUDWELL, Jayne. Women's Football in the United Kingdom. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 23, n. 4, p. 390–402, 1999.

CLARKSON, Beth; COX, Elwyn; THELWELL, Richard C. Negotiating Gender in the English Football Workplace: Composite Vignettes of Women Head Coaches' Experiences. **Women in Sport and Physical Activity**, v. 27, n. 2, p. 73–84, 2019.

CÔTÉ, Jean et al. **Athlete development and coaching**. LYLE, J.; CUSHION, C. (Org.). Sports Coaching: Professionalisation and Practice: Churchill Livingstone, 2010. p. 288.

COX, Barbara; THOMPSON, Shona. From heydays to struggles: Women's soccer in New Zealand. **Soccer and Society**, v. 4, n. 2–3, p. 205–224, 2003.

CRESWELL, John; PLANO CLARK, Vicki. **Designing and conducting mixed methods research**. 2nd. ed. Los Angeles: SAGE Publications, 2011.

DAWSON, Andrew; PHILLIPS, Pamm. Coach career development: Who is responsible? **Sport Management Review**, v. 16, n. 4, p. 477–487, 2013.

DE ARAÚJO, Maithe Cardoso; MIESSEN, Kathrin. Twenty Years of the FIFA Women's World Cup: An Outstanding Evolution of Competitiveness. **Women in Sport and Physical Activity Journal**, v. 25, n. 1, p. 60–64, 2017.

DOWLING, Mathew et al. Deconstructing comparative sport policy analysis: assumptions, challenges, and new directions. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 10, n. 4, p. 687–704, 2018.

EDWARDS, Elise. Migration and Laws of Contagion: Cultivating Talent in Japanese Women's Soccer. **Japanese Studies**, v. 38, n. 1, p. 39–56, 2018.

EISENBERG, Christine. From Political Ignorance to Global Responsibility: The Role of the World Soccer Association (FIFA) in International Sport during the Twentieth Century. **Journal of Sport History**, v. 32, n. 3, p. 379–393, 2005.

FAN, Hong e MANGAN, J. A. **Soccer, women, sexual liberation: kicking off a new**

era. F. Cass, 2004.

FASTING, Kari. **Women and sport in Norway**. PFISTER, Gertrud. (Org.). Sport and Women - Social issues in international perspective. First ed. Londo: Routledge, 2003. p. 305.

FIFA. **FIFA Women's Football Survey**. Zurich, 2014.

FINK, Janet S. Female athletes, women's sport, and the sport media commercial complex: Have we really "come a long way, baby"? **Sport Management Review**, v. 18, n. 3, p. 331-342, 2015.

FISCHER, Constance T. Bracketing in qualitative research: Conceptual and practical matters. **Psychotherapy Research**, v. 19, n. 4-5, p. 583-590, 2009.

FORBES, Alison; EDWARDS, Lisa; FLEMING, Scott. 'Women can't referee': exploring the experiences of female football officials within UK football culture. **Soccer and Society**, v. 16, n. 4, p. 521-539, 2015.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 143, p. 143-51, 2005.

GOMEZ-GONZALEZ, Carlos; DIETL, Helmut; NESSELER, Cornel. Does performance justify the underrepresentation of women coaches? Evidence from professional women's soccer. **Sport Management Review**, v. 22, n. 5, p. 640-651, 2019.

GOULD, Daniel et al. Factors affecting olympic performance: Perceptions of athletes and coaches from more and less successful teams. **Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 371-394, 1999.

GREEN, B. Christine. Building Sport Programs to Optimize Athlete Recruitment, Retention, and Transition: Toward a Normative Theory of Sport Development. **Journal of Sport Management**, v. 19, n. 3, p. 233-253, 2005.

HARTMANN-TEWSM, Ilse; PFISTER, Gertrud. **Sport and women: social issues in international perspective**. First ed. London: Routledge, 2003.

HENRY, Ian et al. A Typology of Approaches to Comparative Analysis of Sports Policy. **Journal of Sport Management**, v. 19, n. 4, p. 480-496, 2005.

HALLMANN, Kirstin. Women's 2011 Football World Cup: The impact of perceived

images of women's soccer and the World Cup 2011 on interest in attending matches. **Sport Management Review**, v. 15, n. 1, p. 33-42, 2012.

HYLTON, Kevin. **Sport Development: policy, process and practice**. 3. ed. Oxon; New York: Routledge, 2013.

HOULIHAN, Barrie; GREEN, Mick (Ed.). **Comparative elite sport development**. Routledge, 2007.

KNOPPERS, Annelies; ANTHONISSEN, Anton. Women's Soccer in the United States and the Netherlands: Differences and Similarities in Regimes of Inequalities. **Sociology of Sport Journal**, v. 20, n. 4, p. 351–370, 2003.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content analysis: an introduction to its methodology**. 3. ed. Los Angeles; London: Sage, 2013.

LANDMAN, Todd. **Issues and methods in comparative politics**. 4th. ed. London: Routledge, 2017.

LEECH, Beth L. Asking questions: Techniques for semistructured interviews. **Political Science & Politics**, v. 35, n. 4, p. 665-668, 2002.

LEFEUVRE, Allie; STEPHENSON, Frank; WALCOTT, Sara M. Football Frenzy. **Journal of Sports Economics**, v. 14, n. 4, p. 440–448, 2013.

LEHMANN, David. **Development theory**. Routledge, 2010.

LEWIS, Colin; ROBERTS, Simon; ANDREWS, Hazel. 'Why am I putting myself through this?' Women football coaches' experiences of the Football Association's coach education process. **Sport, Education and Society**, v. 23, n. 1, p. 28–39, 2018.

MADELLA, Alberto; BAYLE, Emmanuel; TOME, J. The organisational performance of national swimming federations in Mediterranean countries: A comparative approach. **European Journal of Sport Science**, v. 5, n. 4, p. 207-220, 2005.

MANZENREITER, Wolfram. **Her place in the 'House of Football': Globalisation, cultural sexism and women's football in East Asian societies**. In: Football goes east. Routledge, 2004. p. 213-237.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As Mulheres E O País Do Futebol: Intersecções De Gênero, Classe E Raça No Brasil.

Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 27, p. e27006, 2021.

MATHISEN, Frida et al. Leisure-time physical activity and participation in organized sports: Changes from 1985 to 2014 in Finland and Norway. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 29, n. 8, p. 1232-1242, 2019.

MCGOWAN, Lee; DOWNES, Greg. The Challenges Remain: A 'new' view of old perspectives on the history of women's football in Australia. **Social Alternatives**, v. 37, n. 2, p. 62–70, 2018.

MCCORMACK, Ciara; WALSETH, Kristen. Combining elite women's soccer and education: Norway and the NCAA. **Soccer and Society**, v. 14, n. 6, p. 887-897, 2013.

MEIER, Henk Erik; KONJER, Mara; LEINWATHER, Marcel. The demand for women's league soccer in Germany. **European Sport Management Quarterly**, v. 16, n. 1, p. 1–19, 25, 2016.

NAURIGHT, John. From Private to Public: Historical and Social Factors in the Development of Women's Sport in Australia and New Zealand. **European Physical Education Review**, v. 1, n. 2, p. 137–147, 1995.

NAURIGHT, John; BROOMHALL, Jayne. The International Journal of the History of Sport A woman's game: the development of netball and a female sporting culture in New Zealand, 1906 – 70. **The International Journal of the History of Sport**, v. 11, n. 3, p. 37–41, 1994.

NARCOTTA-WELP, Eileen Marie. "**The future of football is feminine**": a critical cultural history of the US women's national soccer team. " PhD (Doctor of Philosophy) thesis, University of Iowa, 2016.

NESSELER, Cornel; GOMEZ-GONZALEZ, Carlos; GASPARETTO, Thadeu. Head coach tenure in college women's soccer. Do race, gender, and career background matter? **Sport in Society**, p. 1–18, 2020.

NORMAN, Leanne. Feeling Second Best: Elite Women Coaches' Experiences. **Sociology of Sport Journal**, v. 27, n. 1, p. 89-104, 2010.

PASSERO, Julia Gravena et al. Futebol De Mulheres Liderado Por Homens: Uma Análise Longitudinal Dos Cargos De Comissão Técnica E Arbitragem. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 26, p. e26060, 2020.

PATATAS, Jacqueline Martins. **Sports System and Policy Factors Influencing Athletic Career Pathways in Paralympic Sports**. 2019. 284 f. Vrije Universiteit Brussel, 2019.

PFISTER, Gertrud. Assessing the sociology of sport: On women and football. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50, p. 4–5, 2015.

PFISTER, Gertrud. Women in sport – gender relations and future perspectives. **Sport in Society**, v. 13, n. 2, p. 234–248, 2010.

PFISTER, Gertrud; POPE, Stacey (Ed.). **Female Football Players and Fans: Intruding into a man's world**. Springer, 2018.

ROWE, Katie; SHERRY, Emma; OSBORNE, Angela. Recruiting and retaining girls in table tennis: Participant and club perspectives. **Sport Management Review**, v. 21, n. 5, p. 504–518, 2018.

REID, Kamiel; DALLAIRE, Christine. “Because There Are So Few of Us”: The Marginalization of Female Soccer Referees in Ontario, Canada. **Women in Sport and Physical Activity Journal**, v. 27, n. 1, p. 12-20, 2019.

SARTORE, Melanie; CUNNINGHAM, George B. Explaining the Under-Representation of Women in Leadership Positions of Sport Organizations: A Symbolic Interactionist Perspective. **Quest**, v. 59, n. 2, p. 244–265, 2007.

SHAW, Sally; FRISBY, Wendy. Can gender equity be more equitable? Promoting an alternative frame for sport management research, education, and practice. **Journal of Sport Management**, v. 20, n. 4, p. 483–509, 2006.

SHILBURY, David; SOTIRIADOU, Kalliopi; GREEN, Christine. Sport Development. Systems, Policies and Pathways: An Introduction to the Special Issue. **Sport Management Review**, v. 11, n. 3, p. 217–223, 2008.

SKOGVANG, Bente Ovedie. Scandinavian women’s football: the importance of male and female pioneers in the development of the sport. **Sport in History**, v. 39, n. 2, p. 207-228, 2019.

SMOLIANOV, Peter et al. Comparing the practices of US Soccer against a global model for integrated development of mass and high-performance sport. **Managing Sport and Leisure**, v. 20, n. 1, p. 1-21, 2015.

- SOTIRIADOU, Kalliopi (Popi). The Australian sport system and its stakeholders: development of cooperative relationships. **Sport in Society**, v. 12, n. 7, p. 842–860, 2009.
- SOTIRIADOU, Kalliopi; SHILBURY, David; QUICK, Shayne. The Attraction, Retention/Transition, and Nurturing Process of Sport Development: Some Australian Evidence. **Journal of Sport Management**, v. 22, n. 3, p. 247–272, 2008.
- TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 265–287, 2013.
- TUFFORD, Lea; NEWMAN, Peter. Bracketing in Qualitative Research. **Qualitative Social Work: Research and Practice**, v. 11, n. 1, p. 80–96, 2012.
- VALENTI, Maurizio; SCHELLES, Nicolas; MORROW, Stephen. The determinants of stadium attendance in elite women’s football: Evidence from the UEFA Women’s Champions League. **Sport Management Review**, v. 23, n. 3, p. 509-520, 2020.
- VALENTI, Maurizio; SCHELLES, Nicolas; MORROW, Stephen. Women’s football studies: an integrative review. **Sport, Business and Management: An International Journal**, p. SBM-09-2017-0048, 2018.
- VENÂNCIO, Patrícia Espíndola Mota et al. Formação de treinadores de futebol no brasil: desafios para os programas de qualificação profissional do futebol brasileiro oferecidos pela CBF. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 36, p. 41–48, 2018.
- WALKER, Nefertiti; BOPP, Trevor. The Underrepresentation of Women in the Male-Dominated Sport Workplace: Perspectives of Female Coaches. **Journal of Workplace Rights**, v. 15, n. 1, p. 47–64, 2010.
- WILLIAMS, Jean. The fastest growing sport? women’s football in England. **Soccer and Society**, v. 4, n. 2–3, p. 112–127, 2003.
- WILLIAMS, Jean. **A Beautiful Game: Internaitonal Perspectives on Women's Football**. A&C Black, 2007.
- YIN, Robert K. **Qualitative research from start to finish**. 1. ed., Guilford Publications, 2010.

CAPÍTULO 3

CONMEBOL E FUTEBOL DE MULHERES: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO (IN)EXISTENTES NA AMÉRICA DO SUL

INTRODUÇÃO

O cenário do futebol praticado por meninas e mulheres na América do Sul tem chamado a atenção e preocupado gestores(as), profissionais de comissão técnica e agentes que desejam promover o desenvolvimento da modalidade. Apesar do aumento no número de praticantes (NADEL, 2015), o continente sul-americano apresenta as menores quantidades de ligas de futebol de mulheres, de mulheres em cargos de gestão e de treinadoras e atletas registradas em federações esportivas em relação aos demais continentes (FIFA, 2014). Esse cenário alarmante levou a Confederação Sul Americana de Futebol (CONMEBOL) a adicionar no seu licenciamento de clubes a exigência de que, para que as equipes de homens possam disputar os campeonatos internacionais, é necessário que o clube tenha um time de mulheres disputando competições nacionais. A estratégia proposta pela CONMEBOL se caracteriza como uma política de desenvolvimento e contrasta com a histórica falta de apoio e suporte enfrentada pelas praticantes. Essas contradições nos levam a questionar os bastidores dessa política esportiva e a existência de outras ações voltadas para os(as) demais agentes esportivos.

A CONMEBOL tem um papel importante na história e na consolidação do futebol como esporte moderno por ser a primeira confederação continental da modalidade, fundada no ano de 1916 (SUGDEN; TOMLINSON, 1998). Apesar da sua importância histórica, poucos estudos exploraram o processo de fortalecimento dessa organização na América do Sul, e quando o fizeram, direcionaram a análise para o futebol praticado por homens (BROWN, 2014; VONNARD; QUIN, 2016). Os raros estudos sobre o futebol de mulheres revelam a prática da modalidade há mais de cem anos na América do Sul marcada pela constante luta das praticantes e enfrentamento social (NADEL, 2015). A ausência de investigações sobre as ações da CONMEBOL para desenvolver o futebol de mulheres no continente, de alguma forma perpetua a história como negação e restringe o reconhecimento de ações que fomentaram a participação da mulher no esporte (WILLIAMS; HESS, 2015). Esse trabalho busca romper com esse silêncio acadêmico ao responder a seguinte pergunta de pesquisa: quais são as estratégias propostas pela

CONMEBOL para desenvolver o futebol de mulheres no continente sul-americano? A partir dessa pergunta, buscamos localizar historicamente, politicamente e economicamente as ações propostas pela organização, compreender quais pilares sustentam essa estrutura e como elementos internos e externos à organização influenciam as estratégias propostas.

Os elementos investigados nesse estudo poderiam ser analisados a partir de lentes de diferentes áreas do conhecimento. Sem o intuito de restringir, mas sim de nortear a escrita e análise desse trabalho, nos basearemos majoritariamente em referenciais teóricos da gestão do esporte que possibilitam identificar as organizações esportivas atuantes nos continentes, os tensionamentos existentes entre elas e as características das ações propostas. Pretendemos com esse trabalho abordar uma lacuna científica e refletir sobre o papel das federações e confederações esportivas no processo de desenvolvimento do esporte praticado por meninas e mulheres (BROUWERS, 2016; VALENTI; SCELLES; MORROW, 2018).

Ao passo que esse trabalho apresenta um caráter inovador, também apresenta desafios em dialogar com pesquisas que tenham investigado um objeto de estudo similar. A quantidade limitada de trabalhos sobre a CONMEBOL e a prática do futebol de mulheres em diferentes países da América do Sul limitou uma revisão robusta sobre o tema e redirecionou o referencial teórico desse trabalho para as organizações esportivas atuantes no futebol e para as ações que fomentaram ou distanciaram as mulheres da modalidade. Em uma primeira parte do referencial, apresentaremos o sistema esportivo do futebol e as organizações que o compõe. Em seguida, mostraremos as estratégias utilizadas por essas organizações para desenvolver o futebol praticado por homens ao longo do século XX e para impedir a prática esportiva pelas mulheres. Por fim, daremos um maior enfoque aos posicionamentos da FIFA em relação ao futebol de mulheres que permitem compreender as ações da CONMEBOL dentro desse sistema esportivo.

REVISÃO DE LITERATURA

Organizações esportivas no futebol

O aumento de meninas e mulheres praticantes de futebol ao redor do mundo tem sido caracterizado por uma prática de resiliência e persistência. A modalidade foi

tradicionalmente organizada por homens e para homens, sendo as praticantes invisíveis para as organizações esportivas. Por muito tempo o futebol foi associado aos ideais de masculinidade cuja prática era inadequada às mulheres devido aos possíveis riscos à maternidade e feminilidade das praticantes (PFISTER, 2010). Os discursos médicos reforçavam os possíveis danos causados pela prática do futebol à capacidade reprodutiva das mulheres, enquanto que outros críticos questionavam a sexualidade das praticantes e associavam a modalidade à homossexualidade (NADEL, 2015). Essas atitudes serviram, e de alguma maneira ainda servem, para marginalizar as praticantes no futebol. Em alguns países do mundo essas construções sociais foram reforçadas por decretos legais que proibiam a prática e distanciaram ainda mais meninas e mulheres do esporte (GOELLNER, 2005; HERZOG, 2018; WILLIAMS, 2003).

Além das dificuldades encontradas como praticantes, os papéis de gênero estabelecidos pela sociedade também limitaram a atuação das mulheres como treinadoras, gestoras, árbitras, comentaristas e em diversas áreas esportivas (PFISTER, 2010). As profissionais enfrentam desafios tanto no processo de inserção, quanto na manutenção e progressão da carreira. Eagly e Carli (2007) sugerem que, apesar do estilo de liderança depender do contexto em que o líder se encontra, historicamente a liderança é definida em termos masculinos. Os atributos tradicionalmente masculinos são esperados e supervalorizados nesses cargos e as características de feminilidade, tradicionalmente vinculadas à mulher, são indesejadas nesse contexto. Para serem competitivas em posições de poder, mulheres frequentemente se submetem a um extenso processo de qualificação que nem sempre é exigido dos homens. Uma vez que alcançam os cargos de visibilidade, são constantemente desafiadas em relação à sua capacidade de liderar.

A transformação desse cenário marcado por uma trajetória carregada de impedimentos sociais e legais está sendo possível principalmente pela luta de mulheres por mudanças culturais na sociedade e no esporte. As organizações esportivas poderiam catalisar esse processo ao propor estratégias que fomentassem a participação de meninas e mulheres no esporte, mas historicamente se mantiveram distantes desse processo. Entre essas organizações, podemos citar as federações e confederações esportivas responsáveis por promover a prática do futebol ao redor do mundo. Essas organizações compõem um sistema esportivo estruturado de forma hierárquica no qual as federações e confederações esportivas continentais se encontram no topo dessa estrutura e são responsáveis por iniciar ou moldar as estratégias de desenvolvimento, por isso também são chamadas de agentes do desenvolvimento do esporte (WEINBERG, 2012). Já os agentes em níveis mais

baixos, como clubes e escolas, são responsáveis por implementá-las (SOTIRIADOU, 2009).

No caso do futebol, a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) se encontra no topo do sistema esportivo. A organização se tornou uma referência mundial na organização da modalidade e também na gestão do esporte moderno. Fundada em 1904, a federação inicialmente era composta por sete membros europeus e ao final do século contava com quase 200 associações membras de diferentes partes do mundo (SUGDEN; TOMLINSON, 1998). Inicialmente, a gestão da federação era realizada por homens europeus que destinavam seus esforços para o fortalecimento da modalidade entre seus pares de mesmo continente. Esse monopólio incomodou praticantes de outras regiões do mundo que passaram a se organizar e a promover o futebol de forma institucionalizada. Nesse contexto, a CONMEBOL foi a primeira confederação continental criada no século XX com o objetivo desafiar a centralização da modalidade (SUGDEN; TOMLINSON, 1998). De acordo com Sugden e Tomlinson (1998), esse tensionamento entre América do Sul e Europa resultou na organização da primeira Copa do Mundo de Futebol de homens em 1930 no Uruguai como uma forma de acalmar o descontentamento dos gestores sul-americanos em relação à organização mundial do esporte.

É possível notar a força da CONMEBOL na estruturação do futebol moderno praticado por homens a partir de quatro eventos que ocorreram ao longo do século passado. O primeiro corresponde à organização da Copa América em 1916, primeira competição entre seleções promovida por uma confederação continental (VONNARD; QUIN, 2017). Segundo, pela estreia da Copa do Mundo FIFA no Uruguai com a participação de sete seleções sul-americanas, representando mais da metade das equipes competidoras (SUGDEN; TOMLINSON, 1998). Terceiro, pelo importante papel da CONMEBOL na criação da Federação Europeia de Futebol (UEFA) na década de 1950 dado que os países sul-americanos estavam conquistando espaço dentro da FIFA e os membros europeus se sentiram desafiados em relação ao controle da modalidade no continente (VONNARD; QUIN, 2017). Quarto, pela eleição do brasileiro João Havelange como primeiro presidente não-europeu da FIFA em 1974 com o objetivo de diminuir a influência europeia na federação internacional (SUGDEN; TOMLINSON, 1998). Esses eventos mostram o protagonismo dos países sul-americanos na consolidação e disseminação do futebol praticado por homens.

Desenvolvimento do futebol praticado por homens e impedimento às mulheres

Os eventos citados acima apresentam o importante papel das federações e confederações esportivas no desenvolvimento do esporte moderno. A literatura científica aponta que o desenvolvimento do esporte é caracterizado por um processo longitudinal e de melhoria, promovido pelo aumento da participação e do desempenho esportivo (GREEN, 2005; SHILBURY; SOTIRIADOU; GREEN, 2008). Entre os recursos necessários nesse processo, podemos citar os espaços físicos, a qualificação de treinadores(as) e as competições esportivas (MADELLA et al., 2005). Esses elementos são fundamentais para promover a entrada, manutenção e formação de praticantes no esporte. Além disso, eles são comumente fornecidos a partir de estratégias de desenvolvimento, como as políticas, os programas e os eventos esportivos, propostas pelas organizações esportivas (SHILBURY; SOTIRIADOU; GREEN, 2008). Estudos internacionais mostraram como as estratégias propostas pelas federações e confederações esportivas forneceram recursos para os praticantes e possibilitaram a consolidação do futebol praticado por homens em diferentes locais do mundo.

No caso do futebol praticado por homens, Eisenberg (2006) mostrou como as políticas e os programas propostos pela FIFA no final do século XX possibilitaram disseminar e comercializar a modalidade, e tornaram a federação, a organização internacional não-governamental mais eficaz do mundo. Weinberg (2012) revelou a importância dos programas esportivos propostos pela Confederação Asiática de Futebol para o desenvolvimento do futebol no continente asiático e, recentemente, Sugiyama, Khoo e Hess (2017) investigaram como o sistema de desenvolvimento do futebol no Japão, organizado pela Federação Japonesa de Futebol, contribuiu com a formação de treinadores, qualificação de árbitros e estabelecimento de uma liga profissional. O futebol praticado por homens de forma espetacularizada foi, por muito tempo, a única manifestação esportiva reconhecida e promovida pelas organizações esportivas.

Em relação à prática do futebol por meninas e mulheres, as federações esportivas não só se ausentaram como também contribuíram para retardar seu processo de desenvolvimento. Registros mostram como a FIFA até a década de 1970 desaconselhou que as associações nacionais estimulassem a prática do futebol por meninas e mulheres (SILVA, 2015). Apoiada em discursos médicos, a FIFA recomendava que as praticantes não utilizassem os mesmos campos que os homens, limitando o acesso às instalações físicas e dificultando a prática esportiva (ROCHA, 2019). Esses direcionamentos não

impediram que as mulheres praticassem a modalidade de maneira informal, mas desencorajaram as confederações continentais e associações nacionais a oferecerem espaços físicos e competições para as praticantes (SILVA, 2015). A força política e econômica da FIFA gerou o distanciamento das organizações esportivas responsáveis pelo futebol e inviabilizou o fornecimento de recursos necessários para o desenvolvimento de meninas e mulheres no esporte.

A FIFA se utilizou do sistema esportivo hierárquico e da cadeia de comandos vinda de cima para baixa para garantir que essa prática não fosse fomentada por organizações esportivas ao redor do mundo. Essa abordagem é caracterizada por uma cadeia de comandos articulados de forma burocrática e racionalista, e implementados por agentes administrativos em níveis menores (O’GORMAN, 2011). Entretanto, esse processo de implementação de estratégias esportivas pode ser marcado por tensionamentos, dado que cada organização esportiva tem sua independência e autonomia, e que nem sempre se sujeitam às imposições de organizações mais poderosas (BECK, 2000; SUGDEN; TOMLINSON, 1997, 1998). Nesse contexto, os clubes europeus desafiaram as recomendações vigentes e continuaram a promover prática do futebol de mulheres mesmo sem o apoio ou reconhecimento da FIFA (HERZOG, 2018; SILVA, 2015). Os empresários aproveitaram o cenário pouco explorado economicamente e organizaram partidas amistosas entre equipes de diferentes países europeus com interesse comercial (HERZOG, 2018).

A resistência das praticantes, unida aos interesses econômicos dos empresários europeus, levou ao crescimento da modalidade e à criação da Federação Europeia de Futebol de Mulheres na década de 1960 (DUNN, 2016). Sem apoio ou reconhecimento da FIFA, a Federação realizou a primeira Copa do Mundo de Futebol de Mulheres em 1970 na Itália. A competição contou com a participação de oito equipes e com a presença de 15 mil espectadores na partida final (SILVA, 2015). De acordo com Silva (2015), os organizadores do campeonato convidaram as equipes sul-americanas do Brasil e da Argentina para participarem da competição, mas não se sabe quem teria recebido o convite e qual teria sido a resposta. Podemos inferir sobre o posicionamento desses países pela ausência de ambas as equipes no campeonato. Das oito seleções participantes, apenas o México representava uma equipe não-europeia.

A possibilidade comercial apresentada pela Copa do Mundo de Futebol de Mulheres atraiu ainda mais a atenção dos empresários que organizaram a segunda edição em 1971 no México utilizando a mesma estrutura física do mundial de homens realizado

pela FIFA no ano anterior (SILVA, 2015). Novamente a equipe brasileira foi convidada para participar do campeonato devido ao sucesso da seleção de homens, mas teve sua participação vetada pelo então presidente do Conselho Nacional de Desporto, Jerônimo Bastos, alegando que a prática de mulheres não era oficialmente reconhecida no país (SILVA, 2015). Ao passo que as equipes europeias se estruturavam e organizavam campeonatos internacionais, meninas e mulheres enfrentavam barreiras sociais e legais para a prática da modalidade nos países sul-americanos. A equipe argentina apareceu como uma pioneira nesse cenário ao participar da segunda edição do mundial e se tornou a primeira equipe sul-americana a disputar uma competição internacional de futebol de mulheres.

Os organizadores do evento ficaram satisfeitos com a média de público de 80 mil pessoas por jogo e com o retorno financeiro da competição (SILVA, 2015). O sucesso dos dois mundiais atraiu a atenção dos dirigentes da FIFA que passaram a ter receio da força política e econômica do futebol de mulheres organizado em paralelo à própria entidade (ROCHA, 2019). Nesse momento, a FIFA passou a sinalizar uma mudança de posicionamento e a possibilidade de inserir o futebol praticado por meninas e mulheres em sua oficialidade (SILVA, 2015). Registros mostram que em 1971 a FIFA aconselhou que as associações nacionais se aproximem do futebol de mulheres, mas que organizem a prática de forma similar ao futebol juvenil praticado por homens (ROCHA, 2019). Portanto, o reconhecimento inicial do futebol de mulheres pela FIFA não foi marcado pela preocupação com o desenvolvimento da modalidade, mas sim movido por interesses políticos e econômicos, e tratado de forma desvalorizada.

Futebol de mulheres: da restrição à obrigação

A partir dessa mudança de posicionamento da FIFA, equipes e clubes esportivos passaram a promover a prática do futebol para meninas e mulheres. Entretanto, a ausência de direcionamentos oficiais e de ações concretas da FIFA para fomentar a participação das praticantes na modalidade reforçou o distanciamento já existente das confederações continentais e associações nacionais que não fizeram esforços para minimizar as barreiras enfrentadas pelas praticantes. Estudos conduzidos na América do Sul revelam a prática do futebol por meninas e mulheres de maneira informal na Argentina (JANSON, 2008), Colômbia (MINA et al., 2018) e Venezuela (VERENZUELA; D'AMICO, 2018) durante

as décadas de 1970 e 1980. Os autores mostraram que a falta de apoio das organizações esportivas resultou na ausência de uma liga profissional e de políticas esportivas que fomentassem o esporte. Esse cenário apresentou mudanças a partir da década de 1990 quando o futebol de mulheres passou a ser institucionalizado em decorrência de novos interesses políticos e econômicos da FIFA.

O compromisso da FIFA com o futebol de mulheres tem início no ano de 1986 quando a federação norueguesa solicitou seu apoio ao futebol de mulheres durante o Congresso da FIFA (FIFA, 2004). Dada a importância histórica desse evento no desenvolvimento do futebol praticado por mulheres, é importante contextualizar a ação da federação norueguesa dentro do cenário político e cultural da Europa. Os movimentos feministas e os debates de gênero propostos desde a década de 1960 ganhavam força no contexto europeu e desafiavam o papel tradicional da mulher na sociedade e no esporte (PFISTER, 2010). Esse cenário possibilitou que mulheres promovessem a prática organizada do futebol durante a década de 1970 em diferentes países da Europa, culminando na organização dos primeiros Campeonatos Mundiais em 1970 e 1971. A década de 1980 também é marcada pelo crescimento da prática entre meninas e mulheres principalmente a partir do reconhecimento e apoio recebido por associações nacionais de futebol europeias (PFISTER, 2015). Esses movimentos possibilitaram que o futebol praticado por mulheres se estabelecesse e fortalecesse primeiramente em nível regional (clubes) e nacional (associações) e que, posteriormente, esses(as) agentes cobrassem o apoio das organizações em níveis mais altos.

Notamos que o século XX é marcado pelo tensionamento entre a prática do futebol de mulheres em nível regional e a constante tentativa de impedimento por confederações continentais e associações nacionais. Nesse sentido, parece que as primeiras ações voltadas para a participação de meninas e mulheres no esporte foram propostas por organizações em níveis mais baixos do sistema esportivo, revelando um processo inverso (de baixo para cima) de desenvolvimento do esporte. Esse cenário unido ao pedido oficial da federação norueguesa, pressionou a FIFA a estruturar o primeiro campeonato mundial de futebol de mulheres que teve sua versão experimental em 1988 na China com a participação de 12 seleções nacionais (FIFA, 2004). Devido ao sucesso da competição, a primeira Copa do Mundo de Futebol de Mulheres foi promovida em 1991 no mesmo país e passou ser realizada a cada quatro anos. Mesmo sem um programa oficial de desenvolvimento, as competições esportivas promovidas pela FIFA constituíram um elemento fundamental para o desenvolvimento do esporte durante a década de 90 e se

consolidaram como um aspecto central das organizações esportivas internacionais (EISENBERG, 2005).

A organização da primeira Copa do Mundo exigiu que as confederações continentais criassem campeonatos de caráter qualificatórios para o mundial. A CONMEBOL criou em 1991 o Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino que, desde então, acontece a cada quatro anos e é utilizado como critério qualificatório para os mundiais e Jogos Olímpicos. Essas competições também apresentaram um efeito cascata nas associações nacionais que passaram a regulamentar a modalidade e a organizar seleções nacionais de futebol de mulheres. Para Nadel (2015), antes de 1991 o jogo existia às margens e geralmente em face do desprezo nacional e depois desse ano, quando a FIFA passou a apoiá-lo mesmo que de forma limitada, o cenário do futebol de mulheres na América do Sul começou a mudar. A análise das seleções participantes das oito edições da Copa do Mundo de Futebol de Mulheres revela a presença ainda tímida das equipes sul-americanas comparadas às de outros continentes (BARREIRA; SILVA, 2016). Chama a atenção a participação da seleção brasileira em todas as edições do campeonato, mas uma participação esporádica das equipes argentina, colombiana, equatoriana e guianense (BARREIRA; SILVA, 2016).

O exposto acima revela que as primeiras ações da FIFA para o desenvolvimento do futebol de mulheres foram voltadas para a promoção das competições esportivas. Durante a década de 1990 não se falava em programas ou planos de desenvolvimento, mas sim em promover pequenas ações que contentassem as praticantes e associações de diferentes partes do mundo. Até aquele momento, os eventos esportivos se configuravam como a única estratégia de desenvolvimento oferecida pela federação internacional. A responsabilidade de desenvolver a prática foi reconhecida oficialmente pela FIFA somente em 2004 ao apontar o futebol de mulheres como um pilar fundamental no desenvolvimento mundial da modalidade (FIFA, 2004). Em documento oficial, a FIFA declarou seu apoio e se comprometeu a oferecer um maior número de oportunidades às meninas e mulheres no futebol. A partir de então, a FIFA propôs o Programa de Desenvolvimento do Futebol de Mulheres com o objetivo de fornecer recursos para fomentar a entrada, manutenção e formação das praticantes no esporte (SOTIRIADOU et al., 2008).

O programa FIFA se propôs a fornecer os recursos fundamentais para o processo de desenvolvimento do esporte, como cursos de qualificação para treinadoras, árbitras, médicas e diretoras, competições esportivas da iniciação ao alto rendimento, assim como

espaços físicos para as praticantes (FIFA, 2004, MADELLA et al., 2005). Para que essas ideias fossem disseminadas e fomentadas ao redor do mundo, a FIFA novamente contou com a estrutura hierárquica do futebol e com a sua força política e econômica. A federação internacional disponibilizou fundos para as confederações continentais criarem seus próprios programas e políticas de desenvolvimento, e passou a avaliar as estruturas fornecidas para as meninas e mulheres nos diferentes continentes e países do mundo. Apesar da importância dessas organizações esportivas e das estratégias propostas pela FIFA para o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres, desconhecemos estudos que tenham investigado essas ações na América do Sul e no mundo, assim como as transformações promovidas nesse esporte tradicionalmente organizado por homens e para homens. Não é possível saber se a ausência de pesquisas é consequência do curto período de tempo desde a elaboração do programa FIFA ou um reflexo dos interesses políticos, econômicos e ideológicos que permeiam a sociedade, a ciência e o esporte.

MÉTODOS

Essa investigação utiliza como metodologia o estudo de caso de caráter descritivo (YIN, 2005). Os estudos de caso são recomendados quando o(a) pesquisador(a) tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 2005). De acordo com o autor, cinco componentes são fundamentais no desenvolvimento de um estudo de caso: i) as questões do estudo; ii) as proposições do estudo; iii) a unidade de análise; iv) a lógica que une os dados às proposições e v) os critérios para se interpretar as descobertas. As questões e proposições do estudo foram apresentadas nas seções de introdução e revisão da literatura. A unidade de análise corresponde à Confederação Sul-Americana de Futebol, a CONMEBOL. A lógica que une os dados às proposições, assim como os critérios de análise serão descritos a seguir.

Coleta de dados

Para abordar com profundidade e explorar a complexidade do caso estudado consideramos a metodologia qualitativa mais adequada. Analisamos os documentos e as

notícias disponíveis no site oficial da confederação que descrevessem estratégias utilizadas pela CONMEBOL para o desenvolvimento do futebol de mulheres. Ao explorar o site não encontramos documentos oficiais sobre o assunto e optamos por reunir notícias que poderiam dar indicativos de ações promovidas pela confederação. Portanto, nesse estudo utilizamos a análise documental para a coleta dos dados e, como fonte primária, utilizamos as notícias disponíveis no site oficial da confederação (BOWEN, 2009). Com o objetivo de encontrar as notícias utilizamos as palavras chaves “fútbol femenino”, por ser esta a nomenclatura adotada pelo site da CONMEBOL e pelo espanhol ser a língua oficial da entidade. Todas as notícias encontradas estão disponíveis e podem ser acessadas no link <http://www.conmebol.com/tags/futbol-femenino>.

Não estabelecemos uma data de publicação como limite inferior para analisar as notícias, sendo o limite definido pelo ano de publicação da primeira notícia, em 2015. A última busca foi realizada em 10 de abril de 2019, limitando a análise de notícias publicadas até o determinado momento. Ao todo, foram encontradas 369 notícias. Todas as notícias foram lidas na íntegra e passaram por um processo de seleção. Não foram selecionadas notícias cujas temáticas abordavam i) o futsal feminino; ii) o futebol de areia; iii) as decisões gerais da CONMEBOL que incluíam o futebol praticado por mulheres; iv) mulheres que atuam como árbitras no futebol masculino. Após as análises e seleções, esse estudo foi baseado em 314 notícias sobre o futebol de mulheres na América do Sul.

Análise dos dados

Para o processo sistemático de análise das notícias, utilizamos a Análise Temática que possibilita encontrar padrões (temas) no conjunto de dados analisado, auxiliando também a descrição e interpretação do seu significado e da sua importância no contexto analisado (BRAUN; CLARKE, 2006). Dada a sua flexibilidade, a Análise Temática pode ser realizada de diferentes maneiras, sendo necessário definir os percursos utilizados nesse estudo. Utilizamos a análise dedutiva, tendo como base o referencial teórico apresentado sobre o desenvolvimento esportivo, para a análise das notícias (BRAUN; CLARKE, 2006). Além disso, utilizamos uma análise latente caracterizada por uma abordagem semântica, sendo os temas identificados nos significados explícitos ou

superficiais dos dados (BRAUN; CLARKE, 2006). Esses processos se fizeram presentes nas seis etapas de análise utilizadas nesse estudo, como mostrado abaixo.

- 1) Familiarização – em estudos qualitativos, é recomendado que o processo de coleta e análise dos dados ocorram simultaneamente (BAXTER; JACK, 2008). Nesse sentido, a leitura inicial e a releitura das notícias compuseram essa etapa de familiarização com a profundidade e amplitude do conteúdo (BRAUN; CLARKE, 2006).
- 2) Codificação – essa fase envolve a produção de códigos iniciais que possibilitam identificar as características dos dados (semântica conteúdo ou latente) que pareçam interessante para a pesquisa. Os dados podem ter mais de um código e esse processo pode ser manual ou utilizando programas. Nesse estudo utilizamos recursos do pacote Office para a tabulação, codificação e registro dos códigos. Esse processo possibilitou a organização das notícias analisadas e releitura dos textos de acordo com os códigos criados.
- 3) Definição dos temas – essa etapa é caracterizada pela exploração das diferentes combinações entre os códigos para formar um tema abrangente. A definição de um tema pode ser dada pela sua presença quantitativa e/ou qualitativa nos dados analisados (BRAUN; CLARKE, 2006). No nosso estudo, três temas foram identificados tanto pela sua frequência de citação e quanto pela sua importância no processo de desenvolvimento. Braun e Clarke (2006) sugerem que nessa etapa pode ser útil a utilização de recursos visuais para ajudar no processo de classificação dos diferentes códigos em temas. As autoras apontam o mapa temático como um recurso interessante para analisar os limites de cada tema, assim como sua relação com o objeto de estudo do trabalho. Essas recomendações auxiliaram no processo de análise dos dados e as ideias foram organizadas em um mapa temático para garantir que os temas que emergiram se relacionavam com a temática da tese. A Figura 1 apresenta em amarelo o objeto de estudo da tese: o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres. Em verde são apresentados os elementos necessários para o desenvolvimento do esporte (agentes, estratégias e recursos). E em azul são apresentados os três temas definidos a partir dos dados e em rosa os elementos que os compõe. A partir do mapa temático é possível localizar as ações da CONMEBOL dentro do cenário mais amplo de desenvolvimento do esporte abordado ao longo do capítulo.



Figura 1. Mapa temático criado a partir das análises das notícias sobre o futebol praticado por meninas e mulheres no site oficial da CONMEBOL.

- 4) Revisão dos temas – depois de definir os possíveis temas, foi necessário refinar as escolhas e garantir que os candidatos são realmente temas (BRAUN; CLARKE, 2006). Nesse momento de análise, os temas propostos foram unidos ou divididos em temas separados com o intuito de estabelecer seus limites e garantir que fossem coerentes com a pergunta do estudo.
- 5) Nomeação dos temas – essa etapa foi caracterizada pela definição dos nomes dos temas que fossem coerentes com a sua ideia central ou conceito (BRAUN; CLARKE, 2006). Essa etapa apresentou o desafio de definir nomenclaturas que identificassem a essência dos temas e todos os aspectos dos dados capturados por eles (BRAUN; CLARKE, 2006).
- 6) Produção do relatório – essa fase foi caracterizada pela produção de um relato conciso, coerente, lógico, não repetitivo e interessante da história que os dados contam (BRAUN; CLARKE, 2006). Vale lembrar que todas as notícias se encontravam em espanhol e que nessa etapa foram traduzidas para o português

para padronizar a escrita. A tradução foi realizada de maneira independente pela própria doutoranda.

Por mais que as seis etapas sejam apresentadas de maneira linear e sequencial, é importante lembrar que a análise temática é caracterizada por movimentos constantes de idas e vindas entre todo o conjunto de dados. Como sugerem as próprias autoras, a escrita dos resultados não algo que ocorre no final, ela se inicia na fase um, com a anotação de ideias e esquemas de codificação em potencial, e continua por todo o processo de codificação e análise (BRAUN; CLARKE, 2006). Da mesma forma, o processo de codificação e definição dos temas também é constantemente revisitado à medida que as autoras se familiarizam com seus dados e realizam novas leituras.

Confiabilidade

Para garantir a confiabilidade dos estudos de caso, Russel et al. (2005) propõe que autores(as) garantam que: (a) a pergunta do estudo de caso esteja escrita de forma clara e seja embasada na literatura prévia; (b) que a metodologia de estudo de caso seja apropriada à pergunta do estudo; (c) que o processo de amostra intencional foi adequadamente aplicado ao estudo de caso; (d) que os dados foram coletados de forma sistemática; (e) e que os dados foram analisados corretamente. A introdução e revisão de literatura sustentam o item (a). Os procedimentos metodológicos foram devidamente justificados na seção de métodos e abordam os itens de (b) a (d). Em relação à análise dos dados (e), para assegurar a confiabilidade, a leitura e interpretação de todas as notícias foram realizadas por dois pesquisadores separadamente que posteriormente discutiram e uniram seus achados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das notícias disponíveis no site oficial da CONMEBOL, notamos que as ações da confederação para desenvolver o futebol de mulheres no continente sul-americanos são recentes, propostas a partir da década de 90, e, na maioria

dos casos, para suprir as exigências da FIFA. Ao mesmo tempo que as notícias mostram uma preocupação dos dirigentes da CONMEBOL com o futebol de mulheres, também revelam a ausência de um programa de desenvolvimento com metas claras e objetivas. Entre os recursos fornecidos pela organização, identificamos que as competições esportivas correspondem ao primeiro e principal recurso oferecido pela CONMEBOL para as praticantes no continente. O Programa Evolución aparece como a estratégia de desenvolvimento mais estruturada e voltada para a qualificação das profissionais que atuam na modalidade. Os principais achados desse estudo são apresentados abaixo e discutidos com a literatura científica.

Competições esportivas: o primeiro e principal recurso às praticantes

Aproximadamente 63% das notícias analisadas abordaram as competições promovidas no continente Sul-Americano. A relevância quantitativa e qualitativa das competições nas notícias analisadas i) justificam a temática como um resultado do estudo, ii) revelam que as competições esportivas recebem uma grande atenção da CONMEBOL e que, possivelmente, iii) representam o principal recurso oferecido pela organização para as praticantes no contexto sul-americano.

As primeiras ações da CONMEBOL destinadas ao futebol de mulheres datam do início da década de 1990 e são caracterizadas pelas competições esportivas qualificatórias para os mundiais da FIFA. A federação internacional organizou a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino em 1991 e exigiu das confederações continentais a organização de campeonatos qualificatórios para o mundial. Nesse mesmo ano foi realizado o primeiro Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino que se tornou o principal torneio fornecido pela CONMEBOL para as seleções sul-americanas. Essa cadeia de comandos também repercutiu na organização das associações nacionais que passaram a estruturar seleções nacionais de futebol de mulheres e organizar processos de formação das praticantes. Estudos anteriores apontam a participação das associações nacionais e a criação das seleções na década de 1990 como elementos chaves para o desenvolvimento do futebol de mulheres na América do Sul (JANSON, 2008; MINA et al., 2018; VERENZUELA; D'AMICO, 2018).

Movimentos parecidos aconteceram com a criação dos campeonatos mundiais para as categorias de base. Os Campeonatos Sul-Americanos de Futebol Feminino para

as categorias sub 20 e sub 17 foram criados pela CONMEBOL em 2004 e 2008 como processos qualificatórios para os mundiais da FIFA. Da mesma forma, a Copa Libertadores Feminina foi criada no ano de 2009 como caráter qualificatório para a Copa do Mundo de Clubes de Futebol da FIFA. O campeonato é realizado anualmente e reúne os clubes esportivos com os melhores desempenhos em seus países. A reportagem de 2016 apresenta a importância dessa competição para a CONMEBOL, ao mostrar que “Nos próximos dias, será dado mais detalhes sobre o torneio [Copa Libertadores Feminina] que reunirá os 10 países da CONMEBOL, para celebrar o mais importante torneio de clubes femininos da América do Sul” (CONMEBOL, 2016a). É possível encontrar diversas notícias parecidas como essa anunciando o início e fim dos campeonatos, assim como as características dos participantes e a dinâmica das partidas.

Para Eisenberg (2005), as competições esportivas correspondem a um aspecto central das organizações esportivas internacionais e constituem um elemento fundamental para o desenvolvimento do esporte. Um sistema competitivo que abarque praticantes de diferentes faixas etárias e que aconteça de forma regular possibilita a manutenção e a formação longitudinal de meninas e mulheres na modalidade. Do ponto de vista organizacional, as competições também são importantes, pois exigem a participação e atuação de diversos agentes (confederações continentais, associações nacionais e clubes regionais). A promoção de competições esportivas para praticantes de diferentes faixas etárias e níveis de desempenho só é possível se os diferentes agentes do sistema esportivo do futebol fornecerem estrutura para a entrada e manutenção de meninas e mulheres na modalidade. Portanto, um calendário competitivo possibilita que clubes e federações esportivas permaneçam ativos no esporte e que ofereçam possibilidades contínuas de prática.

Apesar da importância das competições, fica claro que elas foram propostas para suprir as demandas da FIFA e que não necessariamente foram planejadas com o intuito de oferecer torneios de qualidade e promover o desenvolvimento das jogadoras. A partir dos encontros entre representantes da FIFA e CONMEBOL, entre os pontos principais identificados com prioritários a serem fortalecidos pela confederação sul-americana está a estrutura das ligas (CONMEBOL, 2016b). De acordo Tatjana Haenni, então diretora do futebol de mulheres da FIFA,

Faz algumas semanas que tivemos uma reunião em Zurique onde discutimos a participação da mulher no futebol e surgiram algumas ideias de como a CONMEBOL poderia apoiar o desenvolvimento do futebol de mulheres na América do Sul. Estudamos as ideias e como seguir com os detalhes adiante,

especificamente no que se refere a melhorar o desempenho do futebol de mulheres, as competições, treinamentos, calendário e estrutura das ligas (CONMEBOL, 2016c).

Essa preocupação revela a necessidade de melhorias na qualidade e na estrutura das competições oferecidas no continente. Apesar de ser o principal recurso oferecido para as praticantes, essa análise sugere que as equipes ainda enfrentam desafios e dificuldades do ponto de vista estrutural para participarem dos campeonatos. Esses achados indicam que as competições foram propostas para minimizar o descontentamento das praticantes e suprir as demandas da FIFA, não necessariamente com o intuito de promover a apropriação cultural do jogo. Nesse sentido, é importante que as métricas para avaliação das ações não sejam restritas a medidas quantitativas que podem mascarar os desafios ainda enfrentados na modalidade.

Uma proposta mais recente de competição esportiva que possibilita fomentar a participação de crianças e adolescentes no futebol sul-americano corresponde à Liga de Desenvolvimento, criada em 2017, como mostra o trecho abaixo

Para que as jovens jogadoras possam mostrar o seu talento e paixão pelo futebol, a Federação Equatoriana de Futebol (FEF) e a CONMEBOL organizam pela primeira vez a Liga de Desenvolvimento. Incentivar e expandir o futebol feminino no país é um dos objetivos, e por isso a FEF, através da sua Direção de Desenvolvimento chefiada por Fernando Bocca, convida escolas e clubes de futebol a participarem deste torneio que se qualifica a equipe campeã à competição sul-americana que acontecerá em janeiro de 2018. As meninas interessadas poderão participar da categoria Sub-14 Feminina, cujo torneio nacional terá início no dia 30 de setembro. (CONMEBOL, 2017a)

Como mostrado na notícia, a Liga é organizada pela CONMEBOL em parceria com as associações nacionais e busca promover campeonatos de curta duração para praticantes menores de 16 anos. Nessa proposta notamos a atuação conjunta de diferentes agentes esportivos, como confederação, associação nacional e clubes, na promoção de festivais em diferentes países. Um posicionamento semelhante é mostrado na notícia abaixo

A Liga de Desenvolvimento é uma competição organizada em conjunto com as 10 associações membros da CONMEBOL. A competição busca que as jovens jogadoras possam se apaixonar pelo futebol e, assim, compartilhar a paixão sul-americana. Além disso, servirá para detectar jovens talentos que, no futuro, se tornarão representantes de destaque do continente no cenário local e internacional. A competição abrangerá as categorias Sub 12, Sub 14 e Sub 16 e será dividida nas seguintes fases: Regional, Nacional e Sul-americana. (CONMEBOL, 2017b)

O intuito da Liga é promover a prática do futebol por uma grande quantidade de meninas que estejam vinculadas às equipes e aos clubes locais e que, nesse processo, jogadoras talentosas sejam identificadas. Até o momento a Liga já foi organizada em países como Brasil, Paraguai e Peru (e.g. CONMEBOL, 2017c,d). A ação se caracteriza como uma estratégia interessante para promover o desenvolvimento do esporte, dado que as oportunidades de participação deveriam contemplar crianças, jovens e adultas, além de possibilitar a prática esportiva por lazer e a participação no esporte de alto rendimento (SHILBURY et al., 2008).

Desenvolvimento do futebol de mulheres com a FIFA ou para a FIFA?

As notícias apresentadas acima mostraram o importante papel da FIFA na organização das primeiras competições para meninas e mulheres no continente sul-americano. Mas, a interferência da federação internacional vai além das competições. A mudança de posicionamento da FIFA nos últimos anos exigiu que a CONMEBOL estabelecesse ações alinhadas com a proposta de desenvolvimento da federação internacional. Nesse sentido, notícias a partir de 2016 revelam a preocupação da CONMEBOL com o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres no continente. Esse ano é marcado por encontros entre dirigentes da CONMEBOL e da FIFA para estruturar um plano de desenvolvimento do futebol de mulheres na América do Sul (e.g. CONMEBOL, 2016b).

A partir das notícias, identificamos que a CONMEBOL trabalha em conjunto com a FIFA em um ciclo de quatro anos (CONMEBOL, 2016b). O ciclo atual teve início em 2016 sob a nova administração do presidente Alejandro Domínguez, quando a CONMEBOL anunciou que o desenvolvimento do futebol de mulheres seria uma prioridade na nova direção e que receberia o apoio constante (CONMEBOL, 2016d). De acordo com o então presidente,

A Confederação Sul-Americana de Futebol, sob a nova gestão do presidente Alejandro Domínguez, deixou claro que o Desenvolvimento do Futebol Feminino é uma das prioridades e que o apoio, categoricamente, será constante. (CONMEBOL, 2016e)

Essas notícias revelam a preocupação atual da CONMEBOL com o desenvolvimento do futebol de mulheres. Para Gorka Villar, ex-diretor geral da confederação sul-americana, o plano de desenvolvimento é fundamental para fornecer meios que possibilitem que meninas e mulheres participem ativamente da modalidade (CONMEBOL, 2016e). Entretanto, apesar das notícias fazerem referências ao plano, não encontramos nenhum documento oficial que descrevesse as características do projeto. É importante que os objetivos e processos de implementação de políticas esportivas sejam claros e explícitos em um documento oficial da organização (O’GORMAN, 2011). A transparência em relação às metas estabelecidas e aos recursos oferecidos é importante para que os(as) agentes que compõem o sistema esportivo possam atuar em conjunto alinhados com as expectativas e propostas da CONMEBOL.

Da mesma forma, não encontramos nenhum documento oficial apresentando a nova exigência de licenciamento da CONMEBOL direcionada às equipes de mulheres. Identificamos apenas uma notícia no site oficial da confederação sul-americana que faz menção à exigência. Em entrevista com a Federação Peruana de Futebol, a atual coordenadora geral da FIFA, Yoland Camacho Kortman, disse que a nova regra de licenciamento da CONMEBOL é importante para ter uma prática mais estruturada e com mais oportunidades para as mulheres participarem do esporte (CONMEBOL, 2016f). O posicionamento da coordenadora revela a aprovação da FIFA em relação à política proposta, mas ao mesmo tempo, a ausência de informações no site oficial da confederação sul-americana sugere a não valorização da estratégia pela própria CONMEBOL.

É interessante notar que a exigência de equipes de mulheres não foi utilizada por outras confederações continentais como estratégia de desenvolvimento, revelando uma independência das organizações em relação às estratégias propostas. Esse aspecto é reforçado por Tatjana Haenni, diretora no departamento de competições de futebol de mulheres da FIFA, ao mencionar que “Já falamos para cada associação ter uma estratégia de desenvolvimento do futebol feminino e uma pessoa remunerada em tempo integral, idealmente uma mulher mas também pode ser um homem, o importante é que ele realmente conheça essa tarefa” (CONMEBOL, 2016c).

A partir do trecho citado, notamos dois elementos importantes sobre o posicionamento da FIFA: o reconhecimento que cada confederação desenvolva sua própria estratégia de desenvolvimento voltada às necessidades e características do seu continente, e a necessidade de pessoas (de preferência mulheres) que trabalhem integralmente nesse processo. Notamos que a FIFA desempenha um papel de orientar e

guiar as propostas de desenvolvimento, mas reforça que cada confederação continental deve propor e implementar sua própria estratégia de desenvolvimento (CONMEBOL, 2016c). A FIFA parece reconhecer os fatores comerciais, culturais, políticos e sociais de cada continente afetam diretamente a gestão do esporte, e que diferentes estratégias podem ser propostas para promover o desenvolvimento esportivo (HOULIHAN, 2013). A relação estabelecida entre a FIFA e confederação continental reforça a existência de possibilidades menos impositivas de implementação de políticas dentro do sistema esportivo, reconhecendo as características e necessidades de cada ambiente (O’GORMAN, 2011; SCHOFIELD, 2004).

O segundo aspecto reforçado pela federação internacional é a importância de pessoas trabalharem integralmente nos cargos de gestão do futebol de mulheres dentro das confederações. Nesse contexto, o nome de Lorena Soto, então Gerente de Desenvolvimento do Futebol Feminino, é recorrente nas notícias. A partir das análises não é possível identificar se existe um departamento direcionado ao desenvolvimento do futebol de mulheres, ou se a responsabilidade era apenas da ex-gerente. Ao investigar as associações nacionais de futebol, Jacobs (2014) mostrou que a quantidade de funcionários(as) dedicados em tempo integral à gestão do futebol de influencia diretamente no sucesso da seleção nacional do país. De acordo com a autora, uma equipe com dedicação integral é necessária para desenvolver um planejamento estratégico a longo prazo e implementar as estratégias propostas. Baseados no estudo de Jacobs (2014) e na orientação da FIFA, há indicativos de que o sucesso das confederações continentais no desenvolvimento da modalidade também possa ser influenciado pela quantidade de pessoas envolvidas com a gestão do esporte.

Um terceiro ponto que chama a atenção é a prioridade de mulheres em cargos de gestão. Esse direcionamento da FIFA está alinhado com estudos anteriores que mostraram que o esporte de mulheres se desenvolve mais rápido quando liderado por mulheres (NAURIGHT, 1995; NAURIGHT; BROOMHALL, 1994). A cultura estabelecida e controlada pelas praticantes permite que a modalidade se expanda e seja praticada por meninas e mulheres de diferentes faixas etárias. Comitês ocupados majoritariamente por homens que não têm interesse em promover a prática esportiva para meninas e mulheres, levando a uma ausência de ações em prol do esporte e geram atraso no seu desenvolvimento. Nesse sentido, a presença de mulheres em cargos de gestão é um fator catalisador do desenvolvimento do esporte.

De maneira geral, as notícias revelam a preocupação da CONMEBOL com o desenvolvimento do futebol praticado por mulheres no continente sul-americano, mas a ausência de documentos oficiais e de um plano de desenvolvimento sugerem que essa preocupação é gerada por uma pressão externa da FIFA e não por uma iniciativa da própria organização. É possível que existam documentos oficiais sobre o desenvolvimento do futebol de mulheres na América do Sul e que apresentem mais detalhes sobre as ações propostas, mas que não estão disponíveis publicamente. Essa falta de transparência dificulta a ação conjunta de agentes esportivos que poderiam implementar ações voltadas para as necessidades do continente e catalisar o desenvolvimento do esporte.

Programas de desenvolvimento

Uma estratégia de desenvolvimento que aparece com frequência entre as notícias da CONMEBOL e que, aparentemente, é valorizada pela confederação é o programa “Live Your Goals” (e.g. CONMEBOL, 2017e). A partir dos textos disponíveis no site da confederação sul-americana não foi possível obter informações sobre o programa, mas o documento oficial disponível no site da FIFA, “Live Your Goals Campaign – Introduction and Guidelines for Member Associations” apresenta as suas características. De acordo com o documento, o programa é proposto pela FIFA e destinado a todas as associações nacionais que se esforçam para desenvolver o futebol para meninas e mulheres nos seus respectivos países. As confederações continentais atuam como agentes intermediários que auxiliam na execução do programa. Portanto, ao analisar a proposta no continente sul-americano é preciso reconhecer que a iniciativa é da FIFA, mediada pela CONMEBOL e implementada pelas associações nacionais.

O programa “Live Your Goals” novamente reflete o sistema hierárquico do futebol e o processo de implementação de estratégias de desenvolvimento de cima para baixo. A federação internacional delineou a proposta e disponibilizou os recursos para sua implementação, enquanto as associações nacionais ficaram responsáveis pela sua execução. Nesse contexto, fica claro a importância das organizações internacionais, como a FIFA e demais confederações continentais, ao proporem ações em larga escala que fomentem a prática do futebol por meninas e mulheres em diferentes partes do mundo. Esse cenário justifica o porquê organizações com posições mais altas no sistema esportivo

são consideradas agentes do desenvolvimento esportivo e responsáveis pela proposta das estratégias de desenvolvimento, enquanto organizações com posições mais baixas são responsáveis pela sua implementação (SOTIRIADOU, 2009).

Para serem contempladas pelo programa, as associações nacionais devem submeter um projeto à FIFA apresentando a proposta de realizar festivais e eventos esportivos para meninas de 6 a 12 anos. Se a associação é contemplada, a FIFA se responsabiliza em fornecer todo o suporte para a organização dos eventos: financeiro, materiais esportivos, divulgação e entre outros. Em contrapartida, é exigido que a associação membra realize a divulgação do programa “Live Your Goals” em todos os seus canais de comunicação. O programa se caracteriza como uma estratégia interessante ao fornecer recursos (espaços físicos, materiais e suporte financeiro) para a prática esportiva. Além disso, a ação é destinada a um público específico (crianças de 6 a 12 anos) revelando a preocupação da FIFA em ofertar a modalidade para praticantes de diferentes faixas etárias e em fomentar a entrada de meninas no esporte.

Encontramos um único programa proposto pela CONMEBOL para desenvolver o futebol de mulheres no continente. Notícias publicadas a partir do ano de 2017 mostram que o Programa Evolución passou a ser implementado pela confederação sul-americana com o objetivo de fornecer cursos de qualificação para profissionais que atuam na modalidade. Não encontramos um documento oficial apresentando oficialmente o programa, mas as notícias apresentam algumas características, como mostrado abaixo.

Desta quarta-feira até sexta-feira, 10 de agosto, é realizado o Curso de Avanço para treinadoras de futebol feminino, inserido no Programa de Evolução da CONMEBOL, no Centro de Alto Rendimento da FVF. O curso-workshop é organizado pela Diretoria de Desenvolvimento da FVF liderada por Karina Monasterio, em conjunto com a CONMEBOL, é ditado pelos instrutores internacionais Vanessa Arauz (Equador), Rubén Subeldia (Paraguai) e Milagros Infante (Venezuela). Ao todo, 30 treinadoras que atuam na Liga Nacional e na Superliga Feminina profissional participarão desta atividade que ajudará a fortalecer o conhecimento a favor do futebol feminino venezuelano. As treinadoras participantes receberão aulas teóricas e práticas nas instalações do Centro Nacional de Alto Rendimento, até sexta-feira, quando o curso será encerrado e as participantes retornarão aos seus clubes para cumprir o final de semana. (CONMEBOL, 2017f)

Notamos que o programa de qualificação é organizado pela CONMEBOL em parceria com as associações nacionais e que já foi realizado no Equador (CONMEBOL, 2017g), Paraguai (CONMEBOL, 2017h), Peru (CONMEBOL, 2017i) e Argentina (CONMEBOL, 2018). O programa se consolida como uma estratégia de

desenvolvimento à medida que estabelece um sistema de formação de treinadores e treinadoras e oferece práticas de melhor qualidade da iniciação ao alto rendimento (SUGIYAMA; KHOO; HESS, 2017).

As notícias revelam um cuidado especial com o aumento de mulheres nos cargos de treinadoras e árbitras, novamente impulsionado por um posicionamento da FIFA (CONMEBOL, 2017j). A federação internacional reconhece que a baixa participação de mulheres em cargos de comissão técnica é um fator limitante para o desenvolvimento da modalidade. Com homens dominando as posições de liderança, meninas não identificam o esporte como uma possível carreira profissional e meninos não reconhecem a possibilidade de mulheres participarem desse ambiente (WHISENANT et al., 2005). Mulheres que atuam como modelos no esporte tem um papel importante ao influenciar meninas nas suas escolhas profissionais dado que crianças que praticam esporte podem se identificar com as treinadoras e gestoras e ganhar confiança em relação as suas habilidades como futuras líderes no esporte (MASSENGALE; LOUGH, 2010). Portanto, a inclusão e a visibilidade de atletas, profissionais da comissão técnica e gestoras é fundamental para promover mudanças no cenário esportivo (WOODWARD, 2017).

Entretanto, estudos recentes mostram que as mulheres enfrentam desconfiança, condutas inadequadas e comentários depreciativos em cursos de formação liderados e ocupados majoritariamente por homens (LEWIS; ROBERTS; ANDREWS, 2018; SCHLESINGER; WEIGELT-SCHLESINGER, 2012). Para promover uma maior participação e melhor qualificação das treinadoras, Lewis, Roberts e Andrews (2018) recomendam que as formações sejam ministradas por mulheres e que o ambiente seja confortável e acolhedor às participantes. Esses desconfortos podem explicar as ações da CONMEBOL em promover cursos de formação específicos para as treinadoras.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Os achados desse estudo permitiram aprofundar as discussões sobre o papel das organizações esportiva no desenvolvimento do futebol de mulheres e sobre as ações práticas que fomentam e viabilizam a participação de meninas e mulheres no esporte e que desafiam a hegemonia dos homens na modalidade. Entretanto, é necessário reconhecer as limitações do trabalho. Primeiro, as análises foram baseadas apenas em notícias disponíveis no site da CONMEBOL, é possível que existam outras notícias e

documentos que apresentem ações da confederação, mas que não foram encontrados pelo método desse estudo. Essa limitação gera a dúvida se a ausência de ações de fato reflete um distanciamento da CONMEBOL do futebol de mulheres ou se é apenas uma consequência da coleta de dados. Segundo, as notícias permitiram identificar as ações desenvolvidas pela CONMEBOL, mas não possibilitaram caracterizá-las com profundidade e conhecer a percepção de meninas e mulheres que participaram dessas estratégias. Essa análise pode ser realizada por estudos futuros que utilizem entrevistas e outras fontes de pesquisa para complementar a caracterização inicial aqui realizada.

CONCLUSÕES

O objetivo desse estudo foi analisar as estratégias propostas pela CONMEBOL para desenvolver o futebol de mulheres no continente sul-americano. A partir dessa pergunta, buscamos localizar historicamente, politicamente e economicamente as ações propostas pela organização, compreender quais pilares sustentam essa estrutura e como elementos internos e externos à organização influenciam as estratégias propostas.

Os esforços da CONMEBOL, unidos às ações da FIFA e às transformações culturais que vem acontecendo nos últimos anos, parecem ter promovido mudanças iniciais no continente sul-americano. O novo relatório publicado pela FIFA em 2019 mostrou que o número de treinadoras em países sul-americanos aumentou de 119 para 359 em um período de quatro anos. No mesmo período, a CONMEBOL apresentou um aumento de 370 para 405 árbitras. Por fim, as jogadoras sul-americanas registradas aumentaram de 25.000 para 90.000. Apesar dos números revelarem um aumento na inclusão e participação de mulheres no esporte, eles devem ser analisados com cautela pois, como sugere Jacobs (2014), existem possíveis inconsistências nos dados disponibilizados pela FIFA. Além disso, estudiosas sobre gênero e esporte alertam que o foco exclusivo no aumento quantitativo de meninas e mulheres no esporte não garante mudanças nos discursos e nas estruturas prevalentes no esporte e na sociedade (AITCHISON, 2005; SHAW; FRISBY, 2006).

Além do aumento na participação, o desenvolvimento do esporte também é dependente da melhora do desempenho esportivo e, ao analisar o desempenho das seleções sul-americanas nas Copas do Mundo, o cenário não parece tão promissor. A análise de todas as edições do mundial mostra uma concentração de títulos entre países

norte-americanos, europeus e asiáticos (BARREIRA; SILVA, 2016). O desempenho sul-americano ainda é tímido comparado aos outros continentes visto que na última edição do campeonato, nenhuma seleção sul-americana se classificou para as quartas de final. Um cenário alarmante também é encontrado ao analisar a posição dos países sul-americanos no FIFA Coca-Cola World Ranking 2020. Entre os vinte primeiros colocados, encontramos apenas a seleção brasileira como representante do continente sul-americano, revelando a supremacia de países dos demais continentes.

Ao analisarmos os recursos oferecidos pela CONMEBOL para as praticantes no continente, encontramos que as competições correspondem ao principal recurso e que recentemente os cursos de formação tem recebido uma atenção crescente da organização. Apesar dessas ações serem frequentes e se consolidarem como estratégias de desenvolvimento no continente, a análise estritamente quantitativa pode não revelar as dificuldades ainda enfrentadas pelas praticantes, treinadoras e gestoras nas competições. A análise das notícias não permitiu conhecer com profundidade a qualidade dessas competições, a estrutura do campeonato, as instalações físicas disponíveis para as partidas e o calendário competitivo. Estudos futuros poderiam se aprofundar nesses aspectos e explorar a qualidade das competições a partir do olhar das próprias jogadoras e das comissões técnicas. Essa análise também poderia ser extrapolada para os cursos de qualificação de treinadoras e árbitras promovidos pela CONMEBOL.

Os achados desse estudo mostraram que ao investigar as estratégias de desenvolvimento do futebol de mulheres é importante conhecer os(as) agentes que atuam no sistema esportivo, as relações de poder existentes entre eles(as), e os interesses políticos e econômicos na promoção da modalidade. Notamos que a FIFA tem particular importância nesse processo e que, ao investigar os programas e as políticas esportivas, é importante localizar essas ações em relação aos posicionamentos da FIFA sobre o futebol praticado por mulheres. Estudos futuros podem completar o panorama inicial aqui traçado ao investigar as ações e relações existentes entre as demais organizações esportivas que compõe esse complexo sistema esportivo do futebol.

Por fim, é importante reconhecer a dificuldade de se propor estratégias de desenvolvimento no continente sul-americano dada sua diversidade cultural. Reforçamos que diferentes estratégias podem ser propostas respeitando as particularidades culturais, sociais e econômicas de cada país (HOULIHAN, 2013). Apresentamos ao longo do texto a importância dos espaços físicos, da qualificação dos profissionais que atuam com a modalidade e das competições esportivas para promover o desenvolvimento do esporte.

Esses recursos são fundamentais para possibilitar a entrada, a manutenção e a formação de meninas e mulheres no esporte. É necessário conhecer as necessidades de cada contexto para que as estratégias atendam às demandas específicas e forneçam os recursos necessários para cada etapa de formação. Uma avaliação profunda do cenário do futebol de mulheres na América do Sul permitiria conhecer os principais gargalos da modalidade e estabelecer estratégias condizentes com as necessidades atuais. Esse mesmo conhecimento inicial seria importante para analisar criticamente a eficácia das estratégias propostas e readequar as ações de acordo com os resultados obtidos.

REFERÊNCIAS

AITCHISON, Cara Carmichael. Feminist and gender research in sport and leisure management: Understanding the social-cultural nexus of gender-power relations. **Journal of Sport Management**, v. 19, n. 4, p. 422-441, 2005

AKINDUTIRE, Issac Olu. The historical development of soccer in nigeria: an appraisal of its emerging prospects. **Sport History Review**, v. 22, n. 1, p. 20–31, 1991.

BARREIRA, Júlia; SILVA, Carlos Eduardo. National teams in Women's Soccer World Cup from 1991 to 2015: participation, performance and competitiveness. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 16, p. 794-799, 2016.

BAXTER, Pamela; JACK, Susan. The Qualitative Report Qualitative Case Study Methodology: Study Design and Implementation for Novice Researchers. **The Qualitative Report**, v. 13, n. 4, p. 544–559, 2008.

BECK, Peter. Going to war, peaceful co-existence or virtual membership? British football and FIFA, 1928–46. **International Journal of Phytoremediation**, v. 21, n. 1, p. 113–134, 2000.

BLOYCE, Daniel et al. 'Playing the Game (Plan)': A Figurational Analysis of Organizational Change in Sports Development in England. **European Sport Management Quarterly**, v. 8, n. 4, p. 359-378, 2008.

BOOTH, Douglas. Ambiguities in Pleasure and Discipline: The Development of Competitive Surfing. **Journal of Sport History**, v. 22, n. 3, p. 189–206, 1995.

BOWEN, Glenn A. Document Analysis as a Qualitative Research Method. **Qualitative**

Research Journal, v. 9, n. 2, p. 27–40, 2009.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BROUWERS, Jessie. **The Role of Elite Sport Policies, Pathways and Inter-Organisational Relationships in Developing Elite Tennis Players**. 2016. Griffith Business School, 2016.

CHAPPELET, Jean-Loup e KÜBLER-MABBOTT, Brenda. **The International Olympic Committee and the Olympic system: the governance of world sport**. London; New York: Routledge, 2008.

CONMEBOL. **Libertadores Femenina: El Grupo A debutó con empates en ambos partidos**. 2015a. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/29102015-2235/libertadores-femenina-el-grupo-debuto-con-empates-en-ambos-partidos>>.

CONMEBOL. **¡La Fase Final del Sudamericano Sub-20 con duelos estelares!**. 2015b. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/28112015-1035/la-fase-final-del-sudamericano-sub-20-con-duelos-estelares>>.

CONMEBOL. **La Copa Libertadores Femenina se desarrollará del 6 al 20 de diciembre en Uruguay**. 2016a. Disponible em: <<https://www.conmebol.com/es/la-copa-libertadores-femenina-se-desarrollara-del-6-al-20-de-diciembre-en-uruguay>>.

CONMEBOL. **Workshop de Fútbol Femenino en la sede de la CONMEBOL**. 2016b. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/workshop-de-futbol-femenino-en-la-sede-de-la-conmebol>>.

CONMEBOL. **Tatjana Haenni: “El Presidente Domínguez confirmó el interés de la CONMEBOL en desarrollar el fútbol femenino”**. 2016c. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/tatjana-haenni-el-presidente-dominguez-confirmando-el-interes-de-la-conmebol-en-desarrollar-el-futbol>>.

CONMEBOL. **Lorena Soto: "La CONMEBOL tiene la firme misión de desarrollar el fútbol femenino"**. 2016d. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/lorena-soto-la-conmebol-tiene-la-firme-mision-de-desarrollar-el-futbol-femenino>>.

CONMEBOL. **El fútbol femenino de parabienes**. 2016e. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/el-futbol-femenino-de-parabienes>>.

CONMEBOL. **Lorena Soto: “El fútbol femenino seguirá creciendo”**. 2016f. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/lorena-soto-el-futbol-femenino-seguira-creciendo>>.

CONMEBOL. **La FEF organiza Liga de Desarrollo Sub-14 para las niñas**. 2017a. Disponible em: <<https://www.conmebol.com/es/la-fef-organiza-liga-de-desarrollo-sub-14-para-las-ninas>>.

CONMEBOL. **FPF presentó Liga de Desarrollo de Fútbol Femenino**. 2017b. Disponible em: <<https://www.conmebol.com/es/fpf-presento-liga-de-desarrollo-de-futbol-femenino>>.

CONMEBOL. **En Paraguay culminó la Liga de Desarrollo de Fútbol Femenino**. 2017c. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/en-paraguay-culmino-la-liga-de-desarrollo-de-futbol-femenino>>.

CONMEBOL. **Liga de Desarrollo Femenina: La Perla y El Agustino campeonas en Sub 14 y Sub 16 en Perú**. 2017d. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/liga-de-desarrollo-femenina-la-perla-y-el-agustino-campeonas-en-sub-14-y-sub-16-en-peru>>.

CONMEBOL. **APF continúa desarrollando el fútbol femenino mediante programa Live Your Goals**. 2017e. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/apf-continua-desarrollando-el-futbol-femenino-mediante-programa-live-your-goals>>.

CONMEBOL. **Entrenadoras venezolanas participan en curso del Programa Evolución**. 2017f. Disponible em: <<https://www.conmebol.com/es/entrenadoras-venezolanas-participan-en-curso-del-programa-evolucion>>.

CONMEBOL. **Seminario CONMEBOL de capacitación y desarrollo del fútbol femenino en la FEF**. 2017g. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/seminario-conmebol-de-capacitacion-y-desarrollo-del-futbol-femenino-en-la-fef>>.

CONMEBOL. **Clausura del curso CONMEBOL- APF para técnicos de Fútbol Femenino**. 2017h. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/clausura-del-curso-conmebol-apf-para-tecnicos-de-futbol-femenino>>.

CONMEBOL. **FPF: Continúa curso CONMEBOL de entrenadores de fútbol femenino**. 2017i. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/fpf-continua-curso-conmebol-de-entrenadores-de-futbol-femenino>>.

CONMEBOL. **Igualdad e integración: de las palabras a los hechos**. 2017j. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/igualdad-e-integracion-de-las-palabras-los-hechos>>.

CONMEBOL. **Evolución es CONMEBOL: Cursos en Tarija y Buenos Aires**. 2018. Disponible em: <<http://www.conmebol.com/es/evolucion-es-conmebol-cursos-en-tarija-y-buenos-aires>>.

CRESWELL, John W e PLANO CLARK, Vicki L. **Designing and conducting mixed methods research**. 2nd. ed. Los Angeles: SAGE Publications, 2011.

EISENBERG, Christiane. FIFA 1975-2000: the Business of a Football Development Organisation. **Historical Social Research**, p. 55-68, 2006.

EISENBERG, Christiane. From Political Ignorance to Global Responsibility: The Role of the World Soccer Association (FIFA) in International Sport during the Twentieth Century. **Journal of Sport History**, v. 32, n. 3, p. 379–393, 2005.

FIFA. **Women's Football Survey**. 2014. Zurich, Switzerland.

FIFA. **Women's Football – Background Information**. 2015. Zurich, Switzerland.

FREEMAN, R Edward. **Strategic Management: A Stakeholder Approach**. Cambridge University Press, 2010.

GOLDBLATT, David. **The game of our lives: the meaning and making of English football**. Penguin UK, 2015.

GREEN, B. Christine. Building Sport Programs to Optimize Athlete Recruitment, Retention, and Transition: Toward a Normative Theory of Sport Development. **Journal of Sport Management**, v. 19, n. 3, p. 233–253, 2005.

HOULIHAN, Barrie. Mechanisms of international influence on domestic elite sport policy. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 1, n. 1, p. 51–69, 2009.

HOULIHAN, Barrie. **Commercial, political, social and cultural factors impacting on the management of high performance sport**. SOTIRIADOU, Popi.; BOSSCHER, Veerle. (Org.). *Managing high performance sport*. Routledge, 2013. p. 320.

HUMS, Mary; MACLEAN, Joanne. **Governance and policy in sport organizations**. Scottsdale: Holcomb Hathaway Publishers, 2008.

JACOBS, Josephine C. Programme-level determinants of women's international football performance. **European Sport Management Quarterly**, v. 14, n. 5, p. 521–537, 20 Out

2014.

LEVERMORE, Roger; BEACOM, Aaron. **Sport and Development: Mapping the Field**. LEVERMORE, Roger; BEACOM, Aaron (Org.). Sport and International Development. Palgrave Macmillan, London, 2009. p. 1–25.

LINDSAY, Peter. The impact of the military garrisons on the development of sport in British North America. **Sport History Review**, v. 1, n. 1, p. 33–44, 1970.

MADELLA, Alberto; BAYLE, Emmanuel; TOME, J. The organisational performance of national swimming federations in Mediterranean countries: A comparative approach. **European Journal of Sport Science**, v. 5, n. 4, p. 207–220, 2005.

MASSENGALE, Dana; LOUGH, Nancy. Women Leaders in Sport. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 81, n. 4, p. 6–8, 2010.

O’GORMAN, Jimmy. Where is the implementation in sport policy and programme analysis? The English football association’s charter standard as an illustration. **International Journal of Sport Policy**, v. 3, n. 1, p. 85–108, Mar 2011.

PFISTER, Gertrud. Women in sport – gender relations and future perspectives. **Sport in Society**, v. 13, n. 2, p. 234–248, 2010.

PITTER, Robert. The State and Sport Development in Alberta: A Struggle for Public Status. **Sociology of Sport Journal**, v. 13, n. 1, p. 31-50, 1996.

ROBINSON, Leigh; MINIKIN, Brian. Developing strategic capacity in Olympic sport organisations. **Sport, Business and Management: An International Journal**, v. 1, n. 3, p. 219–233, 2011.

RUSSEL, C et al. **Qualitative research**. DICENSO, G.; GUYATT, G.; CILISKA, D. (Org.). Evidence-based nursing: A guide to clinical practice. Elsevier Mosby ed. St Louis, 2005. p. 120–135.

SCHOFIELD, Jill. A model of learned implementation. **Public Administration**, v. 82, n. 2, p. 283–308, 2004.

SHAW, Sally; FRISBY, Wendy. Can gender equity be more equitable? Promoting an alternative frame for sport management research, education, and practice. **Journal of Sport Management**, v. 20, n. 4, p. 483–509, 2006.

SHILBURY, David; SOTIRIADOU, Kalliopi; GREEN, Christine. Sport Development.

Systems, Policies and Pathways: An Introduction to the Special Issue. **Sport Management Review**, v. 11, n. 3, p. 217–223, 2008.

SILVA, Giovana Capucim. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SOTIRIADOU, Kalliopi. The Australian sport system and its stakeholders: development of cooperative relationships. **Sport in Society**, v. 12, n. 7, p. 842–860, 2009.

SOTIRIADOU, Kalliopi; SHILBURY, David; QUICK, Shayne. The Attraction, Retention/Transition, and Nurturing Process of Sport Development: Some Australian Evidence. **Journal of Sport Management**, v. 22, n. 3, p. 247–272, 2008.

STONE, Duncan. Cricket's regional identities: the development of cricket and identity in Yorkshire and Surrey. **Sport in Society**, v. 11, n. 5, p. 501-516, 2008.

SUGDEN, John; TOMLINSON, Alan. Global power struggles in world football: FIFA and UEFA, 1954–74, and their legacy. **International Journal of Phyto remediation**, v. 21, n. 1, p. 1–25, 1997.

SUGDEN, John; TOMLINSON, Alan. Power and resistance in the governance of world football: Theorizing FIFA's transnational impact. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 22, n. 3, p. 299–316, 1998.

SUGIYAMA, Masahiro; KHOO, Selina; HESS, Rob. Grassroots Football Development in Japan Grassroots Football Development in Japan. **The International Journal of the History of Sport**, v. 3367, p. 1–18, 2017.

TAKS, Marijke et al. Evaluating sport development outcomes: the case of a medium-sized international sport event. **European Sport Management Quarterly**, v. 14, n. 3, p. 213–237, 2014.

WEINBERG, Ben. The future is Asia'? the role of the Asian football confederation in the governance and development of football in Asia. **International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 4, p. 535–552, 2012.

WHISENANT, Warren; MILLER, John; PEDERSEN, Paul M. Systemic barriers in athletic administration: An analysis of job descriptions for interscholastic athletic directors. **Sex Roles**, v. 53, n. 11-12, p. 911-918, 2005.

WILLIAMS, Jean; HESS, Rob. Women, Football and History: International Perspectives. **The International Journal of the History of Sport**, v. 32, n. 18, p. 2115–2122, 2015.

WINAND, Mathieu et al. Combinations of key determinants of performance in sport governing bodies. **Sport, Business and Management: An International Journal**, v. 1, n. 3, p. 234–251, 2011.

WOODWARD, Kath. Women's time? Time and temporality in women's football. **Sport in Society**, v. 20, n. 5–6, p. 689–700, 2017.

YIN, Robert K. **Case study research: design and methods**. Sage Publications, 2005.

PRINCIPAIS ACHADOS

Ao longo desse trabalho investigamos o processo de desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres utilizando diferentes percursos metodológicos. A partir da revisão de literatura realizada no Capítulo 1, apresentamos o conceito de desenvolvimento do esporte e os elementos que o compõem. No Capítulo 2 realizamos entrevistas com agentes que atuam com o futebol de mulheres em diferentes países do mundo e identificamos os elementos chaves necessários para o desenvolvimento do esporte. No Capítulo 3 utilizamos o referencial teórico apresentado acima para analisar as ações da CONMEBOL para desenvolver o futebol de mulheres no continente sul-americano. Os principais achados dessa tese são apresentados abaixo.

CAPÍTULO 1 - DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

- O desenvolvimento do esporte pode ser compreendido como um processo de aumento da participação e do desempenho esportivo imerso em contextos sociais, políticos e econômicos específicos
- O processo de desenvolvimento é dependente dos agentes, das estratégias e dos recursos fornecidos para atrair, manter e formar participantes no esporte
- O processo de desenvolvimento tem início com a ação de agentes esportivos que podem ser governos, federações, clubes, ONG, escolas e entre outros. Cada agente pode ter maior ou menor protagonismo de acordo com o contexto em que está inserido
- Diferentes estratégias podem ser utilizadas para promover o desenvolvimento do esporte como políticas, programas e eventos esportivos
- Ao propor estratégias de desenvolvimento é necessário fornecer recursos para atrair e manter os(as) praticantes no esporte, como espaços físicos, treinadores(as) com qualificação e competições esportivas
- O processo de desenvolvimento do esporte deve englobar praticantes de diferentes idades, etnias, raças, gêneros e classes sociais que buscam o esporte por lazer ou rendimento

CAPÍTULO 2 - FUTEBOL DE MULHERES: UMA ANÁLISE INTERNACIONAL DOS FATORES DE DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE

- O aumento da participação e do desempenho de meninas e mulheres no futebol indica um esporte em desenvolvimento
- As barreiras de gênero ainda são apontadas como fatores que dificultam o desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres
- As ações de desenvolvimento são recentes e promovidas a partir da aproximação das organizações esportivas
- Os Estados Unidos parecem estar à frente nesse processo de desenvolvimento ao estabelecer um sistema capaz de encorajar e apoiar um grande número de participantes e também de produzir resultados esportivos
- A participação das organizações esportivas, processos de formação de treinadores(as) e as competições esportivas são elementos presentes no sistema esportivo norte-americano que os diferenciam dos demais países investigados nesse estudo
- A baixa presença de público nos estádios e de mulheres em cargos de liderança são desafios enfrentados por todos os países analisados nesse estudo

CAPÍTULO 3 - CONMEBOL E FUTEBOL DE MULHERES: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO (IN)EXISTENTES NA AMÉRICA DO SUL

- Historicamente as organizações esportivas se mantiveram distantes do futebol de mulheres
- O crescimento do futebol de mulheres na América do Sul se deu principalmente pela luta e resistência das praticantes
- As ações da CONMEBOL para desenvolver o futebol de mulheres no continente sul-americanos são recentes, propostas a partir da década de 90, e, na maioria dos casos, para suprir as exigências da FIFA
- As competições correspondem ao principal recurso oferecido pela CONMEBOL para as praticantes de futebol

- O Programa Evolución aparece como a estratégia de desenvolvimento mais recente e voltada para a qualificação das profissionais que atuam no futebol de mulheres

CONCLUSÕES

A revisão integrativa de literatura apresentada no Capítulo 1 permitiu caracterizar o processo de desenvolvimento do esporte e identificar os elementos que o compõe. Os estudos mostraram que o desenvolvimento do esporte está imerso em fatores sociais, culturais, políticos e econômicos específicos que influenciam a ação dos agentes esportivos nas propostas e implementações de estratégias de desenvolvimento. Os aspectos sociais e culturais têm particular importância ao investigar o desenvolvimento do futebol de mulheres ao atuarem como barreiras para a entrada, manutenção e formação das praticantes no esporte. Os corpos, os movimentos esportivos e o desempenho são construções históricas que em diferentes tempos e culturas foram associadas aos homens e/ou as mulheres. Nesse sentido, o futebol se consolidou como uma modalidade organizada por homens e para homens cuja prática era vinculada aos atributos de força, velocidade e, conseqüentemente, reforçava a masculinidade dos praticantes. A presença indesejada das mulheres na modalidade não só desafiava as construções de gênero no esporte, como também na sociedade.

Os fatores sociais e culturais também influenciaram negativamente a ação dos agentes esportivos que por muito tempo se mantiveram distantes das praticantes. Entre esses agentes podemos citar a *Federación Internacional de Fútbol Asociación* (FIFA), organização responsável por promover o esporte mundialmente, que não só se ausentou como também desaconselhou que associações continentais e nacionais promovessem a prática para meninas e mulheres. O poder político e econômico da FIFA, unido às construções de gênero, levou a uma ausência das organizações esportivas na proposta de estratégias de desenvolvimento do futebol de mulheres e no oferecimento de recursos para atrair, reter e formar as praticantes. Essas organizações, também conhecidas como agentes de desenvolvimento, se mantiveram distantes do futebol de mulheres ao longo do século XX, sendo o aumento da participação e a melhora do desempenho esportivo promovidos pela luta e resistência das próprias jogadoras.

Esse cenário apresenta mudanças a partir dos movimentos feministas na segunda metade do século XX e do potencial econômico apresentado pela prática esportiva. Ao reconhecer esse novo contexto cultural e financeiro, a FIFA passa a organizar as primeiras competições para mulheres em 1990. A década se torna um marco no desenvolvimento do esporte com a participação das associações nacionais na organização de seleções de mulheres e no processo de formação das praticantes. Nesse sentido, as competições

esportivas correspondem ao primeiro recurso oferecido por organizações esportivas no processo de desenvolvimento do futebol de mulheres.

Um segundo momento de mudança se dá nos anos 2000 quando a FIFA reconhece o futebol de mulheres como um dos pilares do seu crescimento e propõe um programa de desenvolvimento para disseminar a prática do futebol para meninas e mulheres de diferentes nacionalidades. Novamente o poder político e econômico da federação internacional é utilizado para pressionar as confederações continentais e associações nacionais para proporem ações que viabilizem e fomentem a participação de meninas e mulheres no do futebol. No Capítulo 2 entrevistamos agentes que atuam com o futebol de mulheres em diferentes países do mundo e que relataram um recente processo de desenvolvimento do futebol de mulheres nos seus países. Os(as) participantes indicaram que as principais mudanças ocorridas nos últimos anos dizem respeito a maior participação das organizações esportivas e o maior oferecimento de competições esportivas. Essas ações podem ser interpretadas como consequências dos atuais posicionamentos da FIFA.

As ações citadas acima unidas aos movimentos feministas possibilitaram o aumento de 38% das praticantes ao redor do mundo e a melhora de desempenho das equipes nacionais, indicando o processo de desenvolvimento do esporte. Entretanto, a análise do desenvolvimento baseada somente nos indicadores quantitativos pode mascarar os desafios ainda enfrentados por meninas e mulheres na modalidade. A partir das entrevistas, notamos que a baixa presença de público nos estádios, a ausência de mulheres em cargos de liderança e a apropriação cultural do jogo são problemas ainda enfrentados por diferentes países. Esses elementos são utilizados para justificar o porquê agentes esportivos não reconhecem seus países como desenvolvidos no futebol de mulheres. Nesse sentido, mesmo com o aumento da participação e do desempenho esportivo, não podemos falar em um futebol de mulheres desenvolvido, mas sim em desenvolvimento.

Nesse processo de desenvolvimento os Estados Unidos (EUA) são reconhecidos com uma potência no futebol de mulheres. A partir das entrevistas, identificamos elementos do desenvolvimento do esporte que permitem discriminar o futebol de mulheres norte-americano dos demais países investigados. Entre eles, podemos citar a maior participação das organizações esportivas, a promoção de competições e o oferecimento de cursos de formação para treinadores. Esses resultados revelam a importância das organizações esportivas como agentes de desenvolvimento no

fornecimento de recursos, competições e treinadores(as) qualificados(as), necessários para atrair, manter e formar as participantes no esporte.

No Capítulo 3 utilizamos a base teórica apresentada acima para analisar as ações da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) para o desenvolvimento do futebol de mulheres no continente sul-americano. A partir das notícias disponíveis no site oficial da organização buscamos identificar agentes, estratégias e recursos fornecidos às praticantes no continente. As ações da CONMEBOL são recentes e propostas a partir da década de 90, e, na maioria dos casos, para suprir as exigências da FIFA. Ao mesmo tempo que as notícias mostram uma preocupação dos dirigentes da CONMEBOL com o futebol de mulheres, também revelam a ausência de um programa de desenvolvimento com metas claras e objetivas. Entre os recursos fornecidos pela organização, identificamos que as competições esportivas correspondem ao primeiro e principal recurso oferecido pela CONMEBOL para as praticantes no continente.

As implicações práticas desses achados são diversas à medida que podem auxiliar tanto na proposta de estratégias de desenvolvimento para o futebol de mulheres quanto na avaliação dos seus resultados. Reforçamos a importância das organizações esportivas como principais agentes responsáveis por propor e iniciar as estratégias de desenvolvimento e das competições esportivas e profissionais de comissão técnica qualificados(as) como recursos fundamentais para atrair e manter as praticantes no esporte. É importante que as ações propostas também desafiem os papéis de gênero na sociedade e no esporte que ainda dificultam o acesso de meninas e mulheres ao futebol.

Reforçamos que os elementos aqui identificados como necessários para o desenvolvimento podem ter maior ou menor urgência de acordo com cada contexto cultural, social, político e econômico e que diferentes agentes e estratégias podem participar desse processo. O referencial teórico desenvolvido ao longo desse trabalho pode ser utilizado como uma ferramenta para a avaliação do sistema esportivo do futebol de mulheres, identificação dos elementos a serem priorizados em cada contexto e estabelecimento de estratégias de desenvolvimento.

Essa tese forneceu um rico panorama do desenvolvimento do futebol praticado por mulheres. Esperamos que essas contribuições impulsionem novos estudos na área da gestão do esporte e mulheres, e que ao mesmo tempo auxiliem gestores(as) e agentes esportivos nas tomadas de decisões e na proposta de ações mais eficazes para o desenvolvimento da modalidade. Por fim, esperamos que essas ações catalisem a

apropriação cultural do jogo e a transformação sobre o papel da mulher no esporte e na sociedade.

TRABALHOS REALIZADOS DURANTE O DOUTORADO RELACIONADOS À TESE

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Treinadora da equipe de futebol da categoria Sub 13 Feminina do Clube Bonfim Recreativo Social (Jan/2017 a Dez/2017).

Desenvolvimento do projeto “Mapeamento do Futebol de Mulheres no Estado de São Paulo” em parceria com o Departamento de Futebol Feminino da Federação Paulista de Futebol (Fev/2017 a Mar/2019)

MATERIAL DIDÁTICO PRODUZIDO

Escrita do livro “Metodologia do Ensino do Futebol e Futsal” para a Kroton Educacional (Ago/2017 a Dez/2017).

Escrita do material didático “Gestão do Futebol Feminino” para a plataforma de educação Futebol Interativo (Jul/2019 a Set/2019).

Escrita do capítulo “Desenvolvendo o Futebol Feminino” em parceria com Ana Lorena Marche e Aline Pellegrino para o Manual de Futebol Feminino organizado pela CONMEBOL (Jul/2019 a Dez/2019).

CONVITES PARA MESAS REDONDAS

BARREIRA, Júlia; GAMBARÉ, Cristiane; SIMÕES, René. Planos de desenvolvimento do futebol feminino. Summit Rio/SP de Futebol Feminino. Federação Paulista de Futebol e Federação de Futebol do Rio de Janeiro, 2020.

BARREIRA, Júlia; PELLEGRINO, Aline. Gestão do Futebol. Ludopédio em Casa. 2020

BARREIRA, Júlia; GOELLNER, Silvana. O futebol de mulheres no Brasil e em outros países. Simpósio “O Futebol de Mulheres no Brasil: Perspectivas e Desafios para as Políticas Públicas”. Vitória/ES, Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

PUBLICAÇÕES EM EVENTOS CIENTÍFICOS

BARREIRA, JÚLIA; VILELLA; VICTOR; GALATTI, LARISSA RAFAELA. Fatores determinantes para a presença de público nas Copas do Mundo de Futebol Feminino de 1991 a 2019. 11º Congresso Brasileiro de Gestão do Esporte, Juiz de Fora/MG. 2021

BARREIRA, JÚLIA; GALATTI, LARISSA RAFAELA. Desenvolvimento do esporte: uma revisão integrativa da literatura. IV Seminário Internacional de Gestão e Políticas para o Esporte, Curitiba/PR, 2019.

BARREIRA, JÚLIA; MAZZEI, LEANDRO CARLOS; GALATTI, LARISSA RAFAELA. Programas de desenvolvimento e políticas esportivas: o papel das Federações Continentais de Futebol no desenvolvimento do futebol feminino. III Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, São Paulo/SP, 2018.

BARREIRA, JÚLIA; MAZZEI, LEANDRO CARLOS; GALATTI, LARISSA RAFAELA. Sport Policy and Women's Football: Analysis of the Development Programs of Continental Football Federations. European Sport Management Conference, Malmo/Suécia, 2018.

CARVALHO, GABRIELA; GALATTI, LARISSA RAFAELA; BARREIRA, JÚLIA. Frequência de participação das atletas em Copas do Mundo de futebol feminino. 2º Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte, Campinas/SP, 2018.

BARREIRA, JÚLIA; MAZZEI, LEANDRO CARLOS; GALATTI, LARISSA RAFAELA. Desenvolvimento de políticas esportivas: uma análise do programa FIFA de futebol feminino. 2º Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte, Campinas/SP, 2018.

ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS

PASSERO, JULIA GRAVENA; BARREIRA, JÚLIA; TAMASHIRO, LUCAS; SCAGLIA, ALCIDES; GALATTI, LARISSA RAFAELA. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e de arbitragem. Movimento, v. 26, p. e26060, 2020.

BARREIRA, JÚLIA; CARVALHO, GABRIELA; GALATTI, LARISSA RAFAELA. Player turnover and team performance in FIFA Women's World Cup. Motriz, v.25, n.3, 2019.

BARREIRA, JÚLIA; GONÇALVES, MARIA CAMILA RODRIGUES; MEDEIROS, DANIELE CRISTINA CARQUEIJEIRO; GALATTI, LARISSA RAFAELA. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. Revista Movimento, v. 24, p. 607-612, 2018.

CAPÍTULO DE LIVRO PUBLICADO

BARREIRA, JÚLIA; MAZZEI, LEANDRO CARLOS; CASTROL, FLAVIO; GALATTI, LARISSA RAFAELA. CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in)existentes na América do Sul. In: Mariana Zuaneti Martins; Ileana Wenet. (Org.). Futebol de mulheres no Brasil - Desafio para as políticas públicas. 1ed. Curitiba: Editora CRV, 2020, v. 1, p. 29-44.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO CO-ORIENTADOS

Letícia Petruce Montoya. Análise da taxa de rotatividade das atletas ao longo das Copas do Mundo de Futebol Feminino. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciência do Esporte) - Universidade Estadual de Campinas, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Larissa Rafaela Galatti. Co-orientadora: Júlia Barreira.

Vitor da Silva Vilella. Fatores determinantes para a frequência de público da Copa do Mundo de Futebol Feminino (1991-2019). 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciência do Esporte) - Universidade Estadual de Campinas. Orientadora: Larissa Rafaela Galatti. Co-orientadora: Júlia Barreira.

Rodrigo Lemes Soares. Competências dos gestores nacionais do futebol de mulheres. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciência do Esporte) - Universidade Estadual de Campinas. Orientadora: Larissa Rafaela Galatti. Co-orientadora: Júlia Barreira.

Flavio Denardi de Castro. CONMEBOL e futebol feminino: uma análise das ações para fomentar a modalidade na América do Sul. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciência do Esporte) - Universidade Estadual de Campinas. Orientadora: Larissa Rafaela Galatti. Co-orientadora: Júlia Barreira.

Gabriela Carvalho de Sousa. Rotatividade das atletas e desempenho das seleções nacionais nas copas do mundo de futebol feminino. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciência do Esporte) - Universidade Estadual de Campinas. Orientadora: Larissa Rafaela Galatti. Co-orientadora: Júlia Barreira.

Julia Gravena Passero. (Des)igualdade de gênero: uma análise dos cargos de comissões técnicas e de arbitragem no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (2013-2017). 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciência do Esporte) - Universidade Estadual de Campinas. Orientadora: Larissa Rafaela Galatti. Co-orientadora: Júlia Barreira.

Maria Camila Rodrigues Gonçalves. Produção acadêmica em futebol feminino: estado da arte dos artigos científicos. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciência do Esporte) - Universidade Estadual de Campinas. Orientadora: Larissa Rafaela Galatti. Co-orientadora: Júlia Barreira.

INICIAÇÕES CIENTÍFICAS CO-ORIENTADAS

Letícia Petruce Montoya. Análise da taxa de rotatividade das atletas ao longo das copas do mundo de futebol feminino. 2020. Iniciação científica (Graduanda em Ciência do Esporte) - Universidade Estadual de Campinas, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Larissa Rafaela Galatti. Co-orientadora: Júlia Barreira.

Karen Letícia Guimarães. Análise ações da UEFA para o desenvolvimento do futebol de mulheres no continente europeu. 2020. Iniciação científica (Graduanda em Ciência do Esporte) - Universidade Estadual de Campinas, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Larissa Rafaela Galatti. Co-orientadora: Júlia Barreira.

Karen Letícia Guimarães. Processo de formação de mulheres atuam em comissões técnicas de Futebol. 2021. Iniciação científica (Graduanda em Ciência do Esporte) - Universidade Estadual de Campinas, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Larissa Rafaela Galatti. Co-orientadora: Júlia Barreira.

Rodrigo Lemes Soares. Competências dos gestores nacionais do futebol de mulheres. Início: 2020. Iniciação científica (Graduando em Ciência do Esporte) - Universidade

Estadual de Campinas, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
Orientadora: Larissa Rafaela Galatti. Co-orientadora: Júlia Barreira.

PREMIAÇÕES

2021 1º colocação no prêmio ABRAGESP Trabalhos de Conclusão de Curso, ABRAGESP, com o trabalho "(Des)igualdade de gênero: uma análise dos cargos de comissões técnicas e de arbitragem em Campeonatos Brasileiros de Futebol Feminino (2013-2019)" da aluna Julia Gravena Passero

2021 Indicação ao prêmio PIBIC 2019/2020 de iniciação científica com o trabalho "Análise ações da UEFA para o desenvolvimento do futebol de mulheres no continente europeu" da aluna Karen Letícia Guimarães.

2020 Menção Honrosa no Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP 2020, UNICAMP, com a iniciação científica "Análise ações da UEFA para o desenvolvimento do futebol de mulheres no continente europeu" da aluna Karen Letícia Guimarães.

2019 Prêmio de destaque no VII Congresso de Ciências do Desporto, Faculdade de Educação Física da UNICAMP com a apresentação da iniciação científica da aluna Letícia Petruce Montoya.

2018 Co-orientação do TCC Nota 10 "(Des)igualdade de gênero: uma análise dos cargos de comissões técnicas e de arbitragem em Campeonatos Brasileiros de Futebol Feminino (2013-2017)" de Julia Gravena Passero, Universidade Estadual de Campinas.

ATIVIDADES LEPE-UNICAMP

PED voluntária da disciplina "Esporte e Mulheres" ministrada pela professora Larissa Rafaela Galatti. Faculdade de Ciências Aplicadas/UNICAMP. 2021-atual.

Organização do evento "Fórum Permanente Mulheres e Esporte" realizado na Faculdade de Ciências Aplicadas de UNICAMP, 2018

Organização e participação no grupo de estudos Esporte e Mulheres na Faculdade de Ciências Aplicadas/UNICAMP, 2017-atual.

ANEXOS

Anexo 1. Artigos utilizados na revisão integrativa sobre desenvolvimento esportivo (Capítulo 1).

Revista	Ano	Autor	Título
European Physical Education Review	2000	Barrie Houlihan	Sporting excellence, schools and sports development: The politics of crowded policy spaces
European Physical Education Review	1995	John Nauright	From private to public: historical and social factors in the development of women's sport in Australia and New Zealand
European Sport Management Quarterly	2015	Danya Hodgetts Mitch J. Ducan	Quantitative analysis of sport development event legacy: an examination of the Australian Surf Life Saving Championships
European Sport Management Quarterly	2008	Daniel Bloyce Andy Smith	

		Rebecca Mead Jenna Morris	‘Playing the Game (Plan)’: A Figural Analysis of Organizational Change in Sports Development in England
European Sport Management Quarterly	2014	Marijke Taks Chirstine Green Laura Misener Laurence Chalip	Evaluating sport development outcomes: the case of a medium-sized international sport event
Int. J. Sport Management and Marketing	2018	Popi Sotiriadou Kevin Filo Thilo Kunkel	Challenges to sport development and sport participation from sport managers’ perspectives
Int. Review for the Sociology of Sport	2001	Cora Burnett	Social impact assessment and sport development
Int. Review for the Sociology of Sport	1998	Paul De Knop Paul Wylleman Marc Theeboom Kristine de Martelaer	Youth and organized sport in Flanders

Jo Van Hoecke

Int. Review for the Sociology of Sport	1994	Eric Dunning	Sport in space and time: “civilizing processes”, trajectories of state-formation and the development of modern sport
Int. Review for the Sociology of Sport	1974	Howard Nixon	The commercial and organizational development of modern sport
Int. Review for the Sociology of Sport	1985	E. O. Ojeme	Problems in the development of sports in Nigerian universities
Int. Review for the Sociology of Sport	2010	Raúl Sánchez García Dominic Malcolm	Decivilizing, civilizing or informalizing? The international development of Mixed Martial Arts
Int. Review for the Sociology of Sport	2010	Solveig Straume Kari Steen-Johnsen	On the terms of the recipient? Norwegian sports development aid to Tanzania in the 1980s
Int. Review for the Sociology of Sport	1997	Marc Theeboom Paul De Knop	An analysis of the development of wushu
Int. Review for the Sociology of Sport	1981	Waldemar Timm	The social structure and development of tennis in the federal republic of Germany

Int. Review for the Sociology of Sport	1983	Andrezej Wohl	Social aspects of the development of rural sport in Poland
Int. Review for the Sociology of Sport	1966	Andrezej Wohl	The phenomenon of soviet sport and its new developmental stage
Journal of Sport History	1975	Ellen Gerber	The controlled development of collegiate sport for women, 1923-1936
Journal of Sport History	1988	Jim Sumner	The state fair and the development of modern sports in late nineteenth century North Carolina
Journal of Sport History	1995	Douglas Booth	Ambiguities in pleasure and discipline: the development of competitive surfing
Journal of Sport History	2001	Joseph M. Turrini	"It was communism versus the free world": the USA-USSR dual track meet series and the development of track and field in the united states, 1958-1985
Journal of Sport Management	1997	Gary Boshoff	"Barefoot" sports administrators: laying the foundation for sports development in South Africa

Journal of Sport Management	1999	Cora Burnett Wim Hollander	Sport development and the United Kingdom-South Africa sports initiative: a preevaluation report
Journal of Sport Management	1996	Anneliese Goslin	Human resource management as a fundamental aspect of a sport development strategy in south African communities
Journal of Sport Management	2013	Stacy Warner Jacob Tingle Pamm Kellett	Officiating attrition: the experiences of former referees via a sport development lens
Sport History Review	1991	Issac Olu Akindutire	The historical development of soccer in Nigeria: an appraisal of its emerging prospects
Sport History Review	1970	Peter Lindsay	The impact of the military garrisons on the development of sport in British North America
Sociology of Sport Journal	1996	Robert Pitter	The state and sport development in Alberta: a struggle for public status

Sport in Society	2008	Duncan Stone	Cricket's regional identities: the development of cricket and identity in Yorkshire and Surrey
Sport in Society	2009	Ian Brittain Yeshayahu Hutzler	A social-historical perspective on the development of sports for persons with physical disability in Israel
Sport in Society	2009	Yair Galily	The contribution of the Maccabiah Games to the development of sport in the State of Israel
Sport in society	2009	Ehsan Mani	A strong sport growing stronger: a perspective on the growth, development and future of international cricket
Sport in Society	2011	James Connor Melissa McEwen	International development or white man's burden? The IAAF's Regional Development Centres and regional sporting assistance

Sport in Society	2014	Louise Mansfield	Towards an understanding of netball in Malawi, international sport development and identification: theoretical and methodological sensitizing issues
Sport in Society	2018	Rasmus Storm Arne Solberg	European club capitalism and FIFA redistribution models: an analysis of development patterns in globalized football
Sport in Society	2012	Barbara Bell	Levelling the playing field? Post-Euro 2005 development of women's football in the northwest of England
Sport Management Review	2008	David Shilbury Popi Sotiriadou Christine Green	Sport Development. Systems, Policies and Pathways: An Introduction to the Special Issue
Sport Management Review	2009	Alana Thomson Simon Darcy Sonya Pearce	Gamma theory and third-sector sport-development programmes for Aboriginal and Torres Strait Islander youth: Implications for sports management

Sport Management Review	2013	Sheranne Fairley Kevin Snyder Pamm Kellett Brad Hill	When professional athletes change sports: sport development, sanctity of contract, and restraint of trade in the NRL
Sport Management Review	2012	Katie Rowe David Shilbury Lesley Ferkins Erica Hinckson	Sport development and physical activity promotion: An integrated model to enhance collaboration and understanding
Sport Management Review	2013	Popi Sotiriadou	Sport development planning: The Sunny Golf Club
Sport Management Review	2013	Pamm Philips Brianna Newland	Emergent models of sport development and delivery: The case of triathlon in Australia and the US
Sport Management Review	2015	Katie Rowe David Shilbury Lesley Ferkins	Challenges for sport development: Women's entry level cycling participation

- | | | | |
|---|------|---|---|
| | | Erica Hinckson | |
| Sport Management Review | 2015 | Brennan K. Berg
Carol C. Irwin
Paul M. Wright
Richard L. Irwin
Michael Hutchinson | An unacceptable status quo: A sport development case study of swimming and drownings |
| Sport Management Review | 2008 | Mick Green
Shane Collins | Policy, politics and path dependency: sport development in Australia and Finland |
| Sport, Education and Society | 2015 | Chris Mackintosh
Natalie Darko
Zoe Rutherford
Hetty-May Wilins | A qualitative study of the impact of the London 2012 Olympics on families in the East Midlands of England: lessons for sports development policy and practice |
| The International Journal of the History of Sport | 1987 | Jeffrey Hill | 'First-class' cricket and the leagues: some notes on the development of English cricket, 1900–40 |

The International Journal of the History of Sport	1990	Kathleen E. McCrone	Emancipation or recreation? The development of women's sport at the university of London
The International Journal of the History of Sport	1994	John Nauright Jayne Broomhall	A woman's game: the development of netball and a female sporting culture in New Zealand, 1906–70
The International Journal of the History of Sport	2000	William Bacon Andy Pitchford	Sports development and the public sector: the case of association bowls
The International Journal of the History of Sport	2002	Paul Dimeo	Colonial bodies, colonial sport: 'martial' punjabis, 'effeminate' bengalis and the development of Indian football
The International Journal of the History of Sport	2003	Yair Galily	Playing hoops in Palestine: the early development of basketball in the land of Israel, 1935-56
The International Journal of the History of Sport	2010	Gwang Ok Seokgyu Choi Hee Surk Jeong	'The disturbance of war': the ancient origin and development of Korean archery

The International Journal of the History of Sport	2011	Huang Kuanrou Mao Xuexin	The historical development of Chinese group callisthenics
		Wu Win	
The International Journal of the History of Sport	2012	Joyce Kay	Grass roots: the development of tennis in Britain, 1918–1978
The International Journal of the History of Sport	2012	Lai Kuan Lim Peter Horton	Sport in the British colony of Singapore (1819– 1900s): formation, diffusion and development
The International Journal of the History of Sport	2013	Andreas Brugger	The influence of politics on the development of turnen, mountaineering and skiing in western Austria
The International Journal of the History of Sport	2014	Peng Han Lim Mohd Salleh Aman	The origins and development of athletics among the military, European and migrant communities in nineteenth-century Singapore, 1819–1899

The International Journal of the History of Sport	2015	Geogia Cervin	Gymnasts are not merely circus phenomena: influences on the development of women's artistic gymnastics during the 1970s
The International Journal of the History of Sport	2015	Jae-Pil Ha Karam Lee Gwang Ok	From development of sport to development through sport: a paradigm shift for sport development in South Korea
The International Journal of the History of Sport	2016	Graham Curry Eric Dunning	The power game: continued reflections on the early development of modern football
The International Journal of the History of Sport	2017	Masahiro Sugiyama Selina Khoo Rob Hess	Grassroots football development in Japan
The International Journal of the History of Sport	2017	Guangxin Tan	When will china win the world cup? a study of china's youth football development

Journal of Sport Management	2005	Christine Green	Building sport programs to optimize athlete recruitment, retention, and transition: toward a normative theory of sport development
Journal of Sport Management	2008	Popi Sotiriadou David Shilbury Shayne Quick	The attraction, retention/transition, and nurturing process of sport development: some Australian evidence
